# A RELAÇÃO DE VINCULAÇÃO ENTRE O EDUCADOR DE INFÂNCIA E A CRIANÇA

## ESTUDO DE CASO

---

Bruna Alexandra Nogueira Tavares

Prova destinada à obtenção do grau do Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar

Janeiro 2025

Versão Final

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

Prova destinada à obtenção do grau de Mestre em Educação

Pré-Escolar

# A RELAÇÃO DE VINCULAÇÃO ENTRE O EDUCADOR DE INFÂNCIA E A CRIANÇA

## ESTUDO DE CASO

Autora: Bruna Tavares

Orientadora: Doutora Rita Brito

Janeiro de 2025

“Olho e sou visto, logo, existo”

Winnicott

Agradeço a….

Deus pela força, pela saúde e pela resiliência nos momentos mais desafiadores.

À humanidade, por ser a motivação para o meu estudo sobre educação.

Aos meus pais, Rui e Carla, pela paciência, pelo amor, pelo apoio incondicional, pelos valores, pelo exemplo de educação e sobretudo pelos valores transmitidos para ser a pessoa que sou hoje.

À minha irmã, Beatriz, por estar sempre presente e acreditar em mim. A tua capacidade de me fazer rir nos momentos mais difíceis foram um alívio essencial durante este percurso.

Ao meu namorado, Augusto, por ser tão paciente e compreensivo. Obrigada por estares ao meu lado, a encorajar-me nos desafios e, claro, por celebrares comigo cada vitória que surgia pelo caminho. Sem ti, este caminho teria sido bem mais solitário e difícil. Obrigada por acreditares em mim e por fazeres partes deste capítulo tão importante da minha vida.

A todos os meus amigos, por compreenderem as minhas ausências.

À Mariana Nunes e à Raquel Rebelo por serem tão importantes nesta jornada, pelos momentos vividos e sobretudo pela paciência.

À Matilde Gago, por se revelar uma grande amiga e uma total inspiração em relação à Educação.

Às Educadoras do Jardim das Brincadeiras, Teresa, Filipa, Andreia e Liliana, que me ensinaram a priorizar o que de mais importante existe na Educação, o cuidado, o amor, o respeito e a capacidade de ver cada criança como única. Sem dúvida que tiveram um papel crucial na construção dos valores e aprendizagens que carrego para a vida.

À Teresa Garcia, que pela sua visão humana e sensível transformou a forma como encaro a Educação, mostrando-me que é através do vínculo, do respeito mútuo e da liberdade que se constroem verdadeiras aprendizagens. A sua dedicação e exemplo marcaram o meu percurso.

À Maria Tomaz, por ser quem é, pela sua paciência, compaixão e sobretudo pela sua vontade. A sua dedicação e sabedoria marcaram profundamente o meu percurso, deixando um legado inesquecível. Sou eternamente grata por ter entrado na minha vida.

À diretora da creche do CRID, Andreia Joaquim, por ter acreditado em mim.

Ao ISEC Lisboa pelas vivências que me serviram para construir aquele que é hoje o meu paradigma sobre educação.

À professora e orientadora Rita Brito, pelo incansável acompanhamento. Pelo apoio pela partilha e pela conquista.

## Resumo

O presente Relatório Final, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, é o resultado de uma Investigação Qualitativa em Educação, mais concretamente um Estudo de Caso, com a problemática: "***De que forma o comportamento da criança é influenciado pela Relação de Vinculação com o seu Educador de Infância".***

Durante um ano letivo, o comportamento de uma Criança (ao longo deste trabalho será denominada por A. devido a questões de anonimato) com 3 anos de idade, foi observado e registado em notas de campo e foram realizadas entrevistas a sete adultos que fizeram parte da vida desta mesma criança, durante o mesmo período de tempo. A observação e registo dos factos e as considerações dos entrevistados, todos analisados posteriormente tendo como orientação três questões de investigação, teve como objetivo compreender se o comportamento da criança se transformou ao longo do tempo e se essa transformação esteve diretamente relacionada com a Relação de Vinculação entre a própria criança e a sua Educadora de Infância.

Os dados recolhidos foram alvo de uma análise de conteúdo e, após a sua análise, foi possível constatar que houve uma relação direta entre: i) a construção de uma Relação de Vinculação entre a Educadora de Infância e a Criança e ii) o comportamento desta mesma Criança consigo própria, os seus pares e com o ambiente educativo, esta Relação de vinculação demonstrou ser um elemento crucial para o desenvolvimento socio emocional da criança, influenciando positivamente a sua capacidade de estabelecer laços de confiança e explorar o meio que a rodeia. À medida que a Educadora de Infância e a Criança se tornaram mais próximas, com uma relação mais coesa e afetiva, a criança sentiu-se mais segura e confiante na relação consigo própria e com os outros, na capacidade de expressão e comunicação e na participação nas atividades do quotidiano e nas atividades pedagógicas.



Palavras-chave: Relação, Vinculação, Educador de Infância, Criança, Comportamento.

## Abstract

This Final Report, carried out as part of the Master's Degree in Pre-School Education, is the result of Qualitative Research in Education, more specifically a Case Study, with the problem: “How a child's behavior is influenced by the Bonding Relationship with their Kindergarten Teacher”.

Over the course of a school year, the behavior of a 3-year-old child (who will be referred to as A. throughout this work for reasons of anonymity) was observed and recorded in field notes, and interviews were conducted with seven adults who were part of this child's life during the same period of time. The purpose of observing and recording the facts and the interviewees' considerations, all of which were later analyzed using three research questions as a guide, was to understand whether the child's behavior changed over time and whether this transformation was directly related to the bonding relationship between the child and her kindergarten teacher.

The data collected was subjected to content analysis and, after analysis, it was possible to see that there was a direct relationship between: i) the construction of a Bonding Relationship between the Kindergarten Teacher and the Child and ii) the Child's behavior towards herself, her peers and the educational environment, this Bonding Relationship proving to be a crucial element in the child's socio-emotional development, positively influencing their ability to establish bonds of trust and explore their surroundings. As the kindergarten teacher and the child became closer, with a more cohesive and affective relationship, the child felt more secure and confident in their relationship with themselves and others, in their ability to express themselves and communicate, and in their participation in everyday activities and teaching activities.

Keywords: Relationship, Attachment, Kindergarten teacher, Child, Behavior.

# Índice Geral

**Introdução** ..... **1**

**Capítulo 1 - Revisão da literatura** ..... **4**

1.1.O papel do Educador de infância na Creche ..... 4

1.2 A Relação de Vinculação ..... 8

1.3 Áreas de Experiência e Aprendizagem em Creche ..... 12

1.3.1. Área de Experiência e Aprendizagem – Bem-estar e Saúde ..... 13

1.3.2. Área de Experiências e Aprendizagens – Identidade Pessoal, Social e Cultural ..... 14

1.3.3. Área de Experiências e Aprendizagens – Comunicação, linguagens e práticas culturais ..... 16

1.4 Características da Criança no final do período de Creche ..... 20

**Capítulo 2 – Problematização e Metodologia** ..... **25**

**2.1 Problema, objetivos e questões de investigação** ..... 25

**2.2 Metodologia** ..... 26

**2.4 Participantes** ..... 28

**2.5 Procedimentos** ..... 30

**2.5.1 Procedimentos de recolha de dados** ..... 30

**2.5.2 Procedimento de tratamento e análise de dados** ..... 31

**2.6 Questões éticas** ..... 32

**Capítulo 3 – Resultados** ..... **34**

**Considerações finais** ..... **51**

**Referências Bibliográficas** ..... **56**

**Anexos** ..... **60**

**Índice de Anexos**

Notas de campo ..... 61
Período A - setembro a dezembro ..... 61
Nota de Campo Nº 1 ..... 66
Nota de Campo Nº 2 ..... 66
Nota de Campo Nº 4 ..... 67
Nota de Campo Nº 3 ..... 67
Nota de Campo Nº 5 ..... 68
Nota de Campo Nº 6 ..... 68
Nota de Campo Nº 8 ..... 69
Nota de Campo Nº 7 ..... 69
Nota de Campo Nº 9 ..... 70
Nota de Campo Nº 10 ..... 70
Nota de Campo Nº 11 ..... 71
Nota de Campo Nº 12 ..... 71
Nota de Campo Nº 14 ..... 72
Nota de Campo Nº 13 ..... 72
Nota de Campo Nº 15 ..... 73
Período B – janeiro a abril ..... 74
Nota de campo Nº 16 ..... 75
Nota de campo Nº 17 ..... 75
Nota de campo Nº 18 ..... 76
Nota de campo Nº 19 ..... 76
Nota de campo Nº 20 ..... 77
Nota de campo Nº 21 ..... 77
Nota de campo Nº 22 ..... 78
Nota de campo Nº 23 ..... 78
Nota de campo Nº 24 ..... 79
Nota de campo Nº 25 ..... 79
Nota de campo Nº 26 ..... 80
Nota de campo Nº 27 ..... 80
Nota de campo Nº 28 ..... 81

Nota de campo Nº 29 ..... 81
Nota de campo Nº 30 ..... 82
Período C – maio a julho ..... 83
Nota de campo Nº 31 ..... 84
Nota de campo Nº 32 ..... 84
Nota de campo Nº 33 ..... 85
Nota de campo Nº 34 ..... 85
Nota de campo Nº 36 ..... 86
Nota de campo Nº 35 ..... 86
Nota de campo Nº 37 ..... 87
Nota de campo Nº 38 ..... 87
Nota de campo Nº 39 ..... 88
Nota de campo Nº 40 ..... 88
Nota de campo Nº 41 ..... 89
Nota de campo Nº 42 ..... 89
Nota de campo Nº 43 ..... 90
Nota de campo Nº 44 ..... 90
Nota de campo Nº 45 ..... 91
Entrevistas ..... 92
Anexo 46 – Guião da entrevista ..... 93
Anexo 47 - Entrevista à Educadora de Infância da Criança A ..... 94
Anexo 48 - Entrevista ao Pai da Criança A. ..... 97
Anexo 49 - Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela criança A. ..... 100
Anexo 50 - Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A. ..... 104
Anexo 51 - Entrevista à Mãe da Criança A. ..... 107
Anexo 52 - Entrevista à Terapeuta da Fala que acompanhava a Criança A. .....110
Anexo 53 - Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela criança A .....113
Consentimentos e Autorizações.....117
Consentimento Informado (Mãe da A).....118
Consentimento Informado (Pai da A.) ……..……120

Autorização para divulgação do nome da instituição……120

# Índice de tabelas

Tabela 1 – Notas de campo relativas à questão 1, ao longo do tempo ..... 34
Tabela 2– Notas de campo relativas à questão 2, ao longo do tempo ..... 34
Tabela 3 – Notas de campo relativas à questão 3, ao longo do tempo ..... 35

**Lista de abreviaturas**

RFM - Relatório Final de Mestrado

A – Abreviatura do nome da Criança do

# Introdução

A realização deste Relatório Final de Mestrado é o culminar de um caminho de crescimento e maturação pessoal e profissional, desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos. Durante este período de entrega e dedicação, tive oportunidade de refletir sobre a profissionalidade docente e ir construindo um paradigma sobre Educação.

Ao longo da Licenciatura em Educação Básica criei alicerces sobre o conceito de Educar e, mais tarde, no Mestrado em Pré-Escolar especializei os meus conhecimentos e reflexões sobre as necessidades das crianças na primeira e na segunda infância.

Este percurso, realizado no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa), preparou-me para a vida profissional, mas principalmente para ser uma Educadora de Infância presente e totalmente comprometida com a Vida e a Pessoa que cada criança é.

Nesse sentido, e porque acredito que devo ser uma Educadora coerente com os meus princípios e valores e com a educação que recebi, decidi que este Relatório Final de Mestrado deveria ser uma oportunidade privilegiada para aprofundar conhecimentos sobre uma temática muito especial para mim: A Vinculação.

A elaboração do Relatório Final de Mestrado teve o seu início durante as aulas da Unidade Curricular Relatório Final, e nessa fase determinei a temática e os objetivos da investigação. Contudo, foi durante a Iniciação à Prática Profissional (IPP) em Creche que desenvolvi o trabalho investigativo, sobretudo através da observação e registo de notas de campo. Uma vez que trabalhei na instituição onde realizei o último período de IPP, pude estender o período de observação e recolher dados durante 11 meses, tornando a investigação mais completa e credível.

Comecei por definir a seguinte problemática: ***De que forma o comportamento da criança é influenciado pela Relação de Vinculação com o seu Educador de Infância?,*** não só para dar resposta aos meus interesses, à minha vontade de saber mais sobre este tema, mas também para desenvolver um Estudo de Caso sobre uma criança com 3 anos, que chamou a minha atenção de uma forma especial, por apresentar alguns comportamentos preocupantes. Era uma criança bastante solitária, com sinais de indiferença em relação a si própria, que não procurava o adulto e os outros, e tinha muita dificuldade na expressão e comunicação de sentimentos, vontades e até necessidades. Estava muitas vezes "perdida" na sala e nos vários espaços da instituição, distante e

muitas vezes “ausente”. Senti que perante esta situação, tinha de investir na criança e de através da observação do seu comportamento, tirar conclusões de como a Relação de Vinculação com o Educador de Infância poderia influenciar o seu comportamento.

Para além de uma motivação interna muito forte e de conviver com esta criança, durante o período em que decorreu esta investigação senti-me mergulhada num contexto de Educação de Infância em que a Relação de Vinculação é muito valorizada. O meu estágio ou período de IPP foi realizado numa sala de Creche, com crianças de 2-3 anos, numa instituição particular situada em Sintra, o Jardim das Brincadeiras, adiante designado JB. No website desta instituição pode ler-se: “A nossa prioridade é estabelecer uma verdadeira Relação Afetiva com cada criança. Nos primeiros, e em todos os dias, acolhemos cada uma com Amor e Segurança. Protegemos, cuidamos, abraçamos, mimamos, para que se sintam desejadas, vinculadas, amadas e com sentido de pertença.” (Jardim das Brincadeiras, 2023, p. 3)

Para materializar a minha investigação fiz uma observação sobre o comportamento da criança já referida anteriormente, em três áreas distintas: na relação consigo mesma e com os outros; na capacidade de expressão e comunicação; e na autonomia e participação nas rotinas e atividades pedagógicas. Pelo cruzamento de dados concretos, conseguidos pela observação direta em notas de campo e recolha de informação em entrevistas, foi possível relacionar a evolução da Relação de Vinculação com a transformação do comportamento da criança.

Este Relatório Final regista e relata toda a investigação realizada e está organizado da seguinte forma:

- na Introdução é contextualizado o Relatório Final de Mestrado, apresentada a motivação para o estudo e o objeto da investigação, assim como a organização das várias partes e capítulos do trabalho;
- o Capítulo I, a Revisão da Literatura, é o capítulo dedicado à fundamentação teórica sobre o tema de investigação. São aprofundados conceitos como Relação, Vinculação e são caracterizados os comportamentos das crianças entre os dois e os três anos de idade;
- no Capítulo II é apresentada a problematização, os objetivos, as questões e a metodologia de investigação;
- o Capítulo III é o capítulo dos Resultados, em que são apresentados e analisados os dados recolhidos;

- as Considerações Finais correspondem ao último capítulo do Relatório. Neste capítulo as perguntas de investigação são respondidas e são apresentadas as conclusões.

Na minha perspetiva, nunca será demais investigar e refletir sobre Vinculação, porque é uma necessidade fundamental do Ser Humano. Segundo Bowlby, referido por Montagner, a Vinculação é "todo o comportamento do recém-nascido que tem como objetivo criar e manter a proximidade ou o contacto com a mãe, ou a pessoa que a substitua (…)" (Gamito. P, 2013), o que significa que, desde o nascimento até ao fim da vida, todos os seres humanos têm a necessidade de estabelecer relacionamentos afetivos e emocionais com outros membros da sua espécie. Ou, por outras palavras, desde o nascimento até ao fim da vida, todos os seres humanos têm necessidade de estabelecer relações de Vinculação!

# Capítulo 1 - Revisão da literatura

Neste capítulo, onde está apresentada a revisão da literatura, serão abordados alguns conceitos e teorias que sustentarão esta investigação.

## 1.1.O papel do Educador de infância na Creche

De acordo com a definição do Ministério da Segurança Social, "considera-se creche a resposta social, desenvolvida em equipamento, que se destina a acolher crianças de idades compreendidas entre os 3 meses e os 3 anos, durante o período diário correspondente ao trabalho dos pais." (Pinto da Rocha, Couceiro, & Reis Madeira, dezembro de 1996). Assim, em muitos casos, a creche representa o primeiro ambiente social, para além da família, em que a criança, ainda muito jovem, se integra, sendo que nessas situações a entrada na creche corresponde também ao primeiro momento de separação entre a criança e a mãe ou figura materna. Neste sentido, o Educador de Infância na creche assume um papel essencial no acolhimento da criança, atuando como a figura de referência, que substitui temporariamente a mãe. (Lipp, 2002)

Em contexto de creche, o Educador de Infância deve, por isso e em primeiro lugar, identificar e atender às necessidades básicas dos bebés e das crianças, garantindo a sua segurança física e emocional e o seu bem-estar. "Considerar a criança nos primeiros anos de vida enquanto pessoa com direitos implica também reconhecer a sua vulnerabilidade e o seu direito à proteção. Assim, a salvaguarda do bem-estar físico e emocional de bebés e crianças deve representar uma prioridade quotidiana nos contextos de creche." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 18).

Gabriela Portugal (2000) afirma que "O bem-estar e o progresso das crianças em creche exigem profissionais com um profundo entendimento sobre o comportamento e o desenvolvimento infantil." (p. 27) O Educador de Infância em creche deve, então, ter formação e conhecimentos técnicos, adequados e aprofundados sobre a criança, as suas necessidades e o seu desenvolvimento, mas deve também ter e desenvolver competências pessoais, como a sensibilidade e a empatia, para que seja capaz de desenvolver relações com cada criança. As Orientações Pedagógicas para a Creche (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024) são muito claras nesta orientação aos Educadores de Infância, justificando a importância das primeiras relações: "Nos primeiros anos de vida, a qualidade das relações e interações é particularmente significativa na forma como a

criança se relaciona com ela própria, com os outros e com o mundo físico, social e cultural. A segurança e confiança emocional e afetiva de que a criança necessita para explorar e experienciar dependem de relações de respeito, afeto e apoio às suas iniciativas. O/a educador/a de infância constitui uma figura de referência com o papel central de criar e manter relações positivas e seguras com a criança, só possíveis quando esta experiência atenção e acompanhamento individualizados, um interesse sensível e genuíno pelas suas perspetivas, intenções e emoções, e uma parceria autêntica nas brincadeiras. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 18)

Depreende-se daqui que o papel do Educador de Infância na creche é fundamental para a vida da criança, não podendo ser desvalorizado. Fontes (1998) afirma inclusivamente que "não só são necessários Educadores na creche como também que os melhores devem estar na creche, pelo tipo de atitudes e pela qualidade do apoio que é fornecido às crianças" (p. 53)

As relações de afeto e empatia que o Educador de Infância em creche desenvolve com as crianças contribuem para que estas adquiram uma sensação de confiança no ambiente que as rodeia. "Quando os adultos são meigos e pacientes, as crianças aprendem a apreciar essas qualidades e, ao lidarem uns com ou outros, poderão elas próprias exibir essas qualidades" (Hohmann & Weikart, 2007, p. 75). Segundo Portugal (2000) o educador deve promover o desenvolvimento de relações baseadas na confiança e satisfação, recorrendo aos seguintes comportamentos:

- Através de atenção, gestos, palavras e atitudes;
- Definir limites claros e seguros de que proporcionem à criança uma sensação de proteção em relação a decisões e escolhas para as quais ainda não possui maturidade adequada;
- Facilitar o desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança da criança sempre que adequado;
- Demonstrar capacidade de empatia e responsabilidade, incentivando verbalmente a criança, promovendo a sua linguagem por meio de interações recíprocas, e favorecendo o seu desenvolvimento sócio emocional;
- Propor atividades estimulantes e envolventes que proporcionem à criança oportunidades de concentração, descoberta e satisfação pelo sucesso alcançado;
- Ter a capacidade de conciliar o jogo com as necessidades das crianças.

Neste sentido, e tal como referido nas Orientações Pedagógicas para a Creche, ao Educador de Infância em creche é exigida uma grande responsabilidade. (p. 64) Esta

responsabilidade deve-se ao facto de as primeiras interações e relações da vida da criança serem muito importantes. De acordo com com as Orientações Pedagógicas para a Creche, "As experiências de interação positivas desde o nascimento permitem às crianças desenvolver um forte sentido de segurança, identidade e pertença e construir uma imagem positiva de si mesmas. Quando as crianças constroem uma identidade própria e um sentimento de pertença mostram interesse pelos outros e experienciam fazer parte de um grupo, participando em brincadeiras e outras oportunidades de aprendizagem." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 64).

De facto, os bebés e crianças pequenas, são naturalmente curiosas, interessadas e motivadas para explorarem tudo o que está à sua volta. Segundo os termos das Orientações Pedagógicas para a Creche, as crianças têm um ímpeto exploratório, que as faz querer interagir com tudo, sendo que aprendem através dessa interação "com pessoas e objetos, da observação, da exploração, da experimentação, da comunicação, em experiências imersivas e contextualizadas". (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 17).

Contudo, a criança só consegue interagir com o meio, se se sentir segura e confiante. Nesse sentido, o Educador de Infância em creche tem de ser uma figura de referência para a criança, mostrando-lhe que a sua presença é permanente e consistente. Como salienta Bowlby (1988), a presença consistente de um adulto de referência é fundamental para a criação de uma relação segura com a criança, a qual sustenta o seu desenvolvimento emocional equilibrado e a capacidade de estabelecer relações saudáveis ao longo da vida. Também as Orientações Pedagógicas para a Creche fazem referência à importância da consistência, ao destacar que "A consistência das respostas dadas aos bebés e crianças mais novas e a estabilidade dos vínculos constituem condições de relevo para que sejam capazes de confiar, prever e ganhar um sentido de controlo sobre o seu mundo imediato." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 19).

Assim, é possível compreender que uma das condições necessárias para a conduta de um Educador de Infância em creche é a sua presença, permanência e consistência. Um Educador que demonstra consistência nas suas ações e palavras, ajuda a criança a criar uma sensação de estabilidade, o que, por sua vez, reduz a ansiedade e encoraja a exploração e a aprendizagem ativa. (Trevarthen, 2020). Ser um Educador consistente influencia positivamente o comportamento e a capacidade de autorregulação das crianças, pois como defende Bronson (2022) a previsibilidade permite que as crianças

compreendam o que é esperado delas, facilitando o desenvolvimento de competências de autocontrolo das mesmas.

A presença e permanência do Educador de Infância em creche possibilita uma continuidade e profundidade na relação entre Educador de Infância e criança, que permite ao Educador de Infância conhecer e compreender melhor as características, necessidades individuais e interesses de cada criança, olhando para ela de uma forma particular. Com esta compreensão, o educador consegue não só adaptar as suas práticas pedagógicas de forma a promover o crescimento e o bem-estar de cada criança, criando um ambiente verdadeiramente inclusivo e acolhedor (Noddings, 2020), como consegue também estabelecer relações únicas com cada criança, fundamentais para a construção da identidade de cada uma. De acordo com as Orientações Pedagógicas para a Creche "o reconhecimento e a valorização das características únicas de cada criança e da sua agência são essenciais para a construção de relações caracterizadas pela confiança, pela sintonia interpessoal e pela reciprocidade." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 19) No mesmo documento, refere-se ainda que "São necessárias relações e ambientes de creche que respeitem o valor intrínseco de cada criança, os ritmos, necessidades e preferências individuais, bem como o papel ativo de cada uma na constituição da sua identidade e na sua aprendizagem. A salvaguarda dos direitos das crianças em creche implica o respeito inegociável por uma imagem de criança com direito a ser escutada e a influenciar o mundo que a rodeia." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 17).

O Educador de Infância tem, por isso, um papel crucial na construção da identidade, mas também da autoestima das crianças, nesta fase inicial. Martha Bronson (2022) refere que as crianças nesta faixa etária começam a construir a sua auto-imagem a partir do feedback recebido das figuras significativas da sua vida, da família e da comunidade escolar. Um Educador de Infância que encoraja e festeja os sucessos da criança, valida os seus esforços e oferece orientação nas dificuldades, contribui para a construção de uma autoestima saudável e de uma atitude resiliente perante desafios. Este apoio é especialmente importante nesta fase em que a criança está a explorar o mundo de forma mais autónoma e a testar os seus próprios limites.

Esta atitude de acompanhamento por parte do Educador de Infância, mantendo-se disponível sem ser intrusivo, incentiva as crianças a fazerem descobertas de forma autónoma, sendo que o objetivo desse posicionamento é permitir que a criança assuma o controlo sobre o seu ambiente físico e social. (Figueira, 1998) No mesmo sentido,

Gabriela Portugal (1998) afirma que a função dos adultos na creche não consiste em acelerar o desenvolvimento da criança, mas em assegurar que as suas experiências e rotinas diárias lhe proporcionem segurança emocional e motivação para agirem com liberdade e autonomia. Este suporte é essencial para o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem ao longo da vida.

A figura presente que o Educador de Infância é, torna-o uma figura de referência também enquanto modelo, exemplo de conduta e inspiração, desempenhando, por isso, um papel central na formação integral dos indivíduos. Por essa razão, a sua influência estende-se para além do espaço escolar, abrangendo dimensões éticas e sociais. De acordo com Philippe Meirieu (2021), as crianças aprendem não só pelos conteúdos ensinados, mas também pelo exemplo ético e comportamental que o Educador transmite no dia-a-dia.

A responsabilidade que o Educador de Infância assume enquanto modelo estende-se também às famílias das crianças. Mantendo a consciência de que deve ser exemplo, o Educador de Infância deve ampliar o seu olhar e a sua intervenção, criando relações e cooperações com as famílias das crianças, com abertura, empatia e compreensão. De acordo com as Orientações Pedagógicas para a Creche, o fortalecimento das relações entre a creche e as família tem-se revelado "um dos fatores de qualidade das instituições para a infância com impacto mais positivo nos percursos de vida das crianças." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 20) No mesmo documento é explicado que o "diálogo e colaboração com as famílias são bases para a criação de coerência e continuidade entre estes dois contextos, condições de grande relevância para o bem-estar físico, emocional e social das crianças, para a constituição das suas identidades e para o seu sentido de pertença." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 21)

## 1.2 A Relação de Vinculação

A Vinculação é um fator fundamental da vida humana, que acompanha o Ser, desde o nascimento até à morte. Bowlby defende que os seres humanos nascem com um sistema psicobiológico, sistema comportamental de Vinculação, que os impulsiona a procurar proximidade com outras pessoas, as figuras de Vinculação. (Attachment and loss: Attachment, 1969)

John Bowlby (1969) é conhecido como o fundador da Teoria da Vinculação, tendo desenvolvido os primeiros fundamentos em 1958. Com base nas suas observações iniciais, dedicou-se à compreensão e explicação dos efeitos da falta de cuidados maternos, da separação e da perda da figura materna, iniciando, desta maneira, os estudos sobre a natureza e qualidade da vinculação mãe-bebé (Ainsworth & Bowlby, 1992). Nos seus estudos e investigações, Bowlby observou que as crianças privadas de cuidados maternos tendiam a desenvolver-se como jovens desprovidos de afeto e, mais tarde, como adultos emocionalmente distantes, com relacionamentos superficiais, comportamentos hostis e inclinações antissociais. Ou seja, a Teoria da Vinculação sustenta que um forte vínculo emocional com o cuidador principal é essencial para o desenvolvimento saudável, tanto social como emocional, da criança, e que problemas na criação desse vínculo nos primeiros anos de vida podem levar a comportamentos atípicos e dificuldades na regulação das emoções, ao longo da vida. (Nezworski, 1988).

John Bowlby entendia a Vinculação como uma capacidade natural dos recém-nascidos de se apegarem aos pais ou aos adultos de referência, especialmente aos que cuidam deles e com quem convivem diariamente. Conforme a teoria de Bowlby, Soares acredita que "(…) a relação de vinculação é crucial para a sobrevivência, uma pré-condição para todas as interações humanas significativas e a chave para a segurança psicológica." (Soares, 2009, p. 38)

O sistema comportamental de Vinculação representa um modelo/esquema que envolve o indivíduo e as suas figuras de afeto, através do qual a criança percebe o mundo e orienta as suas relações interpessoais. A razão pela qual este sistema evoluiu e se encontra enraizado na natureza humana deve-se ao seu papel na evolução, uma vez que ofereceu uma solução para um dos principais desafios adaptativos dos nossos antepassados: como aumentar as probabilidades de sobrevivência durante os anos mais vulneráveis da nossa vida? (Bowlby J. , 1982)

De acordo com John Bowlby (1969), a Relação de Vinculação pode ser definida pela presença de quatro pontos-chave:

**- Procura de proximidade à figura de vinculação,** que é influenciado, segundo Bowlby, por diversos fatores fulcrais, como a idade, o temperamento e o histórico. De acordo com Bowlby (1988) a Relação de Vinculação é monotrópica, o que significa que existe apenas uma figura de vinculação e que "…é devido à tendência marcada para a monotropia que nós somos capazes de sentimentos profundos" (Bowlby J. , 1988). O mesmo autor não

descartou a possibilidade de existirem outras vinculações secundárias, mas sustentava que deveria haver uma ligação primária que é significativamente mais importante.

**- Efeito base segura;** este termo refere-se ao efeito fornecido pela figura de Vinculação, que gera na criança uma sensação de segurança e proteção, permitindo-lhe explorar o ambiente de forma gratuita e satisfatória. (Holmes, 1993)

**-Abrigo seguro,** onde a criança pode regressar, depois de explorar e arriscar, e onde experimenta sentimentos de segurança e retorno à calma e serenidade. (Holmes, 1993)

**- Protestos na separação,** expresso por meio de choro, gritos e outros comportamentos. São reações naturais da criança perante o afastamento da figura de vinculação, percebido pela própria criança como uma ameaça. (Holmes, 1993)

De acordo com estes pontos-chave, é perceptível que, quando o cuidador está presente, o sistema de vinculação permanece em estado de segurança, permitindo que a criança seja livre e espontânea para viver e explorar. No entanto, se o cuidador estiver ausente ou não responder especificamente, o sistema de vinculação é ativado, levando a protestos de separação. (Bowlby J. , 1982)

Durante o primeiro ano de vida, através de interações frequentes com as figuras cuidadoras, a criança desenvolve progressivamente um conjunto de perceções e expectativas, tanto em relação à acessibilidade e capacidade de resposta dessas figuras, como em relação a si própria, no que diz respeito ao seu valor pessoal e à sua capacidade de influenciar os outros. (Soares, 2009). Dessa maneira, o vínculo estabelecido, aliado à formação de representações mentais, impacta a organização do comportamento. Mais tarde, já na fase final da creche, mais precisamente a partir dos 2 anos, a criança começa a perceber que o cuidador é independente, pois existe uma atenuação do egocentrismo da criança. (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) Contudo, estabelecer vínculos seguros é essencial para todas as crianças, desde o nascimento e independentemente da idade, e isso "implica ter adultos atentos, afetuosos, consistentes, disponíveis e empáticos como fonte de conforto e de segurança." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 65)

Com experiências de relações positivas, afetuosas, seguras, de verdadeira vinculação, as crianças "desenvolvem uma compreensão de si mesmas como significativas e um sentimento de pertença." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 65)

Lourdes Mata (2023) defende que o Pertencer é um elemento central para o Ser e para o Tornar-se. Explica que o reconhecimento de onde e a quem se pertence tem uma

centralidade na nossa existência, pois "a interdependência e as relações com os outros são a base para todo o desenvolvimento e aprendizagem". O Pertencer está profundamente ligado à construção de vínculos e à aceitação por outros, pelo que o sentimento de pertença surge como essencial para a formação de um sentido de segurança e identidade. Só com relações de vinculação seguras e com o sentimento de pertença, a criança pode compreender-se como significativa e ter, assim, liberdade para Ser com autenticidade. "O Ser foca-se no momento presente, essencial para o conhecimento de si no confronto com as alegrias, as tristezas, as complexidades, os sucessos e os desafios." (Mata, 2023) Consequentemente, "Quando existem condições para Pertencer e Ser, permitimos e facilitamos o Tornar-se, que reflete as mudanças na identidade, nos conhecimentos, nas competências, nas relações e que, assim, permite atingir os objetivos pessoais que se vão colocando." (Mata, 2023)

As Relações de Vinculação, preferencialmente afetivas, têm então uma enorme importância para a criança e para a construção da sua identidade, do seu eu/*self*. Como afirmou João dos Santos (Santos, 1987) "a criança é um ser em construção, que precisa de apoio contínuo para integrar as suas vivências emocionais e as suas aprendizagens". Esse apoio é essencial para que a criança desenvolva uma autorregulação emocional e, consequentemente, um s*elf* resiliente e estável, o que por sua vez é essencial para a sua saúde mental.

De facto, por esta associação de ideias e pelo que nos diz João dos Santos (1987), a Educação não pode ser vista separadamente da Saúde Mental. As relações construídas nos primeiros anos de vida em contexto de creche e os ambientes educativos têm de oferecer suportes emocionais e valorizar a expressão emocional das crianças, para promover a sua saúde mental e a formação de um *self* robusto e integrado. João dos Santos defende inclusivamente que Saúde Mental e Educação devem ser vistas como pilares complementares do desenvolvimento infantil, especialmente em fases tão sensíveis como a primeira infância. (Santos, 1987)

Em suma, o modo como as relações de vinculação se desenvolvem nos primeiros anos têm uma enorme importância para a vida da criança, enquanto pessoa, devendo por isso o Educador de Infância ser responsável por "promover a construção de uma vinculação segura com cada criança (...)". (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 59)

Uma criança que tenha uma Relação de Vinculação com a figura de referência desenvolverá uma perceção do outro como alguém protetor, responsivo,

permanente, confiável. Esta relação fará também com que a criança construa uma perceção de si mesma como Ser, como Pessoa que existe, merecedora de amor, segurança, atenção e carinho. Os vínculos estabelecidos com os cuidadores no início da vida fornecem à criança um modelo básico de relação consigo mesma e com os outros, que terá influência em todas as suas relações, da vida presente e do futuro, tal como nos explicou John Bowlby (1988), o criador da Teoria de Vinculação.

## 1.3 Áreas de Experiência e Aprendizagem em Creche

Tendo por base o documento orientador das práticas pedagógicas em creche - Orientações Pedagógicas para a Creche - são definidas áreas de experiência e aprendizagem para esta valência, que guiam o trabalho do Educador de Infância. As áreas de experiência e aprendizagem apresentadas nas Orientações Pedagógicas para a Creche fazem a relação entre, por um lado, o desenvolvimento e aprendizagens das crianças e, por outro, os contextos e os processos que devem ser experienciados pelas crianças, uma vez que são facilitadores do próprio desenvolvimento e aprendizagem. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 55)

Uma vez que "as áreas de experiência e aprendizagem situam-se na interface entre as experiências e situações quotidianas vivenciadas pelos bebés e crianças e as aprendizagens que realizam em termos de conhecimentos, competências, disposições e atitudes." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 55), as áreas de experiência e aprendizagem propostas pelas Orientações Pedagógicas para a Creche ajudam o Educador, não só a planificar a sua ação, mas antes disso, a observar e caracterizar cada criança, identificando as suas necessidades. Neste sentido, o presente subcapítulo apresenta as três áreas de experiência e aprendizagem, complementadas com literatura que corrobora com o seu conteúdo, uma vez que esta teoria é fundamental para a recolha de dados do Estudo de Caso enunciado neste Relatório Final de Mestrado.

Segundo as Orientações Pedagógicas para a Creche, são definidas três áreas de experiência e aprendizagem em creche: Bem-estar e Saúde; Identidade Pessoal, Social e Cultural; Comunicação, Linguagens e Práticas Culturais.

### 1.3.1. Área de Experiência e Aprendizagem – Bem-estar e Saúde

De acordo com as Orientações Pedagógicas para a Creche, desde os primeiros anos de vida que existe uma ligação indissociável entre o Bem-estar e a Saúde. A saúde física e mental e o estado de bem-estar físico, mental e social estão correlacionados. É, por isso, imprescindível que os ambientes físicos e humanos de creche, experienciados pelos bebés e crianças mais novas, tenham a qualidade necessária. "O bem-estar depende das condições criadas ao nível do ambiente experienciado pelos bebés e crianças e, especificamente, da qualidade das respostas às suas necessidades físicas e emocionais de afeto, de segurança, de continuidade, de reconhecimento e de se sentir competente." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 57)

Neste sentido, o bem-estar, e consequentemente a saúde da criança, estão dependentes da sensibilidade e responsividade do contexto de creche. É, por isso, muito importante dar uma resposta sensível, empática e intencional, às necessidades das crianças. Cabe ao Educador de Infância e outros profissionais dar essa resposta, assim como criar um ambiente de prazer, conforto, e vitalidade, ao longo do dia. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 57)

Ainda de acordo com as Orientações Pedagógicas para a Creche, na área de experiência e aprendizagem Bem-estar e Saúde são consideradas duas componentes e, para cada uma, são apresentadas experiências e aprendizagens que as crianças podem ter em diversas situações.

1) A criança experiência bem-estar físico através do envolvimento em situações quotidianas positivas ao nível da alimentação, higiene, sono/ descanso e movimento.

- utiliza o seu corpo, sentidos e movimento para construir conhecimento e compreensão acerca de si, dos outros e do mundo (por exemplo, aprecia e explora novos sabores, odores ou sons);
- comunica verbal e/ou não verbalmente necessidades e preferências ao nível da alimentação, sono/ descanso e atividade física;
- participa e é progressivamente autónoma no cuidado de si (autocuidado);
- conhece e utiliza de forma crescentemente autónoma práticas culturais no cuidado de si.

2) A criança experiência bem-estar emocional e aprende progressivamente acerca das emoções e da sua regulação na relação consigo e com os outros.

- manifesta (auto)confiança e abertura aos desafios;
- expressa emoções e sentimentos (alegria ou tristeza, conforto ou desconforto), verbal e não-verbalmente, em relação a si e aos outros;
- evidencia vitalidade e satisfação na relação com os outros, adultos e pares;
- demonstra atitudes crescentes de empatia face aos outros, começando por notar as suas expressões de desconforto e progredindo para a tomada de iniciativa para os confortar;
- evidencia satisfação e celebra os seus esforços e realizações;
- solicita apoio ou consolo junto do adulto de referência ou mesmo dos seus pares;
- autorregula-se progressivamente, de forma apoiada, em situações geradoras de frustração;
- tolera um grau moderado de descontinuidade, incerteza ou mudança regula de forma crescente as suas emoções. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 60 e 61)

### 1.3.2. Área de Experiências e Aprendizagens – Identidade Pessoal, Social e Cultural

Nesta área de experiências e aprendizagens é fundamental destacar que "As relações e as interações são a base para a construção da identidade." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 64) e "A sensibilidade que os adultos têm para escutar, compreender e responder às necessidades das crianças, estabelece as bases da perceção sobre si mesmas, sobre o mundo e sobre os outros." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 64)

De facto, é pelas interações e relações que a criança estabelece com as pessoas significativas e com a realidade ao seu redor, que toma consciência de si e dos outros e desenvolve a sua identidade. Reconhecendo que existe e que é Pessoa, a criança tem oportunidade de Ser, como refere Lourdes Mata, acima mencionada. Com uma consciência da sua identidade sente-se bem, compreendendo o seu lugar como membro valioso dos grupos a que pertence. As Orientações Pedagógicas para a Creche referem que "As crianças com sentido de identidade sentem-se confortáveis com as práticas locais,

sociais e culturais importantes nas suas vidas." (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 64), conseguindo, progressivamente, desenvolver a capacidade de fazer escolhas para o seu bem-estar e dos outros. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 65)

A área da Identidade Pessoal, Social e Cultural, considerada pelas Orientações Pedagógicas para a Creche, contempla três componentes. Para cada uma delas são apresentadas experiências e aprendizagens das crianças, em diferentes situações:

1) A criança constrói a consciência de si, identificando as suas características e reconhecendo-se como pessoa única.

- identifica progressivamente as suas próprias características (nome, género, idade);
- se identifica a si própria numa fotografia ou num espelho (sorri, balbucia, palra, toca ou diz o seu nome quando observa/vê a sua imagem);
- identifica partes do seu corpo e do corpo de outros;
- manifesta um sentimento de confiança em si própria e nos outros (faz algo por iniciativa própria, partilha objetos com os outros; dá a mão a outra criança ou ao adulto);
- reconhece a sua pertença a diferentes grupos sociais e suas culturas (grupo da creche, família, comunidade);
- identifica e reage, progressivamente, de forma positiva, a semelhanças e diferenças entre as pessoas.

2) A criança desenvolve autoconfiança e autonomia quando faz escolhas, toma decisões e resolve problemas.

- revela uma imagem positiva de si própria (quando partilha com o/a educador/a e as outras crianças o que descobriu ou realizou; sorri quando em grupo é mostrada a fotografia da sua família);
- resolve problemas e persiste perante desafios que surgem nas suas explorações e brincadeiras experimentando diferentes estratégias, progressivamente mais complexas;
- ajuda outra criança a resolver problemas e a enfrentar desafios faz escolhas e toma decisões gradualmente mais complexas;

- expressa as suas escolhas ou intenções por gestos ou por palavras (quando aponta na direção de um dos brinquedos, ou estende os braços para uma pessoa, quando chora ou sorri perante determinada situação);
- aceita ou recusa algumas escolhas ou propostas por parte de outrem (pares ou adultos);
- mostra interesse em partilhar as suas realizações com as outras crianças e com adultos;
- reconhece os diferentes momentos da rotina diária e antecipa o que vai acontecer (quando termina uma atividade arrumam-se os objetos).

3) A criança desenvolve sentido de pertença à comunidade de referência, respeitando-se a si e aos outros, aprendendo sobre a diversidade de pontos de vista e de culturas.

- cria relações e interage com os seus pares e com os adultos;
- compreende que as suas ações têm consequências para si e para os outros ouve as ideias dos outros e respeita-as;
- mostra interesse pelos outros e pelas suas experiências;
- participa em brincadeiras colaborativas e noutras oportunidades de aprendizagem;
- reconhece, progressivamente, diversos pontos de vista sobre a mesma situação;

mostra interesse pela diversidade cultural manifestada, por exemplo, através da língua, música, artes plásticas, teatro, dança, património. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, pp. 67-70)

### 1.3.3. Área de Experiências e Aprendizagens – Comunicação, linguagens e práticas culturais

A expressão e comunicação está intrinsecamente ligada ao processo de construção da identidade pessoal, social e cultural de cada pessoa e é muito necessária para o seu bem-estar e desenvolvimento. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 71) “Enquanto seres humanos utilizamos diversas linguagens que permitem significar os mundos físicos, sociais, emocionais, cognitivos e éticos de forma integrada e holística. Estas linguagens múltiplas são parte integrante das diversas atividades humanas que compõem o nosso quotidiano.” (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 71) Loris Malaguzzi, pedagogo e professor italiano, que viveu entre 1920 e 1994,

refere-se às “Cem linguagens da Criança” para explicar que a criança usa, em simultâneo, diversas linguagens, para interagir consigo própria, com os outros e com o mundo.

Nos três primeiros anos de vida, o período da Creche, observam-se importantes aprendizagens e desenvolvimentos na área da expressão, comunicação e linguagens. Contudo, para que tal aconteça, a criança precisa de “adultos e [outras] crianças com os quais estabelece interações contingentes, recíprocas e progressivamente mais complexas enquadradas num quadro de relações positivas e afetuosas.” (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 71)

É, por isso, fundamental que os adultos sejam presentes e próximos, que encorajem a criança a arriscar, a tentar, a errar, a descobrir e a fazer perguntas. Dessa forma a criança constrói uma autoestima positiva, percebendo que tem voz e direito a participar, o que favorece o seu desenvolvimento pessoal, social e cultural. Simultaneamente, através destas relações com os outros e com o mundo, que se faz através de comunicação e linguagens, a criança cria uma representação de si e dos outros e apropria-se “dos elementos culturais e simbólicos próprios da sua cultura de origem ou dos patrimónios culturais desenvolvidos pela humanidade.” (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 71)

Segundo as Orientações Pedagógicas para a Creche, na área de Comunicação, Linguagens e Práticas Culturais são consideradas três componentes, cada uma com diferentes experiências e aprendizagens passíveis de ser observadas:

1) A criança explora o mundo e interage com os outros através do tato, do olhar, do cheiro, dos sons, da fala, do movimento, do brincar.

- chama a atenção dos outros para si própria ou algo que desperta o seu interesse utilizando sons, verbalizações ou movimentos de formas diversas;
- rebola, rasteja, gatinha ou anda para alcançar um objeto, uma criança ou adulto mostra-se atenta a diversos sons, linguagem verbal, gestual ou música;
- explora os objetos e suas propriedades, movimentando-os (por exemplo, batendo com eles no chão ou na mesa), cheirando, ouvindo o som, colocando na boca, deixando cair, explorando a sua textura e cores, compreendendo como funcionam;
- utiliza os objetos como mediadores na comunicação (por exemplo, atira a bola como convite para a brincadeira);
- brinca com os objetos (re)criando diversas possibilidades de utilização.

2) A criança usa diversos modos de comunicar com os outros, crianças e adultos, partilhando objetos, interesses, emoções e sentimentos, e pequenas narrativas.

- mostra alegria, estranheza ou rejeição face a pessoas e situações pela sua postura, por expressões faciais, gestos, vocalizações, pelo que faz ou pelo que diz;
- reconhece pessoas e situações familiares;
- comunica por pequenas verbalizações e palavras utilizando progressivamente frases completas;
- interage com os outros mostrando, progressivamente, empatia, ciúme, vergonha, cativando, utilizando gestos e palavras ou frases;
- dá sentido ao mundo à sua volta, à medida que o vocabulário aumenta, pedindo, negociando, questionando, descrevendo e nomeando os objetos, os elementos do mundo natural e as situações sociais;
- observa e interpreta sinais verbais e não verbais dos adultos de referência (por exemplo, expressões faciais) e utiliza-os para regular a sua ação;
- participa em pequenas conversas respeitando os turnos de fala e procurando uma partilha de significados;
- comunica e expressa-se utilizando o corpo, o movimento e outras formas de representação (por exemplo, dançando, desenhando, cantando);

3) A criança interessa-se e participa progressivamente em diversas práticas culturais e respetivas linguagens.

- se interessa por livros e imagens partilhando significados, pequenas narrativas e histórias;
- narra pequenos episódios da sua vida (por exemplo, “Brinquei com o carrinho da Ana”; “Fui à praia com a avó”) e contribui progressivamente para conversas de pequenos grupos;
- se interessa pela linguagem escrita e reconhece o seu potencial de comunicação (por exemplo, do seu nome e de pequenas narrativas);
- explora os traços feitos com paus, lápis ou pincéis em folhas de papel ou na terra, em que emergem as primeiras representações criativas;
- explora materiais de modelar ou barro reconhecendo as suas características e possibilidades de transformação em objetos tridimensionais, atribuindo-lhes ou não um sentido social;

- explora objetos e faz pequenas construções às quais dá significado inserindo-as em pequenas narrativas (por exemplo, “uma torre”; “os cavalos vão para casa comer”);
- se envolve a brincar sozinha ou com outros, explorando padrões, quantidades, relações espaciais, agrupando, separando, alinhando objetos, contando;
- arruma os materiais em espaços e caixas diferenciadas por categorias como a função, o tamanho ou a pertença individual (chapéus numa caixa, bolas noutra, objetos pessoais em contentores específicos, entre outros);
- participa com prazer em canções, lengalengas, rimas e danças iniciadas por outras crianças ou adultos e progressivamente auto-iniciadas, expressando-se com gestos e movimentos em ritmos diferenciados;
- reconhece e antecipa atividades regulares da rotina quotidiana;
- se movimenta livremente no espaço mostrando conhecimento sobre a localização dos objetos, materiais e das diferentes áreas da sala e da instituição (interior e exterior);
- explora o espaço e experimenta os limites do seu corpo, trepando, rastejando, saltando ou contornando obstáculos;
- utiliza o seu corpo com progressivo domínio para se expressar e realizar diversas atividades e brincadeiras;
- brinca e explora as funcionalidades dos objetos e elementos da natureza, o seu uso social, imitando o que vê os outros fazer ou inventando novas utilizações e funções;
- imita ações humanas ou animais, brinca assumindo papéis familiares utilizando adereços, vozes ou movimentos, sozinha ou em colaboração com outras crianças;
- reconhece a utilidade de elementos tecnológicos na vida quotidiana e utiliza-os para diversos fins reais ou no jogo simbólico (por exemplo, “vamos tirar uma foto”; “vamos telefonar à avó”);
- reconhece progressivamente o impacto da atividade humana no ambiente e a interdependência entre os seres vivos (por exemplo, “temos que regar as flores”; “vamos buscar folhas de amoreira para os bichos-da-seda”);
- interessa-se pelos seres vivos reconhecendo algumas das suas características e necessidades;
- revela progressiva consciência da responsabilidade social e do respeito pelo meio ambiente cuidando tanto dos seus pares, como das plantas e animais;

- se mostra curiosa pelos elementos e fenómenos naturais (por exemplo, água, terra, vento) explorando-os sensorialmente e questionando-se sobre as suas particularidades;
- aprecia experiências de contacto e participação no mundo natural e cultural na comunidade. (Marques, Azevedo, Marques, Folque, & Araújo, 2024, p. 78)

## 1.4 Características da Criança no final do período de Creche

Tendo em conta as Áreas de experiências e aprendizagens apresentadas no subcapítulo anterior, os participantes e as questões de investigação do presente Estudo de Caso, é feita uma caracterização geral do comportamento das crianças no final do período de creche, com idades compreendidas entre os dois e os três anos.

A criança em relação consigo mesma e com os outros

Para Winnicott (1971) e Stern (1985) o desenvolvimento de uma consciência de individualidade e de autonomia sustenta o crescimento emocional e relacional da criança ao longo da sua vida. A relação com o eu e a construção da identidade nas crianças entre os dois e os três anos são processos dinâmicos e multifacetados, que integram fatores biológicos, cognitivos, emocionais e sociais. De acordo com Erikson (1963) ), esta fase corresponde ao estágio de "autonomia vs vergonha e dúvida", em que a criança começa a explorar tudo o que está à sua volta de forma mais independente e a desenvolver uma consciência de si mesma como agente ativo no mundo. A construção da identidade nesta etapa é caracterizada por uma crescente perceção de individualidade, que emerge a partir das interações com os cuidadores e o ambiente social, tal como refere Bowlby (1988).

A construção da identidade resulta, assim, de uma interação contínua entre os aspetos internos da criança, como as suas capacidades cognitivas e emocionais, e os estímulos externos provenientes do ambiente social. Nesse sentido, a interação e relação com adultos é fundamental, assim como a relação com os pares. Segundo Ladd e Coleman (2010), os primeiros momentos de interação das crianças com os seus pares manifestam-se predominantemente em ambientes como a creche. Através dessas experiências, as crianças começam a adquirir competências sociais e a criar vínculos com pessoas da sua idade.

De acordo com Piaget (1932), as interações entre pares oferecem às crianças um contexto essencial para o seu desenvolvimento emocional e social. As crianças, enquanto seres sociais desde o nascimento, manifestam o desejo de criar laços com outros seres humanos, comunicando os seus sentimentos e desejos por meio de sistemas que se tornam cada vez mais complexos. Também Hohmann e Weikart (2011) destacam que as crianças em idade de creche demonstram uma procura ativa pelos seus pares, envolvendo-se em brincadeiras lado a lado, comunicando através da fala ou vocalizações, observando e interagindo de forma lúdica. Essas interações tornam-se progressivamente mais complexas à medida que o seu desenvolvimento cognitivo evolui.

Fochi (2015) concretiza, afirmando que, para a criança, a descoberta do outro envolve um conjunto de ações, como tocar, observar, experimentar, conectar, provar, comunicar, dialogar, aproximar-se, interagir e conviver com o outro, evidenciando que a curiosidade não é um mero acaso. Na criança com uma idade compreendida entre os dois e os três anos, é evidente que, a cada dia, se torna mais sociável, e progressivamente vai compreendendo o seu lugar, o lugar dos outros e a relação entre si e os outros. Por essa razão, nesta idade começa a manifestar comportamentos como reconhecer e nomear membros da família e do grupo de pares; envolver-se e estabelecer contacto ocular durante as conversações; construir brincadeiras paralelas com os pares; demonstrar timidez. Simultaneamente, neste processo de tomada de consciência de si e dos outros, a criança começa a expressar com clareza e impor as suas vontades, como forma de afirmação; tem dificuldade em partilhar brinquedos; pode fazer algumas “birras” quando os acontecimentos não correspondem ao que deseja; tem dificuldade em esperar pela sua vez; tem necessidade de posse (de brinquedos ou outros objetos); e usa muitas vezes a expressão “é meu”.

A expressão e comunicação da criança

“A comunicação faz parte da nossa condição de seres sociais; por mais que tentemos não podemos deixar de comunicar: ação ou imobilidade, palavras, gestos ou silêncio, todos contêm uma mensagem que é percebida pelos pares a que pertencemos”. (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008, p. 52) Desde o nascimento, as crianças exploram várias formas de expressão e comunicação, que lhes permite expressar os seus desejos, estados e conhecimentos e aceder a conteúdos progressivamente mais complexos. Como afirma Sim-Sim, “o ser humano é, por natureza, um comunicador, pelo que comunicar constitui uma experiência central no desenvolvimento da criança”. (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008, p. 29)

Antes de desenvolver a capacidade de falar, os indivíduos comunicam-se através de meios não verbais, como o choro, as expressões faciais e os gestos corporais. A aquisição da linguagem verbal oral é um processo complexo e uma das realizações mais notáveis nos primeiros anos de vida do ser humano. De facto, a aquisição desta linguagem desempenha um papel central nesta etapa, tal como dizem Vygotsky (1978) e Bruner (1990), pois não apenas facilita a comunicação, como também possibilita à criança organizar e expressar pensamentos, sentimentos e experiências. Consequentemente, a capacidade de verbalizar emoções, preferências e ideias permite que a criança construa narrativas sobre si mesma, o que contribui para a formação de um autoconceito e para a construção da sua identidade.

Brazelton & Sparrow (2010) afirmam que o uso de discurso e de palavras de forma assertiva é essencial para uma criança com idade compreendida entre os dois e os três anos, pois as palavras conferem à criança uma nova capacidade de agir sobre si própria e sobre o mundo que a rodeia. Nesta fase, a criança começa a perceber o impacto e a influência que as palavras podem ter no ambiente à sua volta.

No final do período de creche, as crianças "usam bastante vocabulário, fazem frases de três a quatro palavras e participam nas conversas. (…) parece que compreendem tudo o que lhe dizemos e já falam tudo!" (Rombert, 2013, p. 58) Nesta idade, uma vez que já consegue associar um substantivo a um verbo, consegue completar frases, havendo por isso uma enorme vontade por parte da criança para assimilar as novas palavras que vai ouvindo (Brazelton & Sparrow, 2010).

Contudo, para que estas habilidades se desenvolvam, é essencial proporcionar às crianças oportunidades e estímulos apropriados. É crucial motivá-las, desde tenra idade, a cultivar a capacidade de ouvir atentamente e demonstrar interesse pela comunicação. Para além disso, a variedade e a qualidade da linguagem verbal a que as crianças estão expostas diariamente são essenciais para a evolução desta aquisição da linguagem verbal. De facto, quanto mais experiências a criança vivenciar, maior será a sua facilidade em comunicar, uma vez que "A linguagem adquire-se e desenvolve-se através do uso, ao ouvir falar e falando". (Sim-Sim, 1998, p. 33). Trata-se de um processo contínuo, que se constrói através da interação com os outros, não se adquirindo de forma instantânea, mas desenvolvendo-se e aperfeiçoando-se ao longo de toda a vida.

As frases características desta idade, entre os dois e os três anos, são geralmente compostas por três ou quatro palavras, com predominância de substantivos. A criança começa também a utilizar artigos indefinidos, preposições e pronomes e a identificar o

feminino e o masculino. Nesta altura, a criança poderá falar sozinha enquanto brinca, narrando para si própria ações e acontecimentos. Também demonstra capacidade para relatar factos que ouviu ou com os quais teve contacto, mesmo que não os tenha experienciado diretamente, e consegue fazê-lo conjugando os verbos no passado. Abandona o uso de expressões infantis, utiliza com entusiasmo novos vocábulos ao nível gramatical e utiliza mais as palavras e menos o choro para expressar as suas frustrações e angústias. (Sim-Sim, 2006)

A participação da criança nas rotinas e atividades pedagógicas

O desenvolvimento e a aprendizagem da criança são componentes indissociáveis e ocorrem dentro de um contexto social, onde é fundamental que a criança seja ativa. Ao interagir com o meio que a envolve, a criança começa a relacionar-se com outros seres humanos que exibem certos comportamentos que, por vezes, captam a sua atenção e suscitam a sua curiosidade. Como refere Fochi (2015), a curiosidade que o bebé manifesta em relação ao outro é o principal fator que o leva a explorar o mundo à sua volta, ou seja, é o que o faz querer descobrir pela ação. Neste sentido, é possível afirmar que as interações sociais exercem um impacto positivo no desenvolvimento da criança, dado que esta consegue aprendizagens significativas "quando está a interagir com outras pessoas, no seu meio, e em cooperação com os seus pares". (Vygotsky, 1978, p. 90)

Pela interação com os outros, as crianças observam e ganham vontade de experimentar e agir, por isso, reproduzem uma variedade de ações que frequentemente excedem as suas próprias capacidades. Através da imitação, em situações esporádicas e no dia-a-dia, as crianças conseguem aprender e desenvolver-se.

No último ano de creche, as crianças são cada vez mais ativas e participativas nas rotinas e atividades, e fazem-no, progressivamente, com mais autonomia e independência. Têm necessidade de o fazer porque estão a construir e consolidar a sua identidade e querem afirmá-la. Participar, fazer e agir são formas da criança sentir e mostrar o seu eu. Quando agem, as crianças sentem a sua ação e a sua presença no mundo.

Também por isso, nesta idade, as crianças arriscam, testando as suas próprias capacidades, pelo que descobrem todas as potencialidades do seu corpo, como saltar, correr, trepar, pendurar-se. Por outro lado, já têm interesse em participar em atividades de grupo, como as conversas, as histórias, as canções e os jogos de movimento. No dia-a-dia, conseguem alimentar-se sozinhas, fazer a higiene das mãos, descalçar-se e despir-se, deslocar-se no espaço com consciência e orientação e fazer pequenos recados.

“Eu consigo/ eu faço” é uma frase muitas vezes proferida pelas crianças, no último ano de creche. Querem fazer, porque querem ser e porque querem que os outros reconheçam as suas capacidades e, ainda mais, a sua identidade. Nesse sentido, as crianças têm necessidade de repetir o que vêem os adultos e os pares fazer. Vygotsky desenvolveu os seus estudos acerca deste processo e afirma que a aprendizagem humana tem uma natureza social. Defende que a aprendizagem da criança é feita de forma mediada, pelas pessoas que estão à sua volta, adultos e pares, pois considera que são estes que desafiam e estimulam a criança. Neste sentido, Vygotsky apresentou a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), defendendo que a criança procura "aprendizagens eficazes", aquelas que realmente impulsionam o seu desenvolvimento para a frente. (Vygotsky, 1978) Na visão de Vygotsky, o papel (consciente) do Educador e o papel (inconsciente) dos pares consiste em desafiar e apoiar a criança, oferecendo-lhe os estímulos e os recursos necessários para que ela consiga agir, participar e atingir um nível de desenvolvimento superior ao que alcançaria sozinha, sem a presença de outros. Naturalmente, isto fará com que se sinta mais capaz, realizada e com autoestima e autoconceito mais positivos, o que por sua vez é muito importante para a construção da sua identidade, para a sua relação consigo e com os outros. (Fialho, 2022)

# Capítulo 2 – Problematização e Metodologia

## 2.1 Problema, objetivos e questões de investigação

A qualidade da relação entre Educador de Infância e a Criança tem um papel crucial no seu bem-estar e comportamento, e no desenvolvimento emocional, social e cognitivo na criança. Quando o Educador e Infância fomenta o processo de vinculação através de uma resposta cuidadosa e atenta às necessidades da criança, transmite-lhe um sentimento de segurança e confiança que a auxiliará na adaptação e na superação dos desafios do presente e do futuro. Para tal "É preciso um olhar cuidadoso e atento para perceber o que aproxima as crianças. Esse tipo de ação contribui para a consolidação de vínculos afetivos e de vivências" (Ujiie, 2009). No contexto educativo, o vínculo que se estabelece entre ambos ultrapassa a mera interação pedagógica, configurando-se como um elemento determinante para o bem-estar e para a aprendizagem.

Neste sentido, a questão emergente para a realização desta investigação é*:* ***De que forma o comportamento da criança é influenciado pela Relação de Vinculação com o Educador de Infância****?*

Tendo esta pergunta como ponto de partida, este estudo tem como principal objetivo investigar se a Relação de Vinculação estabelecida entre o Educador de Infância e a Criança tem influência no comportamento da própria criança.

Paralelamente, esta investigação tem também como objetivo refletir sobre a Relação de Vinculação, tendo em conta a minha vida profissional enquanto futura Educadora de Infância.

Para que este caminho e investigação se torne mais claro e seja mais fácil observar e categorizar comportamentos, decidi criar três questões de investigação ou três perspetivas de observação:

- 1 - De que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros?
- 2- De que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança?

- 3- De que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas?

## 2.2 Metodologia

A investigação educativa constitui uma atividade essencial para a compreensão dos fenómenos relacionados com a Educação, contribuindo para a melhoria dos processos pedagógicos, bem como para a identificação e desenvolvimento de novas abordagens promovam uma educação mais eficaz. (Pacheco, 1995)

A escolha da metodologia é importante para a realização de um trabalho de investigação. Além de ser vista como uma estrutura que permite uma melhor perceção da realidade e maior eficiência dos métodos e técnicas de intervenção, a metodologia também permite ao investigador guiar o seu estudo.

Neste caso concreto, o processo de investigação foi conduzido de maneira a obter informação objetiva sobre o comportamento de uma criança nos três aspetos definidos nas questões de investigação, pelo que pode ser caracterizado como um Estudo de Caso, de Natureza Qualitativa.

A Natureza Qualitativa de um Estudo de Caso caracteriza-se pela sua abordagem exploratória e interpretativa, orientada para a compreensão profunda de fenómenos complexos em contextos específicos. Este tipo de investigação centra-se nas experiências, perceções e interações dos indivíduos envolvidos, priorizando o significado que atribuem às suas ações e realidades (Creswell, 2014) Através da análise de dados não numéricos, como entrevistas e notas de campo/observações, o investigador procura captar a realidade e as particularidades do caso em estudo, proporcionando uma visão rica e detalhada do fenómeno.

Para analisar este Estudo de Caso específico utilizei uma metodologia de Natureza Qualitativa, pois só desta forma é possível compreender o fenómeno em análise - os efeitos da Relação de Vinculação na transformação do comportamento criança. Desigualmente das abordagens quantitativas, que se centram na generalização de resultados para grandes populações, a investigação qualitativa privilegia a profundidade e riqueza dos dados, proporcionando uma visão mais detalhada e contextualizada da realidade estudada. (Yin, 2018)

Uma das características distintas da natureza qualitativa é a flexibilidade metodológica. O investigador adota uma postura aberta e reflexiva, ajustando o seu plano de investigação de acordo com os dados emergentes e com as necessidades do estudo. Como refere Sharan Merriam (2009) as questões de investigação qualitativa são frequentemente amplas no início e existe uma progressão ao longo do processo, permitindo uma maior adaptação às especificidades do caso em questão.

Um dos princípios essenciais da abordagem qualitativa é a triangulação de fontes e métodos, pois a combinação das diferentes formas de recolha de dados, como entrevistas, observações/notas de campo e análise documental contribuem para a validade e credibilidade das conclusões. (Denzin & Lincoln, 2011) Esta estratégia fortalece a análise, mas também oferece uma visão multifacetada do caso, integrando diversas perspetivas e contextualizando os dados no seu ambiente natural.

De uma forma geral, a abordagem qualitativa aplicada neste Estudo de Caso destaca-se como uma metodologia que prioriza a análise profunda e o entendimento contextualizado dos fenómenos, permitindo uma investigação detalhada e abrangente. Este tipo de abordagem transcende a descrição de acontecimentos, centrando-se na interpretação dos significados atribuídos pelos participantes, nas relações entre os elementos envolvidos e no impacto que o contexto exerce sobre o fenómeno em estudo. (Stake, 1995) (Yin, 2018)

Nas palavras de Brandão (2001) "A pesquisa qualitativa (…) está relacionada com os significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e à forma como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenómenos sociais (interações, comportamentos, etc.), nos sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa" (Brandão, 2001, p. 13) Para além de ser uma pesquisa qualitativa a presente investigação é concretamente um Estudo de Caso porque se foca no comportamento especifico de uma única criança ao longo de um ano letivo. O Estudo de Caso é uma estratégia amplamente utilizada em investigações qualitativas, destacando-se pela sua capacidade de explorar em profundidade fenómenos complexos no seu contexto real.

De acordo com Yin (2018), um Estudo de Caso permite a compreensão holística de um evento, processo ou sistema social, sendo particularmente valioso em situações em que a fronteira entre o fenómeno e o contexto não é claramente definida. Assim, este método reveste-se de grande importância em investigações que visam descrever,

interpretar ou explicar dinâmicas específicas, proporcionando uma análise detalhada e contextualizada.

Tendo em conta estes factos, e a situação da criança apresentada na introdução deste Relatório Final de Mestrado optei por realizar um Estudo de Caso, cujo objeto de investigação é a Vinculação e o seu efeito no comportamento da criança.

## 2.4 Participantes

O estudo teve como foco uma criança, designada por A., cujo comportamento apresentava alguns sinais de alerta e com necessidade de intervenção por parte da Educadora de Infância.

A Criança A., nascida em outubro de 2020, frequenta a escola desde 2022, de forma assídua. A criança A. não tem irmãos, por isso até certa altura viveu com a mãe e com o pai, embora o pai tivesse muitos momentos de ausência. Mais tarde passou a viver só com a mãe, apesar de ambos (pai e mãe) se terem sempre mostrado interessados pelo desenvolvimento da filha e a terem acompanhado consultas médicas regulares e em casos de necessidade extraordinária.

Entre setembro e dezembro de 2023, foi possível identificar na A. comportamentos distintos do padrão de comportamento das crianças nesta faixa etária (3 anos). As maiores dificuldades centravam-se na relação consigo própria e com os pares e na expressão e comunicação das suas emoções, vontades e pensamentos. A Criança A. não demonstrava a capacidade de se expressar através da linguagem oral. As únicas palavras que articulava era “mãe” e “pai”, mas na maior parte das vezes não articulava palavras ou frases compreensíveis. A forma mais utilizada pela Criança A. para se expressar era através dos gestos acompanhados de sons, para ajudar o adulto na compreensão, tal como comprova a nota de campo nº 5, do dia 16 de outubro de 2023.

Este comportamento traduzia-se numa barreira significativa para a expressão de necessidades, sentimentos ou vontades. Observei também que existia, por parte da A., uma falta de interesse na procura dos adultos de referência e dos pares. A Criança A. evitava o contacto visual e retraia-se sempre nas interações sociais, mesmo quando algum dos pares a abordava numa brincadeira que estava a fazer sozinha. Este comportamento criava um padrão de isolamento social, não muito comum para a idade., como é explicito na nota de campo nº 6, do dia 18 de outubro de 2023.

Um dos aspetos que mais me impressionou e que fez despoletar a minha vontade de abordar este assunto no Relatório Final de Mestrado foi a falta de vínculos afetivos. A A. demonstrava uma clara dificuldade em confiar nos adultos de referência, como educadores, auxiliares ou outras pessoas da comunidade escolar. Evitava, claramente, o contacto físico com quem quer que fosse (adultos ou pares). Com este tipo de atitude, a Criança A. revelava não ter uma relação vinculativa de maneira a sentir-se segura e confiante na escola, o que é possível constatar na nota de campo nº 14, do dia 12 de dezembro de 2023.

A Criança A. não se interessava e consequentemente não participava nem se juntava aos pares nas brincadeiras pelas áreas da sala. Revelava uma postura passiva, preferindo manter-se afastada das dinâmicas de grupo. Não respondia aos estímulos de outras crianças, reforçando assim o seu isolamento social, tal como comprova a nota de campo nº 1, do dia 12 de setembro de 2023.

Sempre demonstrou dificuldade em expressar as suas emoções, e o seu comportamento era muitas vezes interpretado como apático e retraído. Muitas das vezes era difícil decifrar a Criança A. e compreender as suas necessidades. A nota de campo nº10, do dia 13 de novembro de 2023 regista este facto observado.

No que toca à exploração da sala de atividades, a Criança A. gostava de o fazer, mas sempre sozinha, tal como é registado na nota de campo nº4, do dia 12 de outubro de 2023, pois não se aproximava das brincadeiras dos outros. Pegava sempre nos brinquedos que queria e sentava-se num canto da sala a brincar isoladamente. Muitas vezes brincava com os brinquedos que tinha trazido de casa.

A situação desta criança, as suas características e o contexto coadunam-se com os objetivos da presente investigação, pelo que a criança A. se tornou a principal participante e o seu comportamento o objeto de estudo desta investigação. A observação e registo do comportamento desta criança permitiram a compreensão, em profundidade, sobre os efeitos de uma Relação de Vinculação da própria criança com a sua Educadora e Infância.

Além da Criança A., participaram no estudo sete pessoas que têm uma relação direta com a criança, incluindo familiares (pai e mãe), profissionais de educação (Educadora de Infância, Auxiliar de Ação Educativa, Coordenadora Pedagógica da Creche) e outras pessoas significativas do seu círculo social e escolar (Terapeuta da Fala e Assessora da Direção da Creche frequentada pela A), cuja caracterização é apresentada no cabeçalho de cada entrevista realizada. Estes participantes foram selecionados com base na sua ligação próxima à criança e na sua capacidade de oferecer perspetivas

complementares e informações essenciais para a análise do caso. Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, procedimentos e etapas de investigação, e a sua participação foi voluntária.

## 2.5 Procedimentos

### 2.5.1 Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados foi desenvolvida de forma sistemática e estruturada, combinando diferentes métodos qualitativos, com o objetivo de obter uma compreensão aprofundada e contextualizada sobre a problemática. A estratégia adotada combinou dois métodos de recolha, permitindo captar tanto as perspetivas individuais dos participantes com as interações observáveis no contexto de vida da A: a observação direta e registo de notas de campo e as entrevistas.

O processo investigativo assentou numa observação direta registada em notas de campo. Para complementar os dados recolhidos na observação direta foram realizadas sete entrevistas. Todas as informações recolhidas em notas de campo e entrevistas podem ser consultadas nos anexos deste Relatório Final de Mestrado.

Notas de campo

As notas de campo são registos da observação feita pelo investigador.

Os registos das observações resultaram nas 45 notas de campo, e correspondem ao que Cozby citado por Afonso (2005) denomina de "observações não estruturadas". Este autor explica que este tipo de observação é usada quando o investigador quer "descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social, implicando que o investigador se insira no contexto e observe o modo como as pessoas reagem aos eventos que ocorrem" (Afonso, 2005)

No caso desta investigação as notas de campo registam observações de comportamentos da criança A., da sua relação consigo própria e com os outros, da sua capacidade de expressão e comunicação e da sua participação em rotinas e atividades pedagógicas. São descrições objetivas, que tal como diz Afonso (2005) são "concretas e não vagas" e descrevem o que foi observado e não as inferências do que foi observado. As notas de campo são "o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência, e pensa no decurso da recolha de dados" (Bodgan & Biklen, 1994, p. 150)

Estas observações possibilitaram uma análise mais detalhada e contextualizada, captando aspetos subtis dos comportamentos e interações da criança e das relações estabelecidas por si com os outros participantes. As notas de campo revelaram-se, assim, essenciais para a compreensão dos efeitos que a relação de vinculação tem no comportamento da A.. Na maioria das vezes, os fenómenos e comportamentos da A. foram registados imediatamente depois de acontecerem.

Entrevistas

A literatura sobre investigação em Educação sugere que a observação registada em notas de campo seja complementada com outros instrumentos de recolha de dados, como é o caso das entrevistas.

Nesse sentido, realizaram-se entrevistas semi estruturadas a sete participantes que tinham uma ligação direta com a criança A. As entrevistas seguiram um guião previamente preparado (anexo 46), com seis perguntas, mas com flexibilidade suficiente para explorar temas emergentes durante a conversa. Quatro das sete entrevistas foram realizadas presencialmente e as três entrevistas restantes foram feitas por videochamada. Com o consentimento de todos os envolvidos, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise detalhada. (Gil, 1999, pp. 125-126)

As diferentes formas de recolha de dados contribuíram significativamente para o processo de cruzamento de informações, enriquecendo a análise e fortalecendo a credibilidade das conclusões.

### 2.5.2 Procedimento de tratamento e análise de dados

Para a realização do tratamento e análise de dados, todas as notas de campo (apresentadas nos anexos 1 - 45 deste Relatório Final de Mestrado) foram lidas e, depois, organizadas em três períodos distintos: A (de setembro a dezembro); B (de janeiro a abril); C (de maio a julho), para se identificarem padrões de comportamento da criança A., em diferentes etapas do ano letivo.

Posteriormente, as notas de campo foram analisadas tendo em conta as três questões de investigação e foram assinaladas com os algarismos 1, 2 e 3, de acordo com o tipo de comportamento observado e registado na própria nota de campo. Todas as notas de campo que são registos de comportamentos da criança A. na **relação consigo própria e com os**

**outros** foram assinaladas com o número 1. O número 2 foi registado em todas as notas de campo que são observações de comportamentos da criança A. no que diz respeito à sua **capacidade de expressão e comunicação.** As notas de campo que registam situações em que a criança A. foi **autónoma e participou em rotinas e atividades pedagógicas** foram assinaladas com o algarismo 3.

Depois da análise das notas de campo, as respostas de todas as entrevistas (apresentadas nos anexos 47 – 53 deste Relatório Final de Mestrado) foram também lidas, analisadas e interpretadas, com a mesma legenda que foi usada na análise das notas de campo. Ou seja, todos os comentários proferidos pelos entrevistados relativamente ao comportamento da criança A. no início do ano letivo foram assinalados com a letra A. O que os entrevistados disseram sobre o comportamento da criança A. a meio do ano letivo foi marcado com a letra B. E todas as ideias apresentadas pelos entrevistados sobre o comportamento da A. no fim do ano letivo foram assinaladas com a letra C. Na mesma leitura das entrevistas foram também escritos os algarismos 1, 2 e 3, tendo em conta os assuntos sobre os quais os entrevistados falaram. Nos textos que registam o que os entrevistados disseram sobre o comportamento da criança A. na **relação consigo própria e com os outros** foi escrito o algarismo 1. Quando os entrevistados expressaram as suas ideias e perceções sobre o comportamento da criança A. no que diz respeito à sua **capacidade de expressão e comunicação** foi marcado o algarismo 2. E foi escrito o algarismo 3 no texto correspondente ao que os entrevistados disseram sobre o comportamento da criança A. **na autonomia e participação nas rotinas e atividades pedagógicas**.

Posteriormente, o conteúdo obtido pela voz dos entrevistados foi cruzado com os dados recolhidos nas notas de campo, com o objetivo de validar e complementar informações. Pela análise e cruzamento destes dados e informações foi, depois, possível formular respostas para questões de investigação e a enunciar de conclusões.

### 2.6 Questões éticas

Durante todo o processo, foram rigorosamente cumpridas as normas éticas e legais associadas à Investigação Qualitativa em Educação.

Os Encarregados de Educação da criança A. assinaram um Consentimento Informado (anexo 54 e 55), depois de lhes ter sido apresentado e explicado o objeto e objetivos da presente investigação. Simultaneamente, todos os participantes foram informados de

forma clara e concisa sobre os objetivos e métodos do estudo, sendo-lhes garantida o anonimato das informações fornecidas.

## Capítulo 3 – Resultados

O capítulo dos Resultados corresponde à análise interpretativa dos dados e serve para dar resposta ao problema de partida e às questões de investigação. Neste caso concreto, a análise traduz-se numa leitura fundamentada de notas de campo conseguidas pela observação, e na análise de entrevistas semi estruturadas, realizadas a sete participantes.

Inicialmente, as notas de campo foram classificadas e organizadas, tendo em conta o período em que ocorreram e tendo em conta as questões de investigação. Essa classificação e organização pode ser lida nas seguintes tabelas:

**Tabela 1**

*Notas de campo relativas à questão 1, ao longo do tempo*

| A | | | | B | | | | C | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| setembro | outubro | novembro | dezembro | janeiro | fevereiro | março | abril | maio | junho | julho |
| 12 | 4 | 7 | 5 | 9 | 5 | 12 | 2 | 6 | 5 | 4 |
| | 12 | 13 | 7 | 11 | 9 | 18 | 5 | 8 | 12 | 10 |
| | 16 | 16 | 12 | 22 | 15 | 26 | 10 | 14 | 17 | 16 |
| | 18 | | 15 | | 19 | | 16 | 23 | 19 | 19 |
| | 25 | | | | 22 | | 24 | | 26 | 23 |
| | 30 | | | | | | | | | |

**Tabela 2**

*Notas de campo relativas à questão 2, ao longo do tempo*

| A | | | | B | | | | C | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| setembro | outubro | novembro | dezembro | janeiro | fevereiro | março | abril | maio | junho | julho |
| 19 | 12 | | 15 | 9 | 9 | 12 | 2 | 6 | 5 | 10 |
| | 16 | | | 11 | 19 | | 5 | 8 | 17 | 23 |
| | | | | 22 | 22 | | 10 | 14 | 19 | |
| | | | | | | | 24 | 23 | 26 | |
| | | | | | | | | 26 | | |

**Tabela 3**

*Notas de campo relativas à questão 3, ao longo do tempo*

| A | | | | B | | | | C | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| setembro | outubro | novembro | dezembro | janeiro | fevereiro | março | abril | maio | junho | julho |
| | 12 | 16 | 15 | 11 | 9 | 12 | 10 | 6 | 12 | 10 |
| | | | | | 15 | | 16 | 8 | 16 | 23 |
| | | | | | 19 | | 24 | 23 | 17 | |
| | | | | | 22 | | | | 26 | |

Pela análise das tabelas é possível perceber que quarenta e quatro das 45 notas de campo foram assinaladas com o algarismo 1; vinte e seis notas de campo traduzem observações do comportamento da criança A. sobre a sua expressão e comunicação; vinte e uma notas de campo são registos de observações do comportamento da criança A. na autonomia e participação nas rotinas e atividades pedagógicas.

Foi interessante perceber que muitas notas de campo puderam ser assinaladas com mais do que um algarismo, mostrando que, embora esta investigação tenha três questões de investigação, cada uma delas direcionada para um assunto distinto, o comportamento da criança A. (e do ser humano) não pode ser dividido, pois acontece de uma forma holística. Em dezasseis notas de campo foram assinalados os três os algarismos (1, 2 e 3), pois são notas de campo que registam situações em que a criança A. teve comportamentos de relação consigo própria e com os outros, mas também de expressão e comunicação, e de autonomia e participação nas rotinas e atividades pedagógicas.

Por outro lado, também foi interessante perceber, e é importante referir, que à exceção de uma nota de campo, todas foram assinaladas com o número 1. Ou seja, a grande maioria das notas de campo são registos de comportamentos da criança A., em que esta manifesta (ou não) uma relação consigo própria e com os outros, o que permite concluir que, embora a criança tenha comportamentos e competências em diversas áreas, a relação consigo mesma e com os outros é transversal a tudo.

Depois da análise das notas de campo, foi também realizada uma análise exaustiva das entrevistas. O texto com as respostas dos entrevistados foi assinalado com os

algarismos 1,2,3, de acordo com as questões de investigação, e com as letras A, B e C, tendo em conta o período a que se referiam. Contudo, através de uma primeira leitura das entrevistas, foi possível perceber, de imediato, que, de uma forma geral, os entrevistados consideraram que o comportamento da criança A. teve várias transformações ao longo do ano letivo.

- "Senti bastantes mudanças. A A. no início isolava-se um pouco e não brilhava junto dos outros (é o que eu sinto) eu acho que agora é diferente, é participativa, entusiasta, coisas que ela não fazia. No início do ano refugiava-se muito nela própria, mas agora e também por causa da terapia, ela desabrochou, sentiu-se muito mais confiante" (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 2);
- "Eu senti que a A. deu um pulo muito grande, não só em tamanho, mas também no seu desenvolvimento. Em relação à linguagem, senti uma grande evolução, a terapia tem ajudado muito neste sentido, o apoio das pessoas da escola também tem sido extremamente importante, acho que têm feito um trabalho que, nós pais, não nos apercebemos, mas no final existem mudanças e isso graças a educadores, auxiliares, terapeuta da fala. Acho que a A. está num bom caminho" (Entrevista ao Pai da Criança A. 11/07/2024, resposta à pergunta 2);
- "A A. cresceu, está mais menina. Sinto que a minha filha está, cada vez mais, a expressar melhor os seus sentimentos e necessidades." (Entrevista ao Pai da Criança A, 11/07/2024, pergunta 2);
- "A A. cresceu, está mais menina. Sinto que a minha filha está, cada vez mais, a expressar melhor os seus sentimentos e necessidades." (Entrevista ao Pai da Criança A., 11/07/2024, resposta à pergunta 2);
- "Senti muitas mudanças, muitas mesmo. A A. era uma criança que não dizia nada, nem uma palavra, parecia-me sempre assustada, sempre ausente. Estava na escola, mas era como se não estivesse. Na minha opinião não havia relação, com ninguém, a criança não se sentia relacionada com as pessoas". (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A, 12/07/2024, resposta à pergunta 2);
- "No início do ano, a A. era uma criança que falava pelo olhar e não vocalizava uma palavra, antes da reunião com os pais, notamos que ela não conseguia exprimir o que sentia e nem o que queria e com isso vinham as reações de choro e frustração pelo facto de que ninguém a compreendia, acabando, em raras exceções, por se magoar a si própria. (…) Mas tudo foi mudando e gradualmente a A. foi mudando o seu comportamento, com a presença da equipa pedagógica a envolver-se, acompanhando a A. nas suas brincadeiras,

ajudando nas palavras-chave para que aconteça um "desbloqueio" na conversa com ela. Está mais aberta à conversa com adulto, o exemplo mais recente foi ter chegado ao pé da sua educadora e ter dado um abraço com um sorriso bem largo no rosto, e aí as coisas foram correndo de forma bem mais fluida." (Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A. 22/07/2024, resposta à pergunta 3).

Foi também possível compreender que os entrevistados consideram que as transformações do comportamento da criança A. aconteceram de forma contínua, como um processo, com progressos diários, apesar de muitas vezes terem sido subtis.

- "Não existe um momento exato, mas isto é tudo um processo (…)" (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 3);
- "Sem dúvida que tem sido uma evolução gradual (…)" (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 4);
- "A criança em questão teve alterações positivas ao longo do ano, foi gradual." (Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A. 22/07/2024, resposta à pergunta 5);
- "(…) Mais do que pensar em alteração do comportamento, faz sentido pensar em transformação. Foi um caminho, uma sucessão de acontecimentos que todos os dias e consequentemente iam abrindo caminho para à A. faziam com que a A. tivesse mais interações com as outras crianças e com os adultos (…)" (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 3.1);

Contudo, apesar dos entrevistados terem uma opinião unânime sobre o facto do comportamento da criança A. se ter transformado de uma forma contínua e progressiva, também forneceram informações muito importantes sobre acontecimentos, ações e momentos-chave que tiveram maior influência nesse mesmo processo de transformação do comportamento da criança A.

- "(…) o facto de já ter estado na minha sala o ano passado e de termos transitado as duas para a sala dos 3 anos, fez com que ela percebesse que podia mesmo confiar em mim. (…)" (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 3);
- "(…) Acabou por existir um investimento maior da minha parte em relação à A." (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 3);

- “(…) acho que foi o meu investimento para com ela e como consequência estabeleceu uma relação segura comigo. E o facto de me envolver a 100% com ela, (…) acabei por também investir mais na aproximação da família da A. (…) porque se me vê a estabelecer uma relação mais próxima quer com a mãe, quer com o pai, acaba por se sentir mais segura e com a plena consciência que poderá confiar em mim para tudo. (…)” (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 3.1);
- “(…) existem mudanças e isso graças a educadores, auxiliares, terapeuta da fala. Acho que a A. está num bom caminho.” (Entrevista ao Pai da Criança A. 11/07/2024, resposta à pergunta 2);
- “(…) a A. só se entrega, quando estabelece uma relação afetiva com a pessoa em questão (…) Algo que acontece e fico espantado, é que a A. só se relaciona com as pessoas mais próximas do pai ou da mãe. Como sabe que nós confiamos, ela percebe que também pode confiar.” (Entrevista ao Pai da Criança A, 11/07/2024, pergunta 4.1);
- “(…) pois reparei que houve uma intervenção por parte da equipa pedagógica [da sala] para ir ao encontro das necessidades da criança.” (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A., 12/07/2024, resposta à pergunta 2);
- “A A. começou a modificar o seu comportamento a partir do momento em que a educadora se começou a aproximar mais da sua família, mais especificamente da sua mãe (…)” (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A. 12/07/2024, resposta à pergunta 3);
- “(…) a A. percebeu que a mãe confiava na educadora, que a educadora também criou uma relação com a sua mãe (…) (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A. 12/07/2024, resposta à pergunta 3);
“(…) percebemos e sentimos que a parte principal não foi, de todo, a intervenção técnica, mas sim uma intervenção a nível emocional e de relação. Pois a intervenção técnica nunca se poderia ter iniciado, caso não houvesse uma relação já desenvolvida (...)” (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A. 12/07/2024, resposta à pergunta 3);
- “o momento mais marcante foi o dia em que a educadora F. interveio e abordou os pais de maneira a falarem abertamente sobre a situação da criança. Acho que foi aí que o “click” se deu, tanto no comportamento dos pais, como no da A., principalmente. Ela só precisava que parassem um pouco para olharem para ela, fora da rotina do dia-a-dia e que fosse um momento mais dedicado a ela.” (Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da sala 3, frequentada pela Criança A. 22/07/2024, pergunta 2);

- “Na minha perceção o fator escola e casa têm de estar conectadas e a escola tem de saber a base da criança, e de como interage em casa. (…) Quando começámos a perceber o que se passava no seio familiar, começámos a entender melhor as reações da A. A nossa intenção nunca foi desistir de a ajudar e isso foi fundamental para a criança.” (Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A. 22/07/2024, resposta à pergunta 3.1);
- “Um momento que destaco é a reunião com a educadora (...)” (Entrevista à Mãe da Criança A, 23/07/2024, pergunta 2);
- “mas depois houve efetivamente um trabalho da escola sobretudo da educadora e das auxiliares, parámos para pensar e atuar sobre esta criança. Sentimos que ela precisava de um olhar e de um investimento urgente. (…)” (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 1);
- “Havia aqui também uma dúvida, se este comportamento era “só” por questões emocionais, se havia alguma questão de atraso de desenvolvimento ou questão patológica associada, embora o nosso feeling era de questões emocionais. E era mesmo por aí que tínhamos de começar. Aliás, é sempre por aí que temos de começar. (…)” (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 1);
- “Acho que o ponto chave foi efetivamente a educadora ter “arregaçado mangas” para ir ao encontro desta criança e da sua família.” (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 2);
- “O primeiro grande acontecimento foi a educadora ter tido a iniciativa de se aproximar ainda mais da A. (…)” (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 3.1).

Com esta informação, torna-se claro que, foi aquando da aproximação da Educadora de Infância à criança A., que esta começou a evidenciar comportamentos diferentes e progressivamente mais adequados. Pode-se concluir que a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a criança A. teve um grande impacto na criança A., o que influenciou os seus comportamentos.

A partir do momento em que começou a sentir conexão e Vinculação com a Educadora de Infância, a criança A. adotou novos posicionamentos e comportamentos na relação com a própria Educadora de Infância, mas também com outros adultos e em diversos contextos:

- “Procura-nos, pede ajuda sempre que necessário, pede mimo e dá mimo, naturalmente chega ao pé de nós e abraça-nos. Sente-se segura!” (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 4.1);
- “Houve um dia em que a educadora Pipa foi lá a casa buscar uma coisa que tinha lá para ela e a A. ficou mesmo contente de a ver. (…) (Entrevista à Mãe da Criança A, 23/07/2024, pergunta 2);
- “Sinto-a mais dada a adultos, sobretudo do colégio, sinto que existe relação de confiança com as mesmas, que antes não existia por falta de confiança da A.” (Entrevista à Mãe da Criança A, 23/07/2024, pergunta 4.1);
- “reconheço que a criação de uma relação que fomos construindo colocou-nos muito à vontade a partir da 4ª sessão. Nas primeiras sessões tínhamos uma relação bastante “afastada”, mas com o tempo e com a confiança que a A. foi ganhando comigo, sinto que estamos bastante mais cúmplices.” (Entrevista à Terapeuta da fala que acompanhou a Criança A, 24/07/2024, pergunta 6.1);
- “Mas tudo foi mudando e gradualmente, a A. foi mudando o seu comportamento, com a presença da equipa pedagógica a envolver-se, acompanhando a A. nas suas brincadeiras (…)” (Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A, 22/07/2024, pergunta 3);
- “Acho que a equipa da sala onde a A. está inserida tem feito um excelente trabalho nesse sentido, têm estado atentas e a investir mais na criança e na sua família, mais especificamente aos pais.” (Entrevista à Terapeuta da Fala que acompanhou a criança A. 24/07/2024, resposta à pergunta 3.1);
- “Esta atitude da minha parte faz com que se sinta ainda mais segura (…)” (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A., 4/07/2024, pergunta 3.1).

Com base nos resultados expostos, é possível responder ao problema de partida: **De que forma o comportamento da criança é influenciado pela Relação de Vinculação com o seu Educador de Infância?**, concluindo-se que o comportamento da criança A. se foi transformando ao longo do tempo e que a aproximação da Educadora de Infância à criança A. foi determinante para que essa transformação acontecesse. Ou seja, a Relação de Vinculação que se foi construindo entre a Educadora de Infância e a Criança influenciou o comportamento da própria Criança, transformando-o, de forma contínua e progressiva.

Complementarmente, a análise mais aprofundada das notas de campo e das entrevistas, permite formular respostas às três questões de investigação:

**De que forma a Relação de Vinculação Entre o Educador de Infância e a Criança influencia a Relação da criança consigo própria e com os outros?**

Na nota de campo de 12 de setembro de 2023 (enquadrada no período A) é possível constatar que a criança A., embora estivesse a observar a brincadeira das outras crianças, manteve-se sempre afastada e não se movimentou para ir ao encontro dos pares. Em contrapartida, nas notas de campo de 23 de maio de 2024 e 19 de junho de 2024 (enquadradas no período C), a criança A. demonstrou reações e comportamentos de liderança, tendo iniciado brincadeiras e atraído para junto de si várias crianças e até adultos que continuaram a brincar consigo.

Na nota de campo do dia 30 de outubro e de 12 de dezembro de 2023 é possível perceber que a criança A. era indiferente ao chamamento da auxiliar, que lhe estava a oferecer o seu colo, para a reconfortar nas situações retratadas nas notas de campo. A nota de campo de dia 18 março de 2024, referente ao período B, aborda este assunto e revela um comportamento da A. já muito diferente. Durante o dia, a A. procurou sempre a auxiliar que a reconfortou e a recebeu no momento do acolhimento. Naquele dia, foi sempre a mesma auxiliar a quem a criança A. recorreu, quando precisou ou quando sentiu a necessidade de expressar alguma vontade ou sentimento. Na nota de campo de 16 de abril, pertencente ao período B, a criança A. sentiu-se segura para, espontaneamente, ir ao encontro da auxiliar e sentar-se perto desta, durante uma aula de música na sala.

Na nota de campo do dia 7 de novembro de 2023, a criança A. apresentou uma expressão de apatia, deitando-se com a cara colada ao chão e mantendo-se nesta posição por algum tempo e não reagindo quando chamaram por si. No mesmo sentido, na nota de campo de 5 de dezembro de 2023, ainda enquadrada no período A, a criança A. mostrou indiferença em relação a si própria, encolhendo os ombros quando lhe perguntaram onde ela estava. Na nota de campo do dia 7 de dezembro, a criança A., desviou o olhar quando se viu ao espelho, apresentando muita dificuldade em olhar para si mesma e conectar-se consigo. Em contrapartida, na nota de campo de 26 de março, já no período B, a criança A. afirmou-se e manifestou a sua identidade, referindo-se a si própria, com muita convicção, usando a expressão “Eu”.

Na nota de campo de 19 de setembro de 2023, enquadrada no período A, a criança A. não respondeu a uma pergunta feita pela educadora, encolhendo-se perante o grupo. As notas de campo do dia 11 de janeiro de 2024, 22 de fevereiro de 2024 e 12 de março de 2024, enquadradas no período B, mostram-nos que a criança A. começou a ganhar o seu posicionamento perante os outros e o grupo. Nesta fase, a participação da criança tornou-se mais segura, espontânea, aparentemente sem receios de dizer e expressar as suas opiniões e pensamentos. A maior evolução observada foi registada na nota de campo de dia 10 de julho de 2024, enquadrado no período C, quando a criança A. levou para a sala uma caracoleta, que encontrou na rua. Esta sua iniciativa desencadeou uma série de atividades e incentivou a realização de um projeto de sala sobre caracóis. Nesta fase foi notória a alegria que a criança A. manifestava. Aparentemente, estava muito contente por sentir que tinha todos os amigos à sua volta, a mostrar algo que era tão importante para si, algo "seu".

Na nota de campo de 13 de novembro de 2023, inserida no período A, foi possível constatar que a criança A. não mostrou qualquer reação face aos acontecimentos descritos na própria nota de campo, possivelmente e aparentemente por se sentir distante e isolada. No período B, mais precisamente no dia 22 de janeiro de 2024, a criança A. demonstrou estar incomodada com a situação descrita na própria nota de campo, revelando sensibilidade e empatia relativamente aos sentimentos dos outros, manifestando assim um posicionamento mais próximo dos outros. Ao longo do tempo, foi sentida uma grande transformação do comportamento da criança A. na relação com os outros, como é explícito na situação descrita na nota de campo do dia 17 de junho de 2024, relativo ao período C. Nessa situação, a criança A. tentou fazer uma partilha pessoal perante o grupo, através de sons, sílabas e gestos, parecendo sentir-se livre, confiante e segura para o fazer.

Na nota de campo do dia 9 de janeiro de 2024, inserida no período B, foi possível constatar que a criança A. ficou bastante triste por se separar da mãe, de manhã e com pouca segurança para ficar com os adultos da sala. Na nota de campo de dia 2 de abril de 2024, que pertence ao período B, a criança A. entrou na sala de atividades, depois de sair da sessão de terapia da fala, e disse o nome da educadora com o auxílio de uma técnica que a terapeuta lhe tinha ensinado. Consequentemente, na nota de campo do dia 14 de maio de 2024, relativa ao período C, a criança A. chamou a atenção do grupo gritando o nome da educadora, quando esta chegou. A nota de campo do dia 12 de junho de 2024, inserida no período C, também faz referência à relação bem estabelecida com a educadora e com as auxiliares da sala. De facto, a criança A. começou a aproximar-se mais dos

adultos da sala e esta nota de campo de 12 de junho de 2024 reflete exatamente a relação de vinculação que nessa altura já tinha com as adultas de referência da sala.

Na nota de campo do dia 12 de outubro de 2023, relativa ao período A, é possível observar a aproximação que é feita pela educadora à criança. Infere-se que, com esta aproximação, a criança A. se sentiu olhada/vista. Na nota de campo do dia 15 de dezembro de 2023, a criança A. sentiu-se bastante entusiasmada com uma atividade proposta pela Educadora e isso fez com que houvesse uma troca de carinho entre ambas. No período B, tal como comprovam as notas de campo dos dias 9 de fevereiro de 2024 e 10 de abril de 2024, a relação da criança A. com a Educadora começou a solidificar-se e a sustentar-se nas vivências em comum. Criou-se assim uma base da relação que foi ganhando estrutura e consistência. A nota de campo do dia 5 de junho de 2024, referente ao período B, demonstra que a criança A. só queria a ajuda da Educadora para almoçar, algo que nunca foi observável durante o período A.

Tendo em conta a análise das notas de campo, durante o período A, a criança A. era uma criança que passava despercebida no grupo da sala dos 2-3 anos. Na nota de campo do dia 19 de fevereiro, pertencente ao período B, a criança A. começou a revelar-se uma figura de referência para outras crianças do mesmo grupo. Já na nota de campo do dia 8 de maio de 2024, e uma vez que a sua relação com o grupo se foi transformando, é possível compreender que a criança A. começou a ter uma perceção de si própria mais positiva, já se mostrando com mais autoestima e, por isso, mais competente e mais autónoma. No período C, a criança a A. teve um avanço significativo, pois aparentemente passou a ter consciência de si e do seu lugar e presença no grupo, passando a ser ainda mais autónoma e confiante para se deslocar no espaço da escola, seguindo as suas vontades e instintos, e com o objetivo de procurar relação com os outros.

A nota de campo do dia 6 de maio de 2024, do período C, relata uma conversa entre a mãe da criança A. e a Educadora, em que abordaram a evolução e desenvolvimento da criança A, e constataram factos em relação à maneira de se expressar. Na mesma conversa partilharam ideias sobre o facto da criança A. se relacionar mais com os amigos da sala.

Pela análise cronológica e comparativa das notas de campo é possível compreender que o comportamento da criança A. se foi transformando ao longo do tempo. Pelas datas das notas de campo e pelo registo do que foi observado em cada uma das situações é possível compreender que, no início do ano, a criança A. tinha um comportamento de maior fechamento, com alguma indiferença sobre si mesma e

distanciamento dos outros, como comprovam as notas de campo de 12 de setembro de 2023, 19 de setembro de 2023, 7 de novembro de 2023, 13 de novembro de 2023, 5 de dezembro de 2023 e 7 de dezembro de 2023.

Houve uma notória transformação e evolução neste aspeto, quando a criança A. começou a relacionar-se mais com os adultos de sala e com os pares, ganhando cada vez mais confiança. A relação consigo mesma também sofreu bastantes mudanças, o que começou a notar-se a meio do ano, tal é comprovado nas notas de 22 de janeiro de 2024, 18 de março de 2024, 26 de março de 2024, 2 de abril de 2024 e 16 de abril de 2024.

No final do ano letivo, a criança A. tinha já um comportamento muito diferenciado no que diz respeito à sua relação consigo mesma e com os outros. Passou a ter mais consciência de si e muito mais confiança para se afirmar perante si própria e os outros. A A. passou a sentir que a sua existência tinha valor e que havia um lugar para si. Também passou a fazer parte das brincadeiras com os pares, aproximando-se deles com à-vontade, segurança e confiança, e em algumas situações tornou-se a líder das brincadeiras. As notas de campo de 8 de maio de 2024, 14 de maio de 2024, 23 de maio de 2024, 5 de junho de 2024, 19 de junho de 2024, 26 de junho de 2024 e 10 de julho de 2024 retratam isso mesmo.

Por outro lado, as entrevistas realizadas também comprovam que a criança A. transformou o seu comportamento no que diz respeito à sua relação consigo mesma e com os outros:

- “O que observo nesta altura é uma criança com muita vontade de fazer coisas e de interagir com os outros, curiosa, principalmente com vontade de interação, que era uma coisa que antes não se via tanto”. (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A, 12/07/2024, resposta à pergunta 1);
- “A interação da A. com os pares evoluiu muito, porque também a sua capacidade de comunicação aumentou e atualmente conseguimos ver a A. a ser líder das brincadeiras (…). Hoje “ela está presente” e é presente, a A. começa a sentir-se contente com este feito, avançando nas suas conquistas.” (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A, 12/07/2024, resposta à pergunta 4);
- “(…) Primeiro estava isolada, depois começou um “movimento” de aproximação aos outros e aos poucos foi interagindo com eles. À medida que o ia fazendo ia ficando cada vez mais “dentro” do grupo e das brincadeiras de pares. (…)” (Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela Criança A.12/07/2024, resposta à pergunta 4).

Em suma, é possível concluir que a criança A. teve uma evolução bastante significativa na sua relação consigo e com os outros, tendo sido positivamente influenciada pela Relação de Vinculação que foi construída entre ela e a sua Educadora de Infância. Neste sentido, este estudo comprova que uma Relação de Vinculação segura, promove confiança e autoestima, ajudando a pessoa (neste caso a criança A.) a desenvolver uma perceção positiva de si própria e consequentemente a estar mais próxima de si e dos outros. Com a construção de uma Relação de Vinculação cada vez mais sólida, a criança A. passou a sentir-se olhada e valorizada, primeiro pela Educadora de Infância e depois pelas várias pessoas que a rodeavam e faziam parte do seu dia-a-dia.

Podemos daqui concluir que a forma como a Educadora de Infância olhou e investiu na nesta criança, fez com que a mesma criança se sentisse segura e confiante. A criança passou de um estado de isolamento para um estado de segurança emocional, que a impulsionou para ir ao encontro dos adultos. Com isso, foi sentindo e percebendo que tinha um lugar perto dos outros, e progressivamente foi ganhando mais confiança para ser também cada vez mais espontânea com os pares, ir ao encontro destes, e desencadear interações e desenvolver relações com eles.

Pela análise dos dados recolhidos, é comprovável que a aproximação, o amor, a Relação de Vinculação que o adulto constrói com a criança pode transformar o que esta sente, a perceção que tem sobre si mesma, o seu amor próprio e o amor pelos outros, a forma como constrói relações - o que naturalmente tem influência positiva na sua vida.

**De que forma a Relação de Vinculação Entre o Educador de Infância e a Criança influencia a capacidade de Expressão e Comunicação da criança?**

No que diz respeito aos comportamentos de expressão e comunicação da criança A. é também notória a transformação que ocorreu. No início do ano letivo, a criança A. estava muito inibida. Embora compreendesse tudo o que lhe era dito, não pronunciava palavras, tentando apenas verbalizar “mãe” e “pai”. Para além disso, a A. não usava outras estratégias de expressão e comunicação, nem outras linguagens, como o caso da linguagem corporal, e não chorava, tendo por isso muita dificuldade em expressar os seus sentimentos, pensamentos, vontades e necessidades. As notas de campo 16 de outubro de 2023, 25 de outubro de 2023, 30 de outubro de 2023, 16 de novembro de 2023, 12 de dezembro de 2023, 13 de novembro de 2023, 15 de fevereiro de 2024 expressam claramente estes factos.

A meio do ano, no período B, a criança A., tal como registado nas notas de campo de dia 11 de janeiro de 2024, 9 de fevereiro de 2024, 19 de fevereiro de 2024, 22 de fevereiro, 2 de abril de 2024 e 10 de abril de 2024 começou a ganhar capacidade de expressão e comunicação. Disse as primeiras palavras e começou a ir ao encontro dos adultos para fazer pedidos, mostrar vontades e necessidades. Também foi neste período B que a criança A. começou a construir os primeiros diálogos simples.

No final do ano letivo, correspondente ao período C, a criança A. já falava e respondia aos adultos com consciência. As notas de campo de dia 8 de maio de 2024, 14 de maio de 2024, 23 de maio de 2024, 5 de junho de 2024, 17 de junho de 2024, 19 de junho de 2024 e 23 de julho de 2024 ilustram estes comportamentos que dizem respeito à capacidade de expressão e comunicação da criança A. no final do ano letivo.

Os entrevistados também fizeram considerações sobre a questão de investigação número dois, comentando a transformação de comportamento da criança A. no que diz respeito à sua capacidade de expressão e comunicação:

- "(…) No início do ano, a A. expressava-se por meio do isolamento, agora as coisas mudaram e começa a utilizar a expressão "Eu vou ficar triste", ou seja, começa a prever sentimento." (Entrevista ao Pai da Criança A. 11/07/2024, resposta à pergunta 5);
- "Sim, claramente. No início era muito pouca a expressão, havia muita anestesia, depois quando sentiu que os outros iam ao encontro dela começou a sentir que também poderia ir ao encontro dos outros para mostrar, primeiro, o que precisava e, depois, mais tarde e felizmente, também o que queria e o que sentia. Fazia-o muito com gestos e sons. (…)" (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A. 25/07/2024, resposta à pergunta 5);
- "(…) Notava-se que tinha uma grande dificuldade a expressar-se. A meio do ano já começava a utilizar bastante a expressão corporal para se expressar. Atualmente já se tenta expressar através da linguagem. (…)" (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A. 4/07/2024, resposta à pergunta 5);

A criança A. passou de uma fase de muito pouca expressão e comunicação, para um estado em que, sentindo que podia ir ao encontro dos outros (pares ou adultos), passou a mostrar, primeiro o que precisava e, depois mais tarde, o que queria e sentia. Quando começou esta expressão fazia-o muito com gestos e sons.

No início do ano letivo, a criança A era muito fechada e a sua expressão facial era até bastante monótona e às vezes apática. Ao longo do ano foi evidente a aparição de sorrisos e a liberdade para expressar os seus sentimentos, incluindo os sofrimentos.

A Relação de Vinculação que se foi estabelecendo entre a Educadora de Infância e a criança fez com que esta se sentisse segura, serena e encorajada a expressar pensamentos, emoções e necessidades de forma mais aberta e confiante. A criança foi ganhando espaço, o que a fez ter à vontade para se expressar e comunicar (através de gestos, sons), arriscando, inclusivamente e cada vez mais, a linguagem verbal oral com a tentativa de pronunciar várias palavras.

A meio do período de observação B, a criança A. começou a sentir-se mais ouvida e valorizada pela Educadora de Infância e também a consolidar a sua Relação de Vinculação com a Terapeuta da Fala. Estas relações fizeram com que a criança A. fosse experimentando, cada vez mais, diferentes formas de expressão e comunicação. À medida que as Relação de Vinculação entre a criança e a Educadora de Infância se ia consolidando, a criança A. aumentava a sua capacidade de expressão e comunicação, não só pela segurança emocional e confiança que sentia, mas também por estar mais próxima da Educadora e receber mais estímulo. Nas conversas que iam surgindo com a criança A., a Educadora estimulava o vocabulário, a construção de frases, bem como a clareza da comunicação da criança A.

Pela análise destes dados, é possível compreender que a Relação próxima e de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança permitiram que a criança se sentisse mais segura e confiante para se expressar e comunicar, uma vez que se sentiu olhada e validada. Por outro lado, a Relação de Vinculação fez com que ambos (Educadora de Infância e criança A.) estivessem mais perto, havendo por isso mais interações e naturalmente mais estímulo, o que por sua vez faz com que a capacidade de expressão e comunicação se desenvolva e a criança se torne progressivamente mais capaz de usar diferentes linguagens.

Conclui-se assim que a Relação próxima e de Vinculação que se estabelece entre o Educador de Infância e a Criança influencia positivamente a expressão e comunicação da Criança.

**De que forma a Relação de Vinculação Entre o Educador de Infância e a Criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas?**

Relativamente à autonomia e participação da criança A. nas rotinas e atividades pedagógicas é possível notar uma enorme transformação do comportamento ao longo do ano letivo. Embora a criança A. sempre tenha manifestado bastante independência nas atividades do dia-a-dia, no início do ano não era autónoma e não participava nas atividades pedagógicas, tal como é claro nas notas de campo de dia 12 de outubro de 2023, 16 de novembro de 2023 e dia 15 de dezembro de 2023.

Entre janeiro e abril, tal como expresso nas notas de campo de 11 de janeiro de 2024, 9 de fevereiro de 2024, 15 de fevereiro de 2024, 19 de fevereiro, 22 de fevereiro de 2024, 12 de março de 2024, 10 de abril de 2024 e 16 de abril de 2024, a criança A. começou a sentir-se segura e por isso com mais iniciativa para tomar decisões e participar nas atividades diárias e pedagógicas.

No final do ano letivo, como registado nas notas de campo de dia 6 de maio de 2024, 8 de maio de 2024, 23 de maio de 2024, 17 de junho de 2024, 26 de junho de 2024, 10 de julho, 16 de julho de 2024 e 23 de julho de 2024, a criança A., não só se tornou ainda mais autónoma e participativa nas rotinas e atividades pedagógicas, como essa participação passou a ser espontânea e até uma motivação e impulso para mais atividades, projetos e aprendizagens para todo o grupo.

Para comprovar o que foi observado e registado nas notas de campo, os entrevistados fizeram referência à transformação do comportamento da criança A. no que diz respeito à sua autonomia e participação nas rotinas e atividades pedagógicas.

- “A A sempre foi uma menina independente, com muita vontade própria. (…) Sinto-a mais autónoma nas diferentes rotinas do dia, principalmente na parte pedagógica, quando são atividades lançadas ao grupo. No início do ano tinha uma postura muito reservada, cruzando os braços e atualmente tem uma postura diferente, dando-se mais ao outro e aos momentos das atividades que são lançadas. (…)”. (Entrevista à Educadora de Infância da Criança A, 4/07/2024, pergunta 6);
- “A A. gosta de participar nas atividades e tem-se mostrado bastante expressiva e comunicativa ao longo do ano letivo. No início era mais acanhada e no seu canto, não sentindo confiança em si mesma, mas com o passar do tempo a A. foi mostrando o seu

gosto pela pintura e os seus desenhos foram ganhando cada vez mais sentido. A hora do tapete também já é mais apetecida, já quer partilhar algum acontecimento com os seus pares." (Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A., 22/07/2024, resposta à pergunta 6.1);
- "(...) a A. mostrou imensas competências cognitivas e sempre foi muito responsiva, o que mostra que compreendia sempre tudo, tanto nas rotinas como no ganho de autonomia e independência no dia-a-dia e nas atividades orientadas, (…)" (Entrevista Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A. 25/07/2024, resposta à pergunta 6).

No que se refere à última questão de investigação, é possível afirmar que a Relação Vinculação bem estabelecida entre a Educadora de Infância e a criança A. promoveram um sentimento de confiança na criança, que fez com que esta fosse mais segura, capaz e livre para explorar os espaços da sala, participar nas atividades do seu quotidiano e envolver-se nas atividades propostas, de forma consciente e voluntária. Ao longo do período de observação, a criança A. foi revelando cada vez mais autonomia, capacidade de tomar decisões no quotidiano e nas atividades orientadas, e liberdade e vontade para participar em dinâmicas de pequeno e grande grupo.

Pelos factos observados, conclui-se que a participação da criança é impulsionada pelo apoio emocional e o encorajamento do Educador de Infância, que naturalmente se torna mais evidente quando há uma Relação de Vinculação coesa. Esta Relação de Vinculação permite que a criança enfrente os desafios com mais segurança, confiança e espontaneidade, e por isso mesmo seja mais participativa.

Em suma, e depois da formulação e enunciação de respostas para a pergunta de partida e para as questões de investigação, pode-se concluir que a criança A. foi transformando o seu comportamento ao longo do ano letivo, por influência da Relação de Vinculação que foi sendo estabelecida entre a própria criança e a sua Educadora de Infância.

Tal como escreve Bowlby, referenciado no Capítulo I deste Relatório Final de Mestrado, a Relação de Vinculação é um sistema comportamental que representa um modelo/esquema que envolve o indivíduo e as suas figuras de afeto, através do qual a criança percebe o mundo e orienta as suas relações interpessoais. A razão pela qual este sistema evoluiu e está enraizado na natureza humana deve-se ao seu papel na evolução,

uma vez que ofereceu uma solução para um dos principais desafios adaptativos dos nossos antepassados: como aumentar as probabilidades de sobrevivência durante anos, os mais vulneráveis da nossa vida. (Bowlby J. , 1988).

Neste Estudo de Caso e processo de investigação foi possível comprovar as afirmações de Bowlby, pois foi notório que, à medida que a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a criança se foi consolidando, o sentimento de segurança, confiança e pertença da própria criança se foi também tornando mais sólido e estruturado. Com isto, a criança foi orientando a construção das suas relações pessoais (consigo própria e com os outros) e desenvolvendo competências (de expressão, comunicação e participação em atividades), que lhe foram permitindo superar desafios e viver cada vez melhor, nos primeiros (e mais vulneráveis) anos de vida.

Por outro lado, este Estudo de Caso foi a prova real da frase de Winnicott "Olho e sou visto, logo existo.", pois quando a criança A. começou a sentir que estava a ser olhada e amada, começou a sentir que existia e a afirmar o seu eu. A partir daí foi desabrochando e manifestando comportamentos cada vez mais adequados. Começou a interagir consigo mesma e com os outros, a brincar, a comunicar e a participar. Passou também a expressar o que estava no seu íntimo e a produzir e construir ideias e pensamentos. A sua voz tornou-se ativa e audível, no sentido concreto e figurativo, passando por isso a ser uma líder de brincadeiras e uma das crianças que incentivava o grupo a fazer novas descobertas, a construir mais aprendizagens e a adquirir competências.

Durante o ano letivo 2023/2024 houve uma real transformação do comportamento da criança A.. Comprovou-se, assim, que a construção de uma Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança melhora significativamente a vida presente da própria Criança, tendo, certamente, consequências positivas no seu futuro e na sua vida adulta.

## Considerações finais

Bowlby (1988) afirma que a ligação afetiva, consistente e permanente com um adulto de referência é fundamental para a criança, pois o vínculo construído entre ambos faz com que a criança se sinta segura e confiante. É esta Relação de Vinculação com o adulto que sustenta o bem-estar e o desenvolvimento emocional equilibrado da criança e a sua capacidade de estabelecer relações saudáveis ao longo da vida.

Com a crença de que a construção de Relações de Vinculação com as crianças é a primeira e principal função do Educador de Infância, percorri um caminho de Investigação Qualitativa em Educação sobre esta temática. Tive como intenção perceber se a minha crença sobre Relações de Vinculação era verdadeira e poderia ser comprovada pela literatura e também pela observação da realidade. Nesse sentido, desenvolvi um Estudo de Caso, cujo objeto de estudo foi uma criança de três anos (a Criança A.) e o seu comportamento.

Partindo da problemática: ***De que forma o comportamento da criança é influenciado pela Relação de Vinculação com o Educador de Infância?****,* o Estudo de Caso foi depois estruturado e organizado segundo três questões de investigação.

A análise dos dados permitiu chegar a algumas considerações sobre a primeira questão de investigação "De que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança influencia a relação da Criança consigo própria e com os outros?". Ao sentir-se "vista" e amada pela Educadora de Infância, a Criança A. passou a reconhecer e afirmar o seu "Eu"; transformou a perceção sobre si mesma e aumentou a autoestima. Esta transformação refletiu-se também na interação social da criança A. e na criação de vínculos afetivos com as pessoas, adultos e pares, que faziam parte do seu quotidiano na escola. À medida que a segurança emocional da criança A. aumentou, esta começou a sentir que fazia parte e pertencia ao grupo e, por isso, a apresentar comportamentos sociais mais adequados e ajustados à sua idade. A criança A. passou de uma postura reservada, para assumir um papel participativo e até de liderança nas brincadeiras, atividades de grupo e desenvolvimento de projetos de sala.

No que diz respeito à segunda questão de investigação "De que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da Criança?", observou-se que a criança A., ao sentir-se acolhida e com uma Relação de Vinculação com a Educadora de Infância, passou a expressar-se e a comunicar, primeiro com gestos e movimentos, e depois com palavras.

A capacidade da criança A. verbalizar as suas próprias necessidades, vontades e opiniões, evoluiu significativamente. Paralelamente, observou-se um avanço no envolvimento da criança A. nas conversas com os seus pares, o que favoreceu as interações, a sua participação nas dinâmicas de pares e a construção de relações com os outros.

Por fim, a interpretação dos dados relativos à terceira questão de investigação "De que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança influencia a autonomia da Criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas?", mostrou que o fortalecimento do vínculo com a Educadora de Infância proporcionou maior confiança à criança A. para participar em todas as atividades, de rotina ou propostas pelos adultos ou outras crianças. A criança A. não só começou a participar de maneira mais consciente, livre e espontânea nas atividades propostas, como assumiu papéis de liderança em brincadeiras e projetos de sala, incentivando também a colaboração dos seus pares.

Para chegar a tais conclusões e respostas às três questões de investigação, foram observadas, registadas e cuidadosamente analisadas quarenta e cinco notas de campo que relatam situações sobre o comportamento da Criança A., durante um ano letivo. Foram ainda realizadas e interpretadas sete entrevistas a adultos que acompanharam a mesma criança, durante o mesmo período de tempo.

Pela análise das notas de campo foi possível compreender que houve uma transformação e evolução do comportamento da criança A., ao longo do tempo. Complementarmente, pela análise interpretativa das entrevistas, foi possível identificar as causas da transformação do comportamento da criança A., sendo possível destacar a aproximação da Educadora de Infância à própria criança e à sua família, como o "momento-chave" para o início de um desabrochar ou *educere* da criança A.

Assim, e de uma forma global, foi possível compreender que a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança A. foi um fator determinante para o bem-estar emocional da própria criança e, consequentemente, para a sua abertura aos outros e ao mundo.

Abordagens literárias, como a de Lourdes Mata (Mata, 2023), sublinham a importância da criança se sentir "vista" e reconhecida para desenvolver a sua identidade, e o presente Estudo de Caso demonstrou que a atenção e a valorização por parte do Educador de Infância teve um impacto transformador no comportamento da criança. Quando a mesma se sente respeitada, acolhida e amada, o seu sentido de segurança e

autoestima é fortalecido, influenciando de forma positiva a forma como se relaciona consigo própria e com os outros.

Este Estudo pretende, por isso, ser uma inspiração para todos os que o lerem e para mim própria, porque confirmei a minha crença e tornei-me ainda mais convicta de que a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança é determinante para vida presente e futura da própria Criança.

Hoje, acredito ainda mais que a Relação de Vinculação que construímos com cada criança, faz com que ela se sinta pertença, olhada, amada e, o mais importante, segura e confiante para alcançar, um dia, tudo o que idealiza. Por isso, na minha prática profissional quero ser uma Educadora de Infância dedicada e comprometida em construir Relações de Vinculação com todas e cada uma das crianças com quem me cruzar.

Sabia-o por intuição, mas com este Estudo de Caso pude confirmar que, se o Educador de Infância investir verdadeiramente numa Relação de Vinculação com a Criança, a vida desta Criança poderá transformar-se para sempre. Um estudo da Universidade de Harvard, realizado durante várias décadas, concluiu que a qualidade das relações é o principal indicador de saúde e felicidade das pessoas, pelo que as primeiras relações do ser humano (ainda em criança, numa fase de maior neuroplasticidade) serão determinantes para a sua vida.

Depois de ter lido diferentes autores, e depois de ter observado, registado, analisado todos os dados e tirado conclusões, faço minhas as palavras de uma das entrevistadas deste Estudo de Caso: "o trabalho do Educador de Infância é sobretudo (…) aquele que não se vê. Realmente é mesmo incrível como a Relação de Vinculação, o amor, o interesse fez com que [a Criança A.] sentisse que está cá, que é valida, que a sua vida tem valor." (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 2) E ainda "É mesmo comovente perceber como o investimento, a aproximação, o amor, a Relação de Vinculação que o adulto constrói com a criança pode transformar a sua vida naquele momento, mas certamente com efeitos no futuro. É por isto que estou sempre a dizer que a Educação tem um papel imenso na Saúde Mental, e na Saúde de cada pessoa e da sociedade." (Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela criança A., 25/07/2024, resposta à pergunta 4).

Uma vez que construir, manter e fortificar uma Relação de Vinculação com a Criança é um trabalho "invisível" do Educador de Infância é também muitas vezes ignorado. De uma forma geral, olhamos para a Educação da Criança de uma forma muito técnica, preocupando-nos com o seu desenvolvimento e aquisição de competências e

passando por cima dos alicerces e da sustentação de todo o desenvolvimento e aprendizagem. Este trabalho de investigação tem também o objetivo de alertar, todos os que o lerem, de que a Educação de Infância tem de ir para além da técnica, focando-se, em primeiro lugar, nas ligações e relações, mesmo que sejam difíceis de ver e impossíveis de mensurar. A atitude do Educador de Infância deve ser caracterizada pelo conhecimento científico e flexibilidade, mas ainda mais pela sensibilidade, porque como diz a célebre frase d'O Principezinho "Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos".

Embora invisível, o trabalho da Educadora de Infância no presente Estudo de Caso teve um enorme impacto no desenvolvimento da Criança A. e na aquisição de competências por parte desta. Foi a partir do momento em que a sua presença e a sua voz se tornaram importantes para a Educadora e para os outros, que a criança A. começou a fazer mais e a querer aprender mais, ou seja, a evidenciar a sua vontade de viver e de concretizar o "enorme potencial de energia, (…) curiosidade natural para compreender e dar sentido ao mundo que a rodeia" (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016). A partir do momento em que se sentiu olhada e amada, a motivação da Criança A. tornou-se interna e o seu comportamento transformou-se, até se apresentar com características típicas da sua faixa etária, de acordo com o descrito no capítulo da Revisão da Literatura deste Relatório Final de Mestrado.

Com este Estudo de Caso foi possível compreender que o Educador de Infância deve ser o principiante e quem toma a iniciativa na construção de Relações de Vinculação com as crianças. Embora seja mais fácil estabelecer Relações de Vinculação com algumas crianças do que com outras, o Educador de Infância deverá ir sempre ao encontro da criança, aproximar-se e interessar-se verdadeiramente por ela, como sugeriu João dos Santos, no seu vasto e profundo trabalho sobre Educação e Saúde Mental.

Ao "abrir a porta" para a Relação de Vinculação, o Educador de Infância transmite uma mensagem, psicologicamente vital, para a criança: é desejada, é amada e está segura. E só com este sentimento e certeza, a criança é, depois, capaz de ir ao encontro de si mesma e dos outros, para construir relações positivas consigo, com os outros e com o mundo.

Termino este Relatório Final de Mestrado com um profundo sentimento de gratidão e realização, pois estagiar e trabalhar no Jardim das Brincadeiras e desenvolver esta Investigação foram vivências muito impactantes e significativas para mim. Foram

experiências que contribuíram muito para a forma como, atualmente, concebo a Educação e o papel do Educador de Infância, mas que contribuíram ainda mais para a forma como me construo e quero continuar a construir enquanto Educadora de Infância.

# Referências Bibliográficas


Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prática e crítico.* Porto: Edições Asa.

Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1992). *Uma abordagem etológica ao desenvolvimento da personalidade.* American Psychocologist.

Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns os Attachment: a psychological study of the strange situation.* Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação.* Porto: Porto Editora.

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment.* Londres: Basic Books (Edição Revista, 1982).

Bowlby, J. (1982). *Attachment, 2nd ed., vol.1.* New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1988). *Uma base segura: apego pai-filho e desenvolvimento humano saudável.* Livros Básicos.

Brandão, Z. (2001). *A dialética macro/micro na sociologia da educação.* . São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

Brazelton, T. B., & Sparrow, J. (2010). *A criança dos 3 aos 6 anos: o desenvolvimento emocional e do comportamento 5ª ed.* Lisboa: Editorial presença.

Bronson, M. (2022). *Self-regulation in early childhood: Nature and nurture.* Cambridge: Harvard University Press.

Bruner, J. (1990). *Acts of Meaning.* Cambridge: Harvard University Press.

Creswell, J. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches.* Sage Publications.

Denzin, N., & Lincoln, Y. (2011). *The SAGE Handbook of Qualitative Research.* Estados Unidos da América: Sage Publications.

Erikson, E. (1963). *Childhood and Society.* New York: Norton e Company.

Fialho, D. E. (17 de novembro de 2022). *Eugénia Fialho.* Obtido de O que esperar do Desenvolvimento da Criança aos 2 anos de idade?: https://eugeniafialho.com/o-que-esperar-do-desenvolvimento-da-crianca-aos-2-anos-de-idade/

Figueira, M. (1998). *Ser Educadora na Creche. Cadernos de Educação de Infância*. Lisboa: Associação de profissionais de Educação de Infância.

Fochi, P. (2015). *Afinal o que os bebés fazem no berçário? Comunicação, autonomia e saber fazer de bebés em contexto de vida coletiva*. Porto Alegre: Penso.

Fontes, P. (1998). *Breves considerações acerca da situação das creches em Portugal*. Lisboa: Associação de profissionais de Educação de infância .

Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (5ª ed.)*. São Paulo: Atlas.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2007). *Educar a criança (4ªed.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a criança (6ª edição)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Holmes, J. (1993). *John Bolby and Attachment Theory*. London: Routledge.

Jardim das Brincadeiras. (2023). *A Relação Afetiva*. Obtido de Jardim das Brincadeiras: https://www.jbrincadeiras.com/arelacaoafetiva

Ladd, G., & Coleman, C. (2010). As relações entre pares na infância: formas, caracteristicas e funções. Em B. Spodek, *Manual de investigação em educação de infância. 2ª Edição* (pp. pp. 119-157). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lipp, M. (2002). *O Stress do Professor*. Campinas, São Paulo: Papirus.

Marques, A., Azevedo, A., Marques, L., Folque, M. A., & Araújo, S. B. (2024). *Orientações Pedagógicas para a Creche*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direçãao-Geral da Educação (DGE).

Mata, L. (Agosto de 2023). *Ispa N1 Minutos Newsletter #32* . Obtido de ISPA: https://www.ispa.pt/ispa-n1-minuto-newsletter-32-agosto-2023/

Meirieu, P. (2021). *A escolha de educar: Ética e pedagogia*. Porto Alegre: Artmed.

Merriam, S. (2009). *Qualitative Research: A Guide to Design and Implementation*. Estados Unidos da América: Jossey-Bass.

Nezworski, T. (1988). Clinical Implications Of Attachment. Em J. Belsky, & T. Nezworski, *Clinical Implications of Attachment* (pp. 5-8). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Noddings, N. (2020). *The ethics os care: Personal, political and global (3ª ed.)*. Berkeley: University of California Press.

Pacheco, J. A. (1995). *O pensamento e a ação do professor.* Porto: Porto Editora.

Piaget, J. (1932). *The moral judgment of the child.* Oxford: Harcourt.

Pinto da Rocha, M. B., Couceiro, M. E., & Reis Madeira, M. I. (dezembro de 1996). *Creche (Condições de implementação, localização, instalação e funcionamento).* Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social - Núclo de Documnetação Técnica e Divulgação .

Portugal, G. (1998). *Uma abordagem Ecológica da Adaptação do Bebé à Creche (7ªed.). Coleção Cidine.* Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2000). *Educação de Bebés em Creche -Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas. Infância e Educação, Revista do GEDEI.* Porto: Porto Editora.

Rombert, J. (2013). *O Gato Comeu-te a Língua?* Lisboa: A esfera dos livros.

Santos, J. d. (1987). *Ensaios de Psicanálise e Psicopedagogia.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar.* Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (DGE).

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem.* Lisboa : Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. (2006). *Avaliação da Linguagem Oral: Um contributo para o conhecimento linguístico das crianças portuguesas.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância. Textos para educadores de infância.* Lisboa: Ministério da Educação.

Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação.* Braga: Psiquilibrios.

Stake, R. (1995). *The Art Of Case Study Research.* stage Publications.

Stern, D. (1985). *The interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology.* New York: Basic Books.

Trevarthen, C. (2020). *The Child` s need for care and communication: Foundations of early development.* New York: Routledge.

Ujiie, N. T. (2009). *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. A educação infantil e o processo de adaptação : As concepções de educadores de infância.* Brasil: PUCPR.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society - The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge: Harvard University Press.

Winnicott, D. (1971). *Playing and Reality*. Tavistock Publications.

Yin, R. (2018). *Case Study Research and Applications: Design and Methods*. Sage Publications.

# Anexos

## Notas de campo

## Período A - setembro a dezembro

Situação: Brincadeira Livre
Data: 12 de Setembro de 2023
Hora: 09:45h
Local: Área da casinha

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| - Na área da casinha estavam algumas crianças a desempenharem papeis sociais, ou seja, a brincarem em pequeno grupo.<br>- A A. ia se aproximando e observando mas não se misturava, fazendo a sua brincadeira sozinha, com um bebé. | - A menina A. começou por observar mas sem tentativa de interação.<br>- Com a tentativa de aproximação, consegui perceber que existe uma falta de confiança por parte da A. para que tal aconteça. |
| Comentários:<br><br>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. | |

**Nota de Campo Nº 1**

Situação: Momento do bom dia
Data: 19 de Setembro 2023
Hora: 09:30
Local: Área do Tapete

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| - Na área do tapete a educadora começa por ler a história de "Todos no sofá".<br>- De seguida pergunta, aleatoriamente, a algumas crianças quais os animais que aparecem na história.<br>- Quando chegou a vez da menina A., quando a educadora perguntou qual o animal que estava presente na página do livro a A., encolheu-se e não disse uma palavra. | - A A. mostrou-se bastante desconfortável com a pergunta da educadora, dai encolher-se após a pergunta.<br>- Após o foco de atenção de sair da A., a atitude voltou à normalidade.<br>- Sentiu-se retraída, envergonhada no momento da pergunta, quase que se escondeu. |
| Comentários:<br><br>Esta nota de campo pertence à perspetiva (2):<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. | |

**Nota de Campo Nº 2**

Situação: Brincadeira Livre
Data: 4 de outubro de 2023
Hora: 10:30
Local: Área da Casinha

| Descrição:<br>(No meio da brincadeira)<br><br>- A (A), tirou um brinquedo ao M.<br>- O M começou a chorar.<br>- Eu intervi perguntando ao M, o que se passava.<br>- Foi a A que tirou o telefone – Disse o M<br>- A! Tu tiraste o telefone ao M? –Perguntou a estagiária.<br>- Sim! – Respondeu a A.<br>- Mas os brinquedos não se podem tirar, podemos sempre perguntar ao amigo se pode emprestar.<br>- Podes emprestar o brinquedo à A, M? – Perguntou a estagiária ao M<br>- Ao qual o M respondeu que não e que queria brincar.<br>- Então vamos esperar que ele termine a brincadeira ok, A?<br>- A (A) sentou-se num canto da sala a chorar. | Inferências:<br><br>Reparei no que se tinha sucedido, mas queria que os dois intervenientes manifestassem o que estavam a sentir.<br>A menina (A) estava bastante chateada, pois no momento em que começou a chorar, deu também gritos de frustração.<br>A menina A é uma menina bastante calma, mas como todas as crianças, não gosta de ficar sem os brinquedos, mas neste caso foi ela que retirou um brinquedo ao amigo e foi ai que tudo começou. A relação social da A só agora é que começou a acontecer, segundo a educadora a A nunca tinha tido este tipo de atitudes. Eu pensei que agora já começa a ganhar confiança para o fazer, visto já ter uma relação de segurança contruída com a educadora. |
|---|---|
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros.(1) | |

**Nota de Campo Nº 3**

Situação: Brincadeira Livre
Data: 12 de outubro de 2023
Hora: 10:30
Local: Área dos jogos

| Descrição:<br><br>- A A., sentou-se na mesa a fazer um jogo de encaixe, assim que terminou a educadora da sala proporcionou-lhe num novo jogo mais complexo.<br>- A A., respondeu:<br>- Obrigada! – Sorrindo. | Inferências:<br><br>- A A. pegou num jogo de encaixe, sentou-se ao lado da educadora numa das mesas da sala e começou a brincar, depois de o resolver, a educadora da sala, reparou que a A. estava a precisar de um novo desafio. Então resolveu dar-lhe outro jogo mais complexo, para a estimular cada vez mais.<br>- Ao qual a A. agradece, sorrindo. |
|---|---|
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de Campo Nº 4**

Situação: Momento da sesta
Data: 16 de outubro de 2023
Hora: 12:15h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| - A A. começa a pedir à auxiliar água, fazendo gestos (de como tivesse a beber água, acompanhado pelo som correspondente).<br>- A auxiliar, depois de fazer a pergunta:<br>- Queres água?<br>- E a A. respondeu positivamente abanando a cabeça. | - A auxiliar já conhece bastante bem a A., pois perguntou se queria água, já sabendo que queria.<br>- A ação da auxiliar foi aplicada para que houvesse comunicação através da linguagem.<br>- A A. precisa não só de ser olhada, mas também de conversar para tentarmos desenvolver esta parte. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de Campo Nº 5**

Situação: Brincadeira Livre
Data: 18 de outubro de 2023
Hora: 16:30h
Local: Exterior

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No exterior:<br>- A A, esta na relva a observar uma carreira de formigas<br>- O P, aproxima-se e tenta interferir-se na brincadeira da A.<br>- A A. não permitiu e não gostou da aproximação, então começou a chorar.<br>- A educadora da sala questionou-os sobre o que se estava a passar.<br>- E resolveu a situação, levando o P para brincar noutro sitio. | -Esta foi uma situação que a educadora teve de gerir, para o bem comum.<br>-A A. estava no seu momento, concentrada e focada a brincar com as formigas.<br>-A educadora percebeu que não podia estragar o momento da A.<br>-A educadora, na minha opinião, teve uma ótima perceção do que se estava a passar e defendeu os seus interesses sem danificar o da outra criança, pois deixou a A. na brincadeira, e levou o P, para procurarem outras formigas. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 6**

Situação: Brincadeira Livre
Data: 25 de outubro de 2023
Hora: 16:45h
Local: Exterior/Sala Polivalente

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A menina A. está no exterior, mas chegou a hora de ir para dentro, pois está a chover.<br>- A. vamos para dentro está a chover muito- disse a auxiliar da sala.<br>- Não!- Disse a A., a fazer resistência e a fugir da auxiliar.<br>Quando a auxiliar a conseguiu apanhar, começou a chorar e ficou amuada a um canto da sala. | Na minha opinião, a A. ficou assim o resto da tarde , porque não tinha confiança com a auxiliar da própria sala, para chegar perto em busca de carinho e afeto.<br><br>A auxiliar da sala achou muito estranho a A. não ter ido ter com ela, passado uns minutos. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 7**

Situação: Momento de acolhimento
Data: 30 de outubro de 2023
Hora: 09:40h
Local: Sala de Atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A mãe da A. deixou-a na escola, e a A. começou a chorar.<br>A auxiliar da sala recebeu-a de braços abertos.<br>A A. não gostou e começou a chorar, porque queria a mãe. Assim que a mãe foi embora a A. ainda ficou a chorar cada vez mais.<br>A auxiliar da sala tentou confortá-la mas sem sucesso.<br>A A. foi para um canto da sala chorar e brincar sozinha. | A A. tem uma relação especial com a mãe, não a queria deixar por nada.<br>E dentro da sala, ficámos muito surpreendidas com a reação nos instantes a seguir, |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 8**

Situação: Situação de saída
Data: 7 de Novembro de 2023
Hora: 18:00h
Local: Entrada do colégio

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No momento da saída do colégio, na zona de entrada e saída do colégio, a A. deitou-se com a cara colada ao chão, mantendo-se nesta posição por alguns segundos. | A A. neste momento mantinha uma expressão de apatia. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 9**

Situação: Momento do bom dia
Data: 13 de Novembro de 2023
Hora: 09:35h
Local: Tapete da sala de Atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Antes de iniciar o momento do bom dia, a educadora pediu ao grupo para se sentarem.<br>Já com todo o grupo sentado, duas crianças que estavam sentadas ao lado da A., começaram a empurrar-se, magoando a A.<br>A A. mostrou-se indiferente ao acontecido, não manifestando qualquer sentimento. | A A., no momento não mostrou qualquer reação, por se sentir distante e isolada, portanto pouco reativa no comportamento. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 10**

Situação: Brincadeira Livre
Data: 16 de Novembro de 2023
Hora: 10:00h
Local: Sala de Atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A meio da manhã, no momento da higiene, a A, atendeu a um pedido por parte do adulto, onde lhe foi pedido para ir à casa de banho. | A A., é responsiva às indicações sugeridas pelo adulto, mas não mostra as suas necessidades de forma espontânea. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1) e (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de Campo Nº 11**

Situação: Momento da higiene
Data: 5 de dezembro de 2023
Hora: 15:45h
Local: Casa de banho

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Alguns elementos da sala 3 estavam na casa de banho, incluindo a A..<br>Perguntei-lhe onde estava o M:<br><br>- A!, onde está o M?<br>- A A., aponta para a criança M<br>- Perguntei onde estava a C e a A., apontou para a C<br>- Depois perguntei onde estava a A. e a A, encolheu os ombros. | Quando perguntei à A, onde ela própria estava, não me soube responder, encolhendo os ombros, mostrando uma expressão facial de indiferença. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 12**

Situação: Momento da higiene
Data: 7 de dezembro de 2023
Hora: 10:00h
Local: Casa de banho

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na casa de banho, a A. estava com a auxiliar e estavam as duas perto do espelho.<br>A auxiliar da sala perguntou-lhe onde estava a A.<br>A A. não respondeu, desviou o olhar, não vendo a sua imagem no espelho. | Aparentemente a A., não se quis ver ao espelho, mostrando muita dificuldade em olhar-se e reconectar-se consigo. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 13**

Situação: Momento do bom dia
Data: 12 de dezembro de 2023
Hora: 09:50h
Local: Sala de Atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No momento, do bom dia, a auxiliar da sala chamou a A. para se sentar ao seu colo.<br>A A. parou olhou para a auxiliar e não faz nada.<br>Outra criança apareceu e sentou-se ao colo da auxiliar.<br>A A. sentou-se no chão. | Depois da auxiliar ter chamado a A. para se sentar ao seu colo a A. não teve reação, o olhar dela parecia estar distante, não entendendo o que estava a ser pedido. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de Campo Nº 14**

Situação: Momento do bom dia
Data: 15 de dezembro 2023
Hora: 10:00h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| - Hoje querem começar a decorar o nosso presente de natal? – Perguntou a educadora<br>- SIM! – Respondeu a A. Sorrindo. | A educadora ao realizar esta pergunta, sabia perfeitamente que era do interesse das crianças e que a resposta seria positiva.<br>A menina (A) está mais predisposta à realização de atividades, quer individual quer socialmente.<br><br>A sua reação foi de alegria, entusiasmo e muita motivação para a atividade que se iria suceder.<br><br>Após esta resposta, por parte das crianças do grupo da sala 3, a menina A, foi a primeira a levantar-se para dar um abraço à educadora, e logo a seguir vieram todos os outros. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de Campo Nº 15**

**Período B – janeiro a abril**

Situação: Momento de acolhimento
Data: 9 de Janeiro de 2024
Hora: 08:30h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No momento do acolhimento, a A. chegou com a mãe.<br>A educadora foi recebê-la.<br>A A. começou a chorar e foi para os braços da educadora.<br>A educadora entrou com ela na sala e sentou-se com ela ao colo para cantarem o bom dia com o grupo.<br>A A. esboçou um sorriso e parou de chorar. | A A. começa a entender que para além da mãe poderá confiar também noutras pessoas para além da mãe e do pai.<br>E é com este intuito que se começa a entregar mais à educadora. Foi a mãe que a entregou dizendo que a iria buscar mais tarde e que agora iria brincar com a Pipa (educadora), e que iria ser muito divertido.<br>A criança relaxou com a conversa com a mãe e confiando no que lhe estava a ser transmitido. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 16**

Situação: Atividade orientada
Data: 11 de Janeiro de 2024
Hora: 10:00h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A A. estava a fazer massa de cores e começou a contar os pedaços que tinha em mãos:<br>- Quantos pedacinhos de massa tens A.? – Perguntou a educadora<br>- Tenho dois – Disse a A. representando o numero 2 com os dedos.<br>A educadora comprovou que o que a menina A. estava a dizer era verdade. | A massa de cores é uma atividade bastante acarinhada pelo grupo da sala dos 3 anos, não é algo que fazem todos os dias, e por isso é que se torna tão especial.<br><br>A partilha de massa, os utensílios, é algo que as crianças deste grupo, especialmente a (A) consegue fazer muito bem, sem grandes problemas e discussões. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 17**

Situação: Momento do bom dia
Data: 22 de Janeiro de 2024
Hora: 10:05h
Local: Tapete de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na hora do tapete a menina (A) estava com algumas dificuldades para se sentar, então sentou-se onde havia espeço. Mas a menina (L) também se queria sentar no mesmo sitio, dai a menina (A) e (L) terem começado a chorar.<br>A educadora da sala teve de intervir dizendo, para a menina (A) continuar sentada onde estava e para a menina (L) ir para outro lugar.<br><br>No final do momento do tapete a menina (A) acabou por dar um abraço à menina (L) voluntariamente, perguntando:<br><br>-Estás bem? – Perguntou a A<br>-Sim – Respondeu a L | Pareceu-me ter havido uma sensibilidade por parte da menina (A), sobre os sentimentos da sua amiga (L).<br><br>A preocupação sentida pela A mostra a empatia para com o outro. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 18**

Situação: 1ª sessão de terapia da fala
Data: 5 de Fevereiro de 2024
Hora: 09:00h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A mãe, quando chegou à instituição, levou a A. à sala onde a iria ter terapia da fala.<br><br>A terapeuta da fala, explicou à A., que agora a mãe tinha de ir embora, a A, continuava muito agarrada à mão da mãe.<br>Depois de alguns minutos a mãe teve de sair da sala.<br>A A. começou a chorar e a terapeuta tentou controlar a situação, fazendo algumas brincadeiras.<br>Mas sem sucesso.<br>A terapia acabou mais cedo do que era suposto. | A A. só tinha estado na presença da Mafalda (terapeuta da fala), uma vez, sem muita conversa.<br>Quando chegou o dia da terapia, a A. não sabia o que esperar, então foi a medo. A principio com a mãe sentiu-se segura e ao mesmo tempo desconfiada, do desconhecido.<br><br>Quando a mãe saiu da sessão, a A., sentiu-se desamparada, mas quando a Mafalda tentou fazer uma brincadeira com ela, logo se acalmou mas não se abrindo, tornando-se irredutível. O que fez com que terminassem a sessão mais cedo. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros.(1) | |

**Nota de campo Nº 19**

Situação: Momento de brincadeira no exterior
Data: 9 de Fevereiro de 2024
Hora: 10:30
Local: Exterior

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A brincadeira no exterior estava a correr como planeado, estava bastante calor e a educadora decidiu fazer uma pausa para refrescar.<br>Então decidiu sentá-los numa roda e começar a distribuir ás águas, entretanto não sabíamos do copo da menina A, preocupada com a situação, foi à procura. Quando o encontrou disse:<br><br>A água está aqui Pipa! – Disse a menina A acompanhado com um abraço. | A criança sentiu-se bastante orgulhosa pelo grande feito.<br>Existe sempre a necessidade de demonstrar à educadora que já é responsável. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 20**

Situação: 2ª sessão de terapia da fala
Data: 15 de Fevereiro de 2024
Hora: 10:30
Local: Exterior

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A terapeuta da fala foi buscar a A, à sala.<br>- Bom dia A.! Queres ir fazer coisas giras com a Mafalda? Vai ser muito divertido!<br>- A A. olhou para a terapeuta, sem dizer nada dando um sorriso.<br>- A terapeuta levou-a para outra sala para iniciarem a sessão. | A mãe da A., antes de a deixar na escola, conversou com a filha dizendo que hoje era dia de terapia da fala e que iria ser muito divertido.<br>Assistindo à conversa, deparei-me que a A. estava bastante atenda ao que a mãe dizia, pareceu-me que ganhou um pouco mais de confiança com a conversa. Pois comparando a primeira sessão com a segunda existe uma diferença significativa. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1) e (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 21**

Situação: Momento do Bom dia
Data: 19 de fevereiro de 2024
Hora: 09:47h
Local: Área do tapete

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A L. perguntou à A.<br>- Eu sou grande A.?<br>- Sim! – Respondeu a A.<br>O M perguntou à A.<br>- Eu também sou grande A?<br>- Sim! – Para além de dizer a palavra sim, a A. abanou afirmativamente a cabeça. | Na área do tapete, a educadora estava a falar com o grupo sobre uma birra que tinha acabado de acontecer, dizendo que "vocês já são crescidos para fazerem birras".<br><br>De seguida, alguns elementos do grupo questionaram a A, perguntando se eram crescidos. Isto faz com que vejam na A. uma figura de referência e de liderança. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 22**

Situação: Momento do bom dia
Data: 22 de fevereiro de 2024
Hora: 09:15h
Local: Tapete da sala

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A educadora da sala, estava a ler a história dos "ovos misteriosos" para o grupo.<br>- Quantos ovos faltam abrir? – Perguntou a educadora<br>- Dois! Respondeu a A.<br>- Muito bem A! – elogiou a educadora!<br>- E quem esta aqui? – Perguntou a educadora ao grupo<br>- É a cobra bebe – respondeu a A. sorrindo<br>- É mesmo a cobra bebé! – Disse a educadora sorrindo | A A. foi espontânea na sua participação e fez-se ouvir perante o grande grupo.<br>Não sentiu receio em dizer o que achava.<br>Sentiu-se segura para dar uma resposta. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 23**

Situação: Momento da história
Data: 12 de Março de 2024
Hora: 09:15h
Local: Tapete da sala

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No momento da história:<br>Algumas crianças do grupo estavam a fazer algum barulho enquanto a educadora contava a história, a A. fez SHIU! Para tentar ouvir.<br>Então resolveu, por iniciativa própria, sentar-se mais à frente. | A A. neste momento ganhou posição e espaço perante os outros e no grupo. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 24**

Situação: Momento de entrada no colégio
Data: 18 de Março
Hora: 08:30h
Local: Área polivalente da instituição

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Nesta manhã A auxiliar da sala fez o acolhimento da A, a mãe entregou a criança que estava a chorar à auxiliar.<br><br>A partir desse momento, e durante todo o dia a A. procurou esta auxiliar sempre que precisou de ajuda ou sempre que quis expressar alguma vontade ou sentimento | Esta ação demonstra que começou a construir uma relação com a equipa de sala, e que as procura em caso de necessidade. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros.(1) | |

**Nota de campo Nº 25**

Situação: Momento de saída do colégio
Data: 26 de Março
Hora: 18:30h
Local: Entrada do colégio

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Neste dia, já pelas 18:30 quando estava a sair do colégio com a mãe a A. ficou a brincar já do lado de fora do colégio.<br>Subiu para o parapeito de uma janela sorriu e depois experimentou saltar para o chão, voltou a fazê-lo e uma das colaboradoras do colégio perguntou.<br>- Quem é que está muito contente?<br>- EU!!!!- Respondeu a A sorrindo. | A A. estava realmente feliz não só pelo desafio físico mas por gritar a palavra EU!<br>Houve uma afirmação da sua identidade e do seu EU - Self |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 26**

Situação: Momento de entrada na sala de atividades
Data: 2 de Abril
Hora: 10:00h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Neste dia, a A. terminou a sua sessão da terapia da fala e quando chegou à sala acedeu a um pedido da terapeuta.<br>Diz o nome da Pipa!<br>Semanas mais tarde a A. começou a chamar "Bruna" e "Xana". | Ao conseguir dizer os nomes das adultas de referencia, abriu-se uma oportunidade para a A ir mais ao encontro destas para pedir ajuda, para suprir necessidades, satisfazer vontades e expressar sentimentos. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 27**

Situação: Momento do bom dia
Data: 5 de Abril
Hora: 09:30
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Neste dia , a A. trouxe de casa alguns brinquedos para a sala.<br>Antes do momento da história os adultos da sala deram indicação de que os brinquedos de casa tinham de ser arrumados.<br>A A., não gostou que lhe tirassem, amuou, e começou a chorar, dizendo para a auxiliar<br>- Não és minha amiga. | A A. começou a expressar as suas emoções e sentimentos de forma clara, sejam eles a alegria, a tristeza, a raiva. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 28**

Situação: Momento da história
Data: 10 de abril
Hora: 18:15h
Local: porta do colégio

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A A. tinha três pedras na mão e começou a enumerar as cores das pedras à medida que as ia colocando na mão da auxiliar.<br>A educadora perguntou quantas pedras estavam na mão, a A, apontou para cada uma e foi dizendo números de 1 ate ao 4, embora estivessem apenas três pedras na mão da educadora.<br>A educadora perguntou:<br>- Vais levar para quem?<br>- Para a mãe!<br>- E como se chama a mãe? – Perguntou a educadora<br>- Guibixanga<br>- Já sabes dizer o nome todo? – Perguntou a educadora<br>- Sim!<br>- E o pai? – Perguntou a educadora<br>- O pai não é Guibixanga<br>- Então como se chama o pai? – Perguntou a educadora<br>- É Dinis | A A. manteve concentração num considerável período de tempo e conseguiu dialogar com o adulto, sabendo ouvir e falar nos momentos adequados. Mostrou por isso saber qual a sua posição e a posição do outro ao longo do diálogo e desta interação. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 29**

Situação: Aula de música
Data: 16 de abril
Hora: 10:00h
Local: Tapete da sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
| --- | --- |
| Antes de começar a aula de música, o grupo de crianças foi-se sentar na área do tapete.<br>A A. quis sentar-se ao lado da auxiliar para assistir à aula. | Nesta fase a A. e já se sente muito amada por isso sente-se no direito de ocupar e "reclamar" para si o colo do adulto e o conforto que este lhe dá.<br>Há uns meses a A. não ousava aproximar-se do colo e pedir esse conforto especial, provavelmente porque não se sentia merecedora disso. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1) e (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 30**

## Período C – maio a julho

Situação: Momento da receção da criança (Conversa entre a Educadora e a Mãe)
Data: 6 de maio de 2024
Hora: 09:35
Local: Jardim Aventura

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| - A sua filha está cada vez melhor- Disse a educadora.<br>- Obrigada! Também tenho reparado que sim! Acho que a terapia da fala está a ajudar muito – Disse a mãe<br>- E não só! A (A) está muito mais despachada, está sempre a tentar ajudar os outros nas suas tarefas – Disse a educadora.<br>- A sério? Ai que bom saber disso! – Disse a mãe.<br>- Até logo – Disse a educadora<br>- Até logo – Disse a mãe. | A mãe sentiu-se bastante feliz com toda esta informação que a educadora referenciou.<br>A educadora tem cada vez mais a preocupação de informar a mãe sobre cada passo dado pela sua filha.<br><br>A educadora acha que ainda existe um longo caminho a ser percorrida mas que estão num excelente caminho.<br><br>Cada vez mais existe esta preocupação tanto por parte da educadora como por parte da mãe de saber como esta o comportamento da (A). |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 31**

Situação: Momento da higiene
Data: 8 de maio de 2024
Hora: 09:35
Local: Casa de banho

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na casa de banho, a A. estava a tentar alcançar o papel para limpar as mãos, quando chegou a educadora:<br>- A. precisas de ajuda?- perguntou a educadora<br>- Não, já sou crescida- Disse a A. | A A. já tem uma perceção de si própria mais positiva, mostra sentir-se mais capaz e por isso mais autónoma e com mais autoestima. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 32**

Situação: Momento de do bom dia
Data: 14 de maio de 2024
Hora: 09:15
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A educadora chega à sala:<br>- PIPA!!!!! – a A. chamou a atenção para a sua chegada.<br>A maior parte das crianças foi-se abraçar à educadora. | A A. viu alguém com quem já tem uma relação, a educadora.<br>Sentiu-se bem por ver alguém com quem tem confiança. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 33**

Situação: Brincadeira com a educadora
Data: 23 de maio de 2024
Hora: 12:00h
Local: Exterior

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A A. começou uma brincadeira no exterior:<br>- Pipa! Sou o lobo mau!- Disse a A. começando a correr de maneira a que a pipa corresse atrás dela.<br>- Vou te apanhar A.!!!- Disse a educadora<br>De repente andava o grupo todo atrás da educadora. | A A. lembrou-se de uma brincadeira que já tinha vivido. E sentiu-se à vontade para começar uma brincadeira com quem já tem uma relação mais coesa. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 34**

Situação: Momento da refeição
Data: 5 de junho de 2024
Hora: 12:30h
Local: refeitório do colégio

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na hora da refeição:<br>- Ajuda! – Disse a A. pois não estava a conseguir comer sozinha.<br>- A auxiliar dirigiu-se à A, para tentar ajudá-la, mas sem sucesso.<br>- Aquando intervém a educadora da sala.<br>- Queres a minha ajuda, A?! – Disse a educadora da sala.<br>- Sim! – Respondeu a A, abanando também a cabeça. | A A. já tem confiança para pedir ajuda, sentindo-se mais confiante.<br>O facto de só querer a educadora para a ajudar, diz muito acerca da relação estabelecida entre as duas. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 35**

Situação: ida à água na praia
Data: 12 de junho
Hora: 09:30
Local: Praia da torre

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na praia, na altura em que o grupo de crianças vai ao mar tomar banho.<br>A A. corre para a frente ao encontro das ondas um pouco maiores.<br>Vai mas logo depois olha para trás para ver onde estão os adultos e os pares de referencia, sorri e volta a correr para junto destes.<br>Esta situação acontece repetidamente. | A A. sente-se feliz pela sua espontaneidade e liberdade com o mar.<br>Arrisca, vai, mas quando se sente mais isolada, olha para trás e percebe que pertence a um grupo de pessoas que está ali por perto.<br>Quando toma essa consciência dirige-se logo para ao pé deles e mostra-se feliz com isso, porque se sente bem e pertença deste grupo. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1) e (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 36**

Situação: Momento do bom dia
Data: 17 de junho de 2024
Hora: 10:00h
Local: sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No momento do bom dia, a A. tentou fazer uma partilha pessoal perante o grupo. | Neste momento a A. tentou expressar o que estava a sentir através de sons, silabas e gestos, mas sentiu-se livre para se expressar. |
| Comentários:<br><br>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 37**

Situação: Momento de brincadeira livre
Data: 19 de junho de 2024
Hora: 09:50
Local: sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na área da casinha:<br>- "O meu pai é grande, quase chega ao céu" – Cantou a A.<br>A educadora, que estava envolvida na brincadeira também cantou complementando a canção.<br>As crianças presentes na casinha também começaram a cantar. | A ação que A. teve influenciou bastante a atitude dos outros, já a tomam como exemplo.<br>Já se sente segura de expressar em público. |
| Comentários:<br><br>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2):<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2) | |

**Nota de campo Nº 38**

Situação: Momento de acolhimento
Data: 21 de junho de 2024
Hora: 09:35
Local: Jardim Aventura

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| menina (A) chegou à escola com a sua mãe:<br><br>- Bom dia Pipa – Disse a mãe<br>- Bom dia – Respondeu a educadora<br>- Sabe onde está a bata da A.? É que não está no cabide dela – Disse a mãe<br>- Não está? – Perguntou a educadora<br>- Não! – Respondeu a A.<br>- Não! – Respondeu a mãe<br>- Quando a encontrar-mos colocamos no cabide da A., não se preocupe! – Disse a educadora<br>- Obrigada! Até logo! – Disse a mãe para se despedir. | Estas pequenas conversas informais, entre a mãe e a educadora, são cada vez mais interessantes. Sinto que acontecem com mais frequência do que no inicio do ano, isso é um sinal bastante positivo.<br><br>A menina A. está cada vez mais à vontade com a educadora e com as auxiliares da sala, o que faz com que também exista esta cumplicidade.<br><br>A menina A. sente-se cada vez mais segura de si própria e com mais consciência também sobre tudo o que a rodeia. |

Comentários:

Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3)

**Nota de campo Nº 39**

Situação: Momento de brincadeira livre
Data: 26 de junho de 2024
Hora: 10:30h
Local: Sala dos 2 anos

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| A A. entrou na sala das crianças dos 2 anos, começou a brincar com as crianças que lá estavam, a participar espontaneamente e até a organizar a dinâmica da brincadeira. | Aparentemente a A. tem agora segurança para se deslocar no espaço da escola com autonomia e seguindo as suas vontades e instintos, à procura de relação com os outros. |

Comentários:

Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3)

**Nota de campo Nº 40**

Situação: Momento da saída
Data: 4 de julho de 2024
Hora: 18:00h
Local: exterior

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Na hora de saída, a A. na maior parte dos dias da semana não queria ir embora. Quando o pai aparecia para a ir buscar, a A. inventava sempre algo para fazer nessa hora e adiava a saída, ficando a brincar no parque. | A A. já se sente bastante bem no colégio, é um sitio que já lhe é familiar, e o facto de não querer ir embora é porque já se sente bastante à vontade. |
| Comentários:<br><br>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de campo Nº 41**

Situação: Momento do bom dia
Data: 10 de julho de 2024
Hora: 09:39
Local: sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Nesta manhã, a A., trouxe-nos uma caracoleta que encontrou perto da escola.<br>Quando entrou na sala, mostrou a caracoleta a todos.<br>Todos se aproximaram.<br>No momento do tapete, a A. mostrou o seu novo amigo.<br>A caracoleta ficou na sala vários dias. | A A. pareceu muito contente por vir mostrar a caracoleta que tinha trazido de casa, por ser tão importante para ela.<br>O sorriso da A. expressava a alegrai que sentia. |
| Comentários:<br><br>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 42**

Situação: Momento do bom dia
Data: 16 de julho de 2024
Hora: 10:00h
Local: sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| No dia depois da A. ter mostrado a caracoleta aos amigos, a L. trouxe para a escola um livro sobre caracóis.<br>Começou a criar-se um pequeno projeto sobre caracóis e o grupo de crianças escolheu um nome para dar à caracoleta.<br>Depois em conjunto foram à cozinha buscar folhas de alface para o alimentar. | A A. sentiu-se muito valorizada porque todo o grupo de crianças e adultos, ficaram interessados no animal trazido pela A.<br>A A. cativou os pares e os adultos para um assunto seu. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (3):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)<br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3) | |

**Nota de campo Nº 43**

Situação: Momento de saída
Data: 19 de julho de 2024
Hora: 17:30h
Local: Colégio

| Descrição: | Inferências: |
|---|---|
| Chegando a sexta feira a auxiliar da sala, levou a caracoleta para a sua casa, para ser cuidada. | Com esta atitude a auxiliar quis mostrar à A. que dá importância ao que é importante para a A., ou seja, quer mostrar à A. que ela é importante para os outros. |
| Comentários:<br><br><u>Esta nota de campo pertence à perspetiva (1):</u><br>De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1) | |

**Nota de campo Nº 44**

Situação: Momento de brincadeira livre
Data: 23 de julho de 2024
Hora: 08:55h
Local: Sala de atividades

| Descrição: | Inferências: |
| --- | --- |
| A A. foi buscar uma folha e uma caneta, e desenhou três figuras humanas com cabeça, membros, olhos, boca.<br>A auxiliar da sala perguntou:<br>- Quem são?<br>- É a mãe, o pai, e eu! | Esta foi a primeira vez que A. já foi capaz de desenhar a figura humana e curiosamente quando o fez representou-se a si, juntamente com a família, evidenciando o quão importante são as figuras de vinculação. |

Comentários:

Esta nota de campo pertence à perspetiva (1), (2), (3):
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a relação da criança consigo própria e com os outros. (1)
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a capacidade de expressão e comunicação da criança. (2)
De que forma a relação de vinculação entre o educador e criança influencia a autonomia da criança e a sua participação nas rotinas e nas atividades pedagógicas. (3)

**Nota de campo Nº 45**

## Entrevistas

## Anexo 46 – Guião da entrevista

| Identificação do Entrevistado | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | |

1. De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?

2. Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?

3. Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?
   3.1. Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?

4. Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?
   4.1. E com adultos?

5. Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?

6. A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?
   6.1. Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?

## Anexo 47 - Entrevista à Educadora de Infância da Criança A

Data: 4 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 1 | 44 Anos | Feminino | Educadora de Infância | Mestrado em Educação Pré-escolar | 10 anos |

Perguntas:

1. **De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

A A. é uma menina muito meiga, é difícil generalizar o comportamento da A., pois em relação ao ano passado sinto muita diferença. O ano passado sentia-a muito insegura, com muito medo de se aproximar do outro, era bastante observadora tentava-se aproximar do outro, mas sem sucesso, era como se existisse uma barreira.

A equipa de sala começou a perceber que a linguagem teve uma influência nessa integração da A. Pois agora sentimo-la muito mais sensível, carinhosa, gosta muito de abracinhos e miminhos, felicita-me muitas vezes dizendo ``É a minha Pipa``. Vem ter comigo espontaneamente e faz sempre uma grande festa quando eu chego à sala de manhã, pede-me beijinhos, comparativamente ao início do ano, a A não fazia nada disto.

Sinto que a A ganhou muita confiança em mim, desde o início do ano, em relação ao ano letivo passado, já se permite ser ela e não tem medo de errar, mesmo errando, a A agora tenta, ainda não consegue dizer tudo o que quer, mas sem medo já tenta e com isto está a construir um caminho bonito.

2. **Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram*?***

Senti bastantes mudanças. A A no início isolava-se um pouco e não brilhava junto dos outros (é o que eu sinto) eu acho que agora é diferente, é participativa, entusiasta, coisas que ela não fazia. No início do ano refugiava-se muito nela própria, mas agora e muito depois de começar com a terapia (eu acho que a ajudar muito), ela desabrochou, sentiu-se muito mais confiante e por exemplo, no início do ano, acabava por fugir das brincadeiras, pois tinha alguma dificuldade na interação com os outros. E agora, notei um avanço gigante, porque a A lidera brincadeiras.

Entrevistadora: E quando começou a sentir essa mudança?

Acho que a terapia teve uma influência enorme, e o facto de nós estarmos mais alerta as suas dificuldades, desde o início do ano reparámos que continuava com as mesmas atitudes, então decidimos investir para que houvesse confiança, se sentisse segura e com a hipótese de poder tentar mesmo errando. Sabendo que estamos sempre deste lado para o que ela precisar, dando o espaço necessário para avançar.

3. **Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**
   **3.1. Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

Não existe um momento exato, mas isto é tudo um processo, que já vem do ano transato, que eu acho que a terapia teve uma influência gigante, mas o facto de já ter estado na minha sala o ano passado e de termos transitado as duas para a sala dos 3 anos, fez com que ela percebesse que podia mesmo confiar em mim. E não ter medo de arriscar, eu acho que era um grande medo da A.
Ela tinha medo de arriscar porque tinha noção que não conseguia dizer o que pretendia, nem comunicar como ela queria.
Eu acho que também houve um investimento grande da minha parte porque me preocupava. Comecei a pensar no desenvolvimento de cada criança que tinha em mãos, na paragem do Verão as crianças dão um pulo gigante. E eu não senti isso na A, e esta estagnação preocupou-me muito. Acabou por existir um investimento maior da minha parte em relação à A.

***3.1*** Eu acho que os grandes influenciadores deste crescimento da A, para além da terapia da fala, acho que foi o meu investimento para com ela e como consequência estabelecemos uma relação segura. E o facto de me envolver a 100% com ela, pois sentia-me muito preocupada, acabei por também investir mais na aproximação da família da A. Esta atitude da minha parte faz com que se sinta ainda mais segura, porque se me vê a estabelecer uma relação mais próxima com a mãe e com o pai, acaba por se sentir mais segura e com a plena consciência que poderá confiar em mim para tudo. Pois se a mãe confia (e é a pessoa em quem a A. mais confia) então a A vai perceber que também poderá confiar em mim.

4. **Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?**

A A tem crescido muito e consequentemente começa a destacar-se.
Ela é filha única, mas na escola sempre se interessou a ajudar o outro e gostava de entrar nas brincadeiras, mas acabava por ter muita dificuldade em aproximar-se deles. Não conseguia socializar, acabando por se isolar observando de longe. Atualmente, já interage com muitos dos elementos do grupo, tornando-se ativa nas brincadeiras, chegando a

liderar, num dos cantinhos em que mais se nota isso é na casinha, ela vai decidindo os papeis sociais de cada criança.

### 4.1. E com adultos?

O apoio do adulto tem sido muito importante para a A, ela sente isso e sempre que precisa de algo também nos procura porque se sente segura. A partir do momento em que a A percebeu que a família dela confiava na educadora, ela alargou isso ao resto da sala. Procura-nos, pede ajuda sempre que necessário, pede mimo e dá mimo, naturalmente chega ao pé de nós e abraça-nos. Sente-se SEGURA!

**5. Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

A A ainda se apoia muito no adulto, mas mantêm uma atitude que já tinha na sala dos 2 anos, que é, quando algo não é do seu agrado, cruzava os braços e amuava a um canto a chorar, sem dizer uma única palavra. Notava-se que tinha uma grande dificuldade a expressar-se. A meio do ano já começava a utilizar bastante a expressão corporal para se expressar. Atualmente já se tenta expressar através da linguagem. A A, por norma, é atenciosa com os pares e quando acontece algo, ela já consegue chegar ao adulto e pedir ajuda, coisa que ela não fazia.
Ela tenta-se fazer entender de todas as maneiras. A linguagem da A ainda está a ser trabalhada na terapia da fala, mas sinto que quando algum adulto da escola não entende o que a A está a dizer, ela tenta até à exaustão que o adulto perceba o que está a querer transmitir.

**6. A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**
**6.1. Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

A A sempre foi uma menina independente, com muita vontade própria. Muito a ver com o ambiente familiar, acho que aprendeu a desenvencilhar-se sozinha. Uma das proezas que conseguiu logo cedo, na sala dos 2 anos, foi largar a fralda.
Sinto-a mais autónoma nas diferentes rotinas do dia, principalmente na parte pedagógica, quando são atividades lançadas ao grupo. No início do ano tinha uma postura muito reservada, cruzando os braços e atualmente tem uma postura diferente, dando-se mais ao outro e aos momentos das atividades que são lançadas. No início do ano, ela não se interessava a participar em atividades de grande grupo. Agora acontece o contrário, destacando-se até.

## Anexo 48 - Entrevista ao Pai da Criança A.

Data: 11 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 2 | 39 anos | Masculino | Eletricista | 12º ano | -------- |

Perguntas:

1. **De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

De uma forma geral o comportamento da A. é de brincadeira e de autonomia, ela consegue ser sempre independente na sua brincadeira, mas também gosta de interagir com o pai, com a mãe ou com os primos e com o resto da família. Mas aqui em casa a A. interage muito nas rotinas, nas refeições, ajuda a colocar a loiça na máquina, ajuda a fazer a cama, a limpar o quarto dela, já participa em tudo quando quer.

A A. é bastante autónoma na sua própria brincadeira, consegue estar, durante algum tempo envolvida. Quando toma banho gosta muito de brincar com os seus brinquedos, gosta também de cantar.

Acho bastante engraçado, como a A. interage com os nossos vizinhos, pois quando quer falar com eles, abre a nossa porta de casa e vai tocar à porta do vizinho e fala com eles.

A A. não é uma criança que se goste de isolar, gosta muito que o pai e a mãe participem na brincadeira, gosta de nos mostrar coisas que já sabe fazer que antes não sabia. Em casa repete o que aprende na creche, gosta de nos ensinar a dançar e imita exatamente o vosso momento do "Bom Dia".

2. **Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?**

Eu senti que a A. deu um pulo muito grande, não só em tamanho, mas também no seu desenvolvimento. Em relação à linguagem, senti uma grande evolução, a terapia têm ajudado muito neste sentido, o apoio das pessoas da escola também tem sido extremamente importante, acho que têm feito um trabalho que, nós pais, não nos apercebemos, mas no final existem mudanças e isso graças a educadores, auxiliares, e à terapeuta da fala. Acho que a A. está num bom caminho.

**Entrevistadora**: A A. no início do ano utilizava os gestos para se comunicar ou expressar, acha que melhorou?

A A. já diz os plurais, mas ainda utiliza muitos gestos. Tudo é um processo, temos de confiar que vai dar certo.

A A. cresceu, está mais menina. Sinto que a minha filha está, cada vez mais, a expressar melhor os seus sentimentos e necessidades.

**Entrevistadora**: O que acha que pode ter acontecido para estas mudanças acontecerem?

Eu acho que tem haver com as hormonas do crescimento, do desenvolvimento do cérebro. Tenho a certeza de que a terapia da fala foi muito importante para esta mudança, o trabalho de educadores e auxiliares foi bem feito.

A A. transitou para a sala dos 3 anos com a mesma educadora e auxiliar, acho que isso também foi importante para gerar proximidade e depois confiança.

3. **Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**

O momento em que comecei a notar mais diferença foi a partir do início da terapia da fala, porque comecei a sentir uma evolução na maneira de se expressar. A terapia veio na altura certa, e com a vossa ajuda ainda melhorou mais.

***3.1.*** **Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

Para além dos que disse em cima, não estou a ver mais nenhum.

4. **Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?**

A A. melhorou muito a esse nível. Sempre teve dificuldade em emprestar os seus brinquedos, algo que ao ser filha única, não ajuda. Mas quando está bem envolvida na brincadeira, com os primos, é algo que é bastante agradável de observar.

***4.1.*** **E com adultos?**

Acho que em relação aos adultos, a A. só se entrega, quando estabelece uma relação afetiva com a pessoa em questão. A A. analisa bem as pessoas e sabe em quem pode confiar. Algo que acontece e fico espantado, é que a A. só se relaciona com as pessoas mais próximas do pai ou da mãe. Como sabe que nós confiamos, ela percebe que também pode confiar.

5. **Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

A A. melhorou muito, está à vista de qualquer pessoa que existiu uma mudança de comportamento importante. No início do ano, a A. expressava-se pelo meio do isolamento, agora as coisas mudaram e começa a utilizar a expressão "Eu vou ficar triste", ou seja, começa a prever o sentimento.

Para nos conquistar e fazer com que nós aceitemos alguma coisa, junta as mãos ao peito e pede "por favor". Já se exprime através da linguagem, é exatamente isto que queríamos.

6. **A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**

Nas rotinas aqui de casa é extremamente autónoma e participativa.

***6.1.*** **Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

Neste momento a A. esta muito mais interativa. Já fica sozinha no banho, é o momento dela, enquanto estamos a fazer o jantar.

## Anexo 49 - Entrevista à Coordenadora Pedagógica da Instituição frequentada pela criança A.

Data: 12 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 3 | 50 anos | Feminino | Educadora de Infância/ Coordenadora da Creche | Mestrado em Educação Pré-escolar | 15 anos |

Perguntas:

1. **De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

A A. é uma criança que não pertence ao meu grupo, pelo que vou dar a minha opinião pelo que observo em grande grupo. Não tenho contacto com ela individualmente.

O que observo nesta altura é uma criança com muita vontade de fazer coisas e de interagir com os outros, curiosa, principalmente com vontade de interação, que era uma coisa que antes não se via tanto.

Mas sabes que no início do ano, até se via. Muitas vezes a A. entrava na minha sala e mostrava-se muito curiosa, bastante atenta, não se chegando muito nem às pessoas nem às coisas e ultimamente já a vejo a fazer esse exercício.

2. **Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?**

Desde o início do ano houve uma evolução enorme no comportamento da A., pelo que consigo observar, pois reparei que houve uma intervenção por parte da equipa pedagógica para ir ao encontro das necessidades da criança.

Tenho falado com a educadora, e o que me tem dito é que, no início do ano, tinha algum receio em não perceber o que a A. dizia e consequentemente a criança desistia da tentativa de conversa. Atualmente a educadora continua sem perceber, mas já existe uma tentativa, por parte da criança, de se fazer entender de outra maneira (por gestos). Até me deu um exemplo engraçado que define o que acabei de dizer, a A. estava a tentar dizer que a educadora estava no coração dela e que o coração dela fazia "PUM PUM" e depois retratou por gestos.

2.1- Senti muitas mudanças, muitas mesmo. A A. era uma criança que não dizia nada, nem uma palavra, parecia-me sempre assustada, sempre ausente. Estava na escola, mas era como se não estivesse. Na minha opinião não havia relação com ninguém, a criança não se sentia relacionada com as pessoas. Sabia que estava segura e que a auxiliavam no que fosse preciso e que as suas necessidades básicas eram asseguradas, mas efetivamente, para além de não se evidenciar, era uma criança "à parte" pois era a A. que se colocava nesta posição.

**3. Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**

A A. começou a modificar o seu comportamento, a partir do momento em que a educadora se começou a aproximar mais da sua família, mais especificamente da sua mãe. Foi muito notório, aconteceu com o espaço de uma semana. Começou a notar-se uma abertura e uma alegria no rosto da criança que nunca tínhamos observado.

Eu acho que de alguma forma, a A. percebeu que a mãe confiava na educadora, que a educadora também criou uma relação com a sua mãe e desta forma, não sei, se a criança percebeu, sentiu ou intuiu o que se estava a passar, mas foi a partir desse momento.

**3.1 Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

É claro que achamos que houve outras componentes que ajudaram a A. a desenvolver-se, mas, apesar de ter começado na terapia da fala, percebemos e sentimos que a parte principal não foi, de todo, a intervenção técnica, mas sim uma intervenção a nível emocional e de relação.

Pois a intervenção técnica nunca se poderia ter iniciado, caso não houvesse uma relação já desenvolvida, portanto a A. nunca iria confiar numa pessoa de fora.

Como já referi a criança em questão, no início do ano não confiava nas pessoas que passavam o dia com ela, só depois de estabelecer uma relação afetiva e efetiva com as pessoas do colégio é que se conseguiu abrir para receber uma pessoa "exterior à escola", a terapeuta da fala, e conseguir alcançar todos os progressos que foram tão significativos.

**4. Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?**

A interação da A. com os pares evoluiu muito, porque também a sua capacidade de comunicação aumentou e atualmente conseguimos ver a A. a ser líder das brincadeiras ou a estar muito mais à vontade para entrar nas outras salas da instituição para interagir com

os outros, para entrar nas brincadeiras dos mais pequenos, com isto, nota-se uma segurança e uma presença dela própria. Hoje "ela está presente" e é presente, a A. começa a sentir-se contente com este feito avançando nas suas conquistas.

Em relação aos pares, também começam a sentir que ela está ali para os ajudar e para ser um exemplo.

Sem dúvida que têm sido uma evolução gradual, neste momento sinto-a mesmo à vontade, integrada, feliz, solta e sobretudo autónoma nas suas escolhas, nas suas decisões quando brinca com os pares, em reclamar quando se sente injustiçada em alguma situação. Ela sempre teve uma personalidade forte, mas agora desabrochou.

**4.1 E com adultos?**

A A. já está familiarizada com os adultos da instituição, fala bastante e mostra-se aos outros sente-se muito mais segura para abordar os outros e para se aproximar, caso seja necessário. É claro que não tem confiança, com todas da mesma maneira, mas se precisar e quiser a A. já percebeu que pode chegar a nós.

**5. Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

Como já referi anteriormente, a A. não é uma criança que faz parte do meu grupo, portanto o contacto que tenho com ela é, quase sempre em grande grupo. Apesar disso, já consigo observar que atualmente expressa-se convenientemente, de acordo com as suas necessidades e com o que sente. Já a vi bastante zangada, já a vi bastante contente, já vi a querer socializar com os pares e a pedir coisas a adultos. Mediante as suas necessidades, a tentar que o adulto a perceba e que a ajude no que ela precisa.

**Entrevistadora:** Mas sente que ainda existe muita dificuldade nesse processo?

Houve uma evolução enorme, atualmente parece-me uma comunicação muito mais natural, embora com alguma dificuldade ainda, mas é natural, não sinto que seja um esforço enorme para a A.

Posso dar um exemplo recente, de quando estávamos todos juntos no exterior, a A. estava com uma cara meio desagradada com alguma coisa, e eu cheguei ao pé dela e perguntei-lhe se estava zangada, obtive um "não" como resposta, por parte da criança, e depois voltei a perguntar se estava triste ao qual já obtive um "sim" como resposta evidenciando que tinha estado a chorar o dia todo porque queria a sua mãe, eu respondi que compreendia, mas que a mãe tem de trabalhar e que voltava no final do dia. Mas senti que, de alguma forma, a consegui reconfortar e fiz com que se sentisse compreendida. Mas no final ela entendeu a mensagem que tentei transmitir.

**6. A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**

Em relação às atividades pedagógicas, não conheço a A. o suficiente para poder abordar este assunto. Mas em relação às rotinas, pelo que consigo observar quando estamos juntos, que é, por exemplo na casa de banho, quando a A. aparece sozinha e é totalmente autónoma no exercício. Quando lhe pergunto o que irá fazer ela responde, a maior parte das vezes diz "xixi" ou diz "mãos". Mediante isto, sinto-a bastante autónoma na sua higiene pessoal, mas também já aconteceu, estar no exterior com a A., e a A. precisar de ajuda para limpar o nariz, apenas apontando para o mesmo. Não foi bem um pedido para limpar, mas um apontamento a si própria de que precisa de ajuda.

**6.1 Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

A coordenadora não soube responder a esta pergunta, pois não está tempo suficiente com a A. para poder responder.

## Anexo 50 - Entrevista à Auxiliar de Ação Educativa da Sala 3, frequentada pela Criança A.

Data: 22 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 4 | 34 | Feminino | Auxiliar de Ação Educativa | 12º ano | 4 anos |

Perguntas:

1. **De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

De uma forma geral o comportamento da A. tem sido muito bom ao longo do ano letivo, e é com muito orgulho que posso dizer que vi a sua evolução. Uma criança com medo e sem se saber expressar, com pouco vocabulário, mas com um olhar tao meigo e tão transparente, como de quem fala com os olhos e só os mais atentos é que entendem o que a A. quer dizer, sem dizer uma única palavra.

2. **Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?**

Senti claramente uma mudança no comportamento da A., fui sentido ao longo do ano, mas o momento mais marcante foi o dia em que a educadora da sala 3 interveio e abordou os pais de maneira a falarem abertamente sobre a situação da criança. Acho que foi aí que o "click" se deu, tanto no comportamento dos pais como no da A. principalmente. Ela só precisava que parassem um pouco para olharem para ela, fora da rotina do dia-a-dia e que fosse um momento mais dedicado a ela.

3. **Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**

No início do ano a A. era uma criança que falava pelo olhar e não vocalizava uma palavra, antes da reunião com os pais, notamos que ela não conseguia exprimir o que sentia e nem o que queria e com isso vinham as reações de choro e frustração pelo facto de que ninguém a compreendia, acabando, em raras exceções, por se magoar a si própria. Nunca foi recetiva a carinho/mimo, assim como o brincar com os seus pares, nunca foi de brincar em grupo, dia as suas brincadeiras serem mais solitárias.

Mas tudo foi mudando e gradualmente a A. foi mudando o seu comportamento, com a presença da equipa pedagógica a envolver-se, acompanhando a A. nas suas brincadeiras,

ajudando nas palavras-chave para que aconteça um "desbloqueio" na conversa com ela. Está mais aberta à conversa com adulto, o exemplo mais recente foi ter chegado ao pé da sua educadora e ter dado um abraço com um sorriso bem largo no rosto, e aí as coisas foram correndo de forma bem mais fluida.

Assim como na brincadeira com os pares, já sabe liderar as brincadeiras, já vai descrevendo o que está a fazer, ou até fala connosco sobre um ou outro assunto, como o que fez no fim de semana.

***3.1.*** **Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

Na minha perceção o fator escola e casa têm de estar conectadas e a escola tem de saber a base da criança, e de como interage em casa. Havia informação da qual nós (escola) desconhecíamos, mas, na minha perspetiva é fundamental que a escola perceba o que se está a passar para também intervir, de maneira a conseguirmos proteger a criança e ajudar a família. Quando começámos a perceber o que se passava no seio familiar, começámos a entender melhor as reações da A. A nossa intenção nunca foi desistir de a ajudar e isso foi fundamental para a criança.

4. **Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?**

No início, a comunicação da criança era reduzida, dai brincar mais sozinha e no seu "mundinho". Não partilhava brinquedos, de maneira alguma. Ao longo do ano letivo, foi ficando cada vez mais aberta às brincadeiras com os pares mostrando cada vez mais confiança nas suas ações.

**4.1 E com adultos?**

A relação com os adultos da instituição foi crescendo também, começou por não dar muita confiança, mas com o tempo, e percebendo que para além dos adultos da sala, também poderia confiar nos restantes adultos do colégio para contar alguma novidade/acontecimento e até, simplesmente, abraçar e dar um beijinho.

5. **Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

Neste momento a A. consegue expressar-se muito bem, por vezes ainda se atrapalha na comunicação, mas tentamos que fale com mais calma, logo aí conseguimos percebê-la melhor. A criança em questão teve alterações positivas ao longo do ano, foi gradual. Nas suas ações já se encontra mais confiante. Já se integra bastante nas brincadeiras com os amiguinhos.

Sinto que a relação, quer com os adultos da sala, como com os seus pares tem vindo a melhorar substancialmente, aceita receber carinho, mimo, colinho e também demonstra carinho pelas referências da sala.

6. **A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**

   **5.1. Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

A A. é uma menina bastante autónoma, no início do ano letivo começou o desfralde e correu muito bem desde aí, que quando quer ir à casa de banho ela pede e vai sozinha, outra reação bastante engraçada é quando veste a roupa do lado do avesso, pois sabe reconhecer o engano.

Nas atividades pedagógicas, ela foi sempre participando, notei claramente que prefere fazer desenhos, no início abstrato, mas com o passar do tempo foram ganhando outra forma, mais cores no papel e com muito mais sentido.

***6.*1 Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

A A. gosta de participar nas atividades e tem-se mostrado bastante expressiva e comunicativa ao longo do ano letivo. No início era mais acanhada e no seu canto, não sentindo confiança em si mesma, mas com o passar do tempo a A. foi mostrando o seu gosto pela pintura e os seus desenhos foram ganhando cada vez mais sentido. A hora do tapete também já é mais apetecida, já quer partilhar algum acontecimento com os seus pares.

## Anexo 51 - Entrevista à Mãe da Criança A.

Data: 23 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 5 | 25 | Feminino | Pasteleira | 12º ano | --------- |

Perguntas:

1. **De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

A A. em casa, é bastante sossegadinha, bem-comportada, na verdade é uma criança normal, faz as birras dela de vez em quando, mas é normal, não vejo nada de anormal.

Não reage muito bem ao "Não", por exemplo, quando quer muito satisfazer uma necessidade, e eu digo "Não", porque no momento não é possível, ela responde-me "Não quero mais ser tua amiga" e amua virando as costas, surpreendo-me muito com estas respostas.

Sinto que está, cada vez mais, apegada a mim, tem sido um período mais difícil pois tenho passado menos tempo em casa, ou seja, com ela. Na hora de deixá-la na escola, ela diz sempre que quer ficar comigo em casa, isso parte-me o coração.

Tenho noção que a minha rotina mudou completamente e que pode ter influenciado a A. de alguma maneira. Já não estou tão presente na rotina dela como gostaria, passou o pai a ir buscá-la a maior parte dos dias.

Chora, todos os dias, quando a vou deixar à escolinha, isto é algo que não me deixa nada confortável. Sinto que devia estar mais presente, mas infelizmente com o trabalho não consigo.

2. **Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?**

Houve um dia em que a educadora Pipa foi lá a casa buscar uma coisa que tinha lá para ela e a A. ficou mesmo contente de a ver. Ocorreram muitas mudanças na vida da A., eu e o pai separamo-nos e consequentemente mudámos de casa. Tive o cuidado de falar com a educadora da sala para lhe pôr a par do que se estava a passar, pois estava com receio que a A. se comportasse de alguma maneira que não estivessem habituadas e para, de certa forma, compreenderem as atitudes.

Entre dezembro e janeiro estivemos um longo período em casa, foram três semanas, onde estivemos sempre muito juntinhas e deu para restabelecer o tempo perdido. Depois

deste período, quando voltou para a escola, já dizia o nome da educadora "Pipa", já dizia algumas coisas que antes, no início do ano, não dizia de todo. A educadora da sala, numa reunião que tivemos deu-me algumas estratégias para utilizar com a A., mas o que senti é que a minha filha precisava de tempo comigo e só comigo. Acho que a partir desse momento a A. se soltou mais. Sinto, também, que a A. se sente mais destabilizada quando o pai promete aparecer e não o faz, acho que fica baralhada.

O meu maior desafio é criar rotinas com a A., apesar de que acho essencial e tento sempre fazê-lo de alguma maneira, mesmo não estando presente em alguns momentos.

Um momento que destaco é a reunião com a educadora, na verdade, acho que foi mais benéfico para mim do que para a A. pois a grande mudança no comportamento dela deu-se quando ficou um longo período comigo em casa.

**3. Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**

Como referi anteriormente foi desde as minifériasas passadas comigo em casa, juntas, a recuperar o tempo perdido. Confesso que a terapia da fala também foi bastante benéfica para a mudança no comportamento da A.

***3.1.*** **Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

Acho que já disse todos.

**4. Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?**

Pelo que tenho observado, a A. ajuda as crianças mais novas que ela, pois tem primos mais novos e costuma ajudá-los em tudo o que necessitam. Não me choca, não emprestar os brinquedos dela, se não quiser emprestar não empresta.

***4.1 E com adultos?***

Sinto-a mais dada a adultos, sobretudo do colégio, sinto que existe relação de confiança com as mesmas, que antes não existia por falta de confiança da A.

5. **Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

A A. expressa-se muitas vezes através do choro. Às vezes arrependo-me de não lhe dizer mais vezes a palavra "Não", pois faço sempre o que ela quer e isso só lhe prejudica pois não sabe lidar com o "Não", fica muito frustrada, grita, chora, isola-se um pouco. Já reparei que comigo é pior do que com o pai ou com os avós.

6. **A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**

A A. é muito teimosa, não gosta de realizar algumas rotinas, não as gosta de fazer, como por exemplo, tomar banho, mas quando começa já as faz sozinha, gosta de escovar os dentes sozinha.

**6.1 Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

Desde que comecei a trabalhar não consigo estar presente nas rotinas e não sei como como está na parte das rotinas.

## Anexo 52 - Entrevista à Terapeuta da Fala que acompanhava a Criança A.

Data: 24 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 6 | 39 | Feminino | Terapeuta da fala | Mestrado | 15 |

Perguntas:

1. **De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

A A. é uma menina que colabora muito comigo. No início da terapia, ou seja, na primeira sessão, foi um pouco tímida, portanto até criar relação ainda demorou um pouco a entregar-se a mim. Mas a partir da segunda sessão, a A. já sabia para onde ia e com quem ia, já não se encontrava no desconhecido. É uma criança tímida, imatura e um pouco mimada.

Lembro-me da nossa 1ª sessão de terapia, a A. não queria sair dos braços da sua mãe, prolongou-se demasiado, mas a mãe passado 10 minutos viu que era a hora de sair e saiu deixando a criança a chorar, daí esta sessão não ter corrido tão bem.

Já na segunda sessão ela largou a mãe (pois tinham falado previamente em casa sobre o que se iria suceder) mas foi um pouco cautelosa, observando tudo o que a rodeia (que neste caso é lhe familiar pois estávamos no colégio). Durante estas sessões existiu uma particularidade na A. que acho bastante interessante, a criança em questão detesta ser contrariada e quando o é, fica muito frustrada dizendo "NÃO!". Numa das sessões pedi-lhe para me imitar, ela tentou, mas não estava a conseguir, então entrou num certo desespero e num estado de negação e consequentemente amuava muito mediante os acontecimentos negativos, não chegava a chorar.

2. **Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?**

Não consigo abordar o início do ano letivo, pois só comecei estas sessões de terapia com a A. em janeiro, mas poderei realizar uma comparação no período de tempo em que estive presente. É importante referir, também que a A. não era assídua, o que pode dificultar muito o meu trabalho, pois a consistência não é a mesma, e isto reflete-se nos resultados.

No início das nossas sessões a A. usava muito mais os gestos, o que atualmente já não acontece, pois passou a utilizar mais a comunicação. Tenho observado que ainda existe uma mistura destas duas expressões, o que é bom, pois ela quer ser compreendida a todo o custo. A parte emocional também está muito presente nas nossas sessões, sinto-a bastante instável e reparei que nestas últimas sessões tem feito chamadas de atenção. Bem sei que o facto de a mãe ter arranjado um novo trabalho e de passar menos tempo com a A. não ajuda e pode ser isso que esteja a causar este retrocesso.

Mas a nível da linguagem tem havido um avanço, sem dúvida, pois já sabe que é capaz de se expressar de outra maneira que não os gestos.

3. **Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**

Comecei a sentir as mudanças na A. a partir do momento em que percebeu que conseguia falar e que as pessoas a conseguiam compreender, isto foi 1 mês depois de termos iniciado a terapia.

*3.1.* **Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

Acho que a equipa da sala onde a A. está inserida tem feito um excelente trabalho nesse sentido, têm estado atentas e a investir mais na criança e na sua família, mais especificamente aos pais.

4. **Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?**

Não consigo responder a esta pergunta, pois não observo a A. com os pares.

4.1 **E com adultos?**

Na minha opinião a A., onde quer que se encontre, procura sempre um porto seguro, precisando sempre de um reforço positivo. Na relação comigo, acho que estamos num bom caminho, quando nos encontramos na escola, existe sempre uma troca de carinho.

5. **Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

A estratégia mais utilizada pela A. para se expressar é amuando e ficando irredutível em algumas situações. Nas nossas sessões ela não exterioriza verbalmente, não me lembro de dizer que estava triste ou contente por alguma razão, assume muitas vezes comportamentos imaturos, ou seja, como se regredisse na idade, muitas das vezes imite sons dos quais não consigo entender.

Sinto que existe uma instabilidade emocional na criança, não existe a consistência necessária, para que resulte. Mas já sinto um avanço extraordinário, na forma como se tenta expressar.

***6.*** **A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**

A A. é muito autónoma, nas nossas sessões já começa a realizar algumas escolhas básicas, mas que não deixam de ser importante para que o poder de decisão esteja do lado dela, como escolher a cor do lápis que quer usar, decidir sobre que jogo quer realizar. Nas sessões dou várias estratégias à criança para que possa tentar se expressar melhor, neste momento, sem a minha intervenção, a A. já o sabe fazer sozinha e utiliza, também, estas estratégias nas nossas sessões. Fico muito feliz com estes avanços.

***6.1.*** **Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

Desde o início das sessões, que tenho notado um avança significativo no comportamento da A. reconheço que a criação de uma relação que fomos construindo colocou-nos muito à vontade a partir da 4ª sessão.

Nas primeiras sessões tínhamos uma relação bastante "afastada", mas com o tempo e com a confiança que a A. foi ganhando comigo, sinto que estamos bastante mais cúmplices.

## Anexo 53 - Entrevista à Assessora da Direção da Instituição frequentada pela Criança A.

Data: 25 de julho de 2024

| Identificação | Idade | Género | Profissão | Nível de Escolaridade | Tempo de Experiência na Área |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado 7 | 35 | Feminino | Assessoria à direção | Mestrado em Pré-escolar e 1º ciclo | 10 anos |

Perguntas:

**1. De uma forma geral, como descreve o comportamento da A. em casa/escola?**

Bem isso é uma pergunta muito abrangente, com uma resposta, também ela muito abrangente. Na verdade, ao longo deste ano, o comportamento da A, transformou-se muito.

No início do ano, eu senti a A. completamente isolada, fechada sobre si. Até mais do que isso, eu acho que ela estava até confusa e desencontrada, acho que existia ali a uma anestesia, de tão ausente, é mesmo triste de se dizer isso. Ela parecia que não existia, mas depois houve efetivamente um trabalho da escola sobretudo da educadora e das auxiliares, parámos para pensar e atuar sobre esta criança. Sentimos que ela precisava de um olhar e de um investimento urgente. Lembro-me de no início do ano assistir a comportamentos completamente desadequados.

Houve uma vez que se deitou no chão à porta da escola mesmo com a cara no chão, parecia que não estava cá. Parecia que havia uma realidade paralela e era como se a A, estivesse muito distante do mundo real e dos outros.

Realmente esta situação toucou-me imenso e acho que nos tocou a todos enquanto escola. Havia aqui também uma dúvida, se este comportamento era "só" por questões emocionais, se havia alguma questão de atraso de desenvolvimento ou por questão patológica associada embora o nosso feeling era de questões emocionais. E era mesmo por aí que tínhamos de começar. Aliás, é sempre por aí que temos de começar.

Com esse olhar e investimento sobre a A., fomos observando uma transformação do comportamento que acho que foi comovente. A A. fez um caminho desde o isolamento até ao ponto de se sentir cúmplice dos outros, mais próxima e, às vezes, líder de brincadeiras e não existe nada que nos deixe mais contentes do que ver a luz de uma criança brilhar por se sentir amada.

**2. Comparativamente ao início do ano, sentiu alguma mudança no comportamento da A? Se sim, que mudanças sentiu e porque acha que ocorreram?**

Bem acho que já respondi a essa pergunta na resposta anterior. Houve imensa mudança, foi efetivamente uma grande transformação, como da noite para o dia.

Acho que o ponto chave foi efetivamente a educadora ter "arregaçado mangas" para ir ao encontro desta criança e da sua família. Esta criança sentia-se longe e com isso a sua família também, a distância que a criança sentia era também sentida pela família, precisavam mesmo de se sentir acolhidos de coração.

Claro que isto são coisas que não se vêm, só se sentem, mas o trabalho do educador é sobretudo esse, aquele que não se vê.

Claro que depois também aconteceram coisas como uma terapia da fala, que a ajudou muito a desenvolver ferramentas de expressão e comunicação, isso obviamente ajudou-a muito na aproximação dos outros, o que levo a que se sentisse muito bem. À medida que ia conseguindo dizer mais palavras ia sentido mais capacidade de comunicação e isso aproximava-a cada vez mais dos outros, logo sentia-se mais integrada.

Mas sobretudo era o seu *self* que ia ganhando dimensão, espaço, vida,… pois inicialmente estava muito mirrado ou até talvez definhado e depois foi como vê-la criar vida, brilhar, deixar o seu ser brilhar. Realmente é mesmo incrível como é a relação de vinculação, o amor, o interesse que fez com que ela sentisse isso, de que está cá, de que é válida, que a sua vida tem valor.

Naturalmente, com isso sentimos que a A. tem uma relação consigo própria mais positiva e com muito mais autoestima atualmente.

**3. Se respondeu afirmativamente à pergunta 2., a partir de que momento começou a sentir mudanças no comportamento da A.?**

Já respondi a tudo anteriormente, mas acho que isto foi uma sequência. Começou com uma conversa com a mãe, uma aproximação da escola com a família, a própria família começou a sentir-se pertença, começou a sentir-se acolhida, independentemente das falhas e das culpas. E depois naturalmente as coisas acontecem.

Quando a família se sente acolhida começa a abrir-se e a confiar, naturalmente a criança também sente. Depois é como acontece em todas as relações, a família começou a sentir-se acolhida e isso levou a sentir-se mais segura. Começaram a comunicar cada vez mais, a relação começou a construir-se neste sentido, com muita confiança, ligação, no fundo a construção do vínculo.

E depois quando a família se sente assim então aí dá-se um salto enorme porque a criança sente isso da própria família e pode confiar também. No fundo há uma entrega da escola para a família e naturalmente, da família para a escola começaram a ser criados laços.

**3.1 Que outros acontecimentos acha que influenciaram essa alteração no comportamento da A.?**

O primeiro grande acontecimento foi a educadora ter tido a iniciativa de se aproximar ainda mais da A. e de ter pedido à família uma conversa. Essa conversa acho que foi o grande sinal de que havia realmente uma grande vontade de olhar, acolher e investir nesta criança, a família, sobretudo a mãe, sentiu esse "abraço" da escola e aí acho que foi o

ponto de viragem, sobretudo, quando a mãe começou a perceber que poderia confiar e que era mesmo querida pela escola.

A partir desse momento, começou a levar a A. para escola com alegria e com outra confiança pois passou a confiar mais na escola com isso…. e obviamente as crianças sentem tudo o que os pais sentem…. a A. sentiu essa confiança e abertura da família em relação à escola por isso também ela começou a confiar, a abrir-se mais a dar-se mais. A partir disto os acontecimentos foram diários.

Mais do que pensar em alteração do comportamento, faz sentido pensar em transformação.

Foi um caminho, uma sucessão de acontecimentos que todos os dias e consequentemente iam abrindo caminho para a A., faziam com que tivesse mais interações com as outras crianças e com os adultos.

Tudo isto fez com que a A. se aproximasse daquilo que estava a acontecer e depois o comportamento dela também influenciava o grupo. Tudo são acontecimentos, o dia-a-dia. Agora acho que para além desta aproximação da educadora da família à A. a questão da terapia da fala ajudou.

## 4 Como tem sido a interação da A. com os pares e com o grupo de pares, desde setembro até agora?

Acho que esta é a pergunta que eu vou gostar mais de responder, que foi efetivamente comovente e uma grande alegria ver o que foi acontecendo.

A A. do início do ano, que estava isolada passou a ser uma criança que começou também a ir ao encontro dos adultos, mas também das crianças. Foi percebendo, e sobretudo sentindo, que tinha um lugar perto dos outros e por isso foi ganhando confiança, e à vontade para ser cada vez mais espontânea com os pares.

É muito giro vermos, relembramo-nos do movimento dela. Primeiro estava isolada, depois começou um "movimento" de aproximação aos outros e aos poucos foi interagindo com eles. À medida que o ia fazendo ia ficando cada vez mais "dentro" do grupo e das brincadeiras de pares. Depois disso foi se tornando cada vez mais participativa nessas brincadeiras até chegar a uma altura em que era quase uma atriz principal e organizadora de dinâmicas de grupo.

Acho que não tenho outra maneira de dizer isto… É mesmo comovente perceber como o investimento, a aproximação, o amor, a relação de vinculação que o adulto constrói com a criança pode transformar a sua vida naquele momento, mas certamente com efeito no futuro. É por isto que estou sempre a dizer que a educação tem um papel imenso na saúde mental, e na saúde de cada pessoa e da sociedade.

### 4.1 E os adultos

Com os adultos, foi um acrescente, está cada vez mais a sentir que é amada pelos adultos e consequentemente mais à vontade para ir ao encontro do adulto a pedir ajuda, para brincar, para estar, para pedir colo por saber que era bem-vinda ali e querida. A A. passou a ter a certeza que era amada por estes adultos.

Acho que na verdade o que aconteceu foi, inicialmente os adultos abriram "uma porta" para o a caminho da relação e a A, sentiu que essa porta nunca mais se fechou e foi sendo cada vez maior.

**5 Como a A. expressa e comunica os seus pensamentos e emoções? Sentiu alterações na capacidade da A. se expressar e comunicar ao longo deste ano letivo?**

Sim claramente, no início era muito pouca a expressão, havia muita anestesia, depois quando sentiu que os outros iam ao encontro dela começou a sentir que também poderia ir ao encontro dos outros, para mostrar, primeiro, o que precisava e depois mais tarde, e felizmente, também o que queria e o que sentia, fazia-o muito com gestos e sons.

Depois começou a utilizar algumas palavras, o que também ajudou à expressão e comunicação. Também houve coisas que se foram observando. A expressão facial da A., no início, era claramente fechada e com poucas alterações. No início, havia uma monotonia na expressão fácil, mas ao longo do ano começámos a observar mais sorriso e a ter cada vez mais a liberdade de expressar os seus sofrimentos. À medida que o ano foi avançando, fomos capaz de observar mais sorrisos e choro.

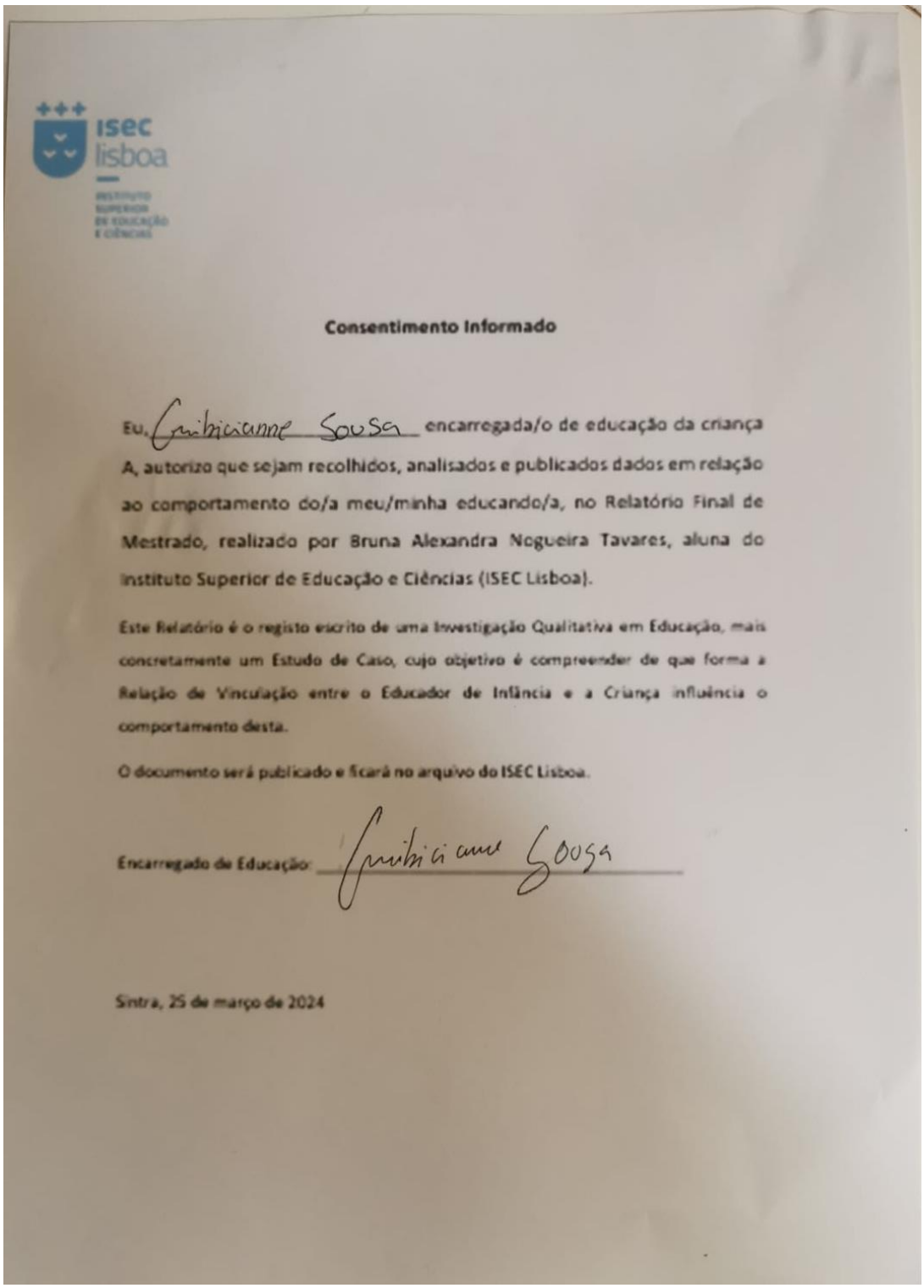
**6 A A. é autónoma nas rotinas e nas atividades pedagógicas? Se sim, quais os comportamentos da A. que revelam essa autonomia?**

Desde sempre a A. mostrou imensas competências cognitivas e sempre foi muito responsiva. O que mostra que compreendia sempre tudo, tanto nas rotinas como no ganho de autonomia e independência no dia-a-dia e também nas atividades orientadas, e por isso, é difícil dizer a evolução que existiu. Embora tenha sido evidente sobretudo pela espontaneidade, ou seja, sempre que a equipa pedagógica ia ao encontro da A. nas rotinas e nas atividades, ela correspondia ao que era pedido, mas quando se começou a sentir olhada começou a ter esta independência de uma forma espontânea, ou seja, por si, com iniciativa própria.

**6.1 Houve mudanças na participação da A. nas rotinas e nas atividades pedagógicas, ao longo deste ano letivo?**

Já respondido anteriormente.

## Consentimentos e Autorizações



**Consentimento Informado**

Eu, Guiviviane Sousa encarregada/o de educação da criança A, autorizo que sejam recolhidos, analisados e publicados dados em relação ao comportamento do/a meu/minha educando/a, no Relatório Final de Mestrado, realizado por Bruna Alexandra Nogueira Tavares, aluna do Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa).

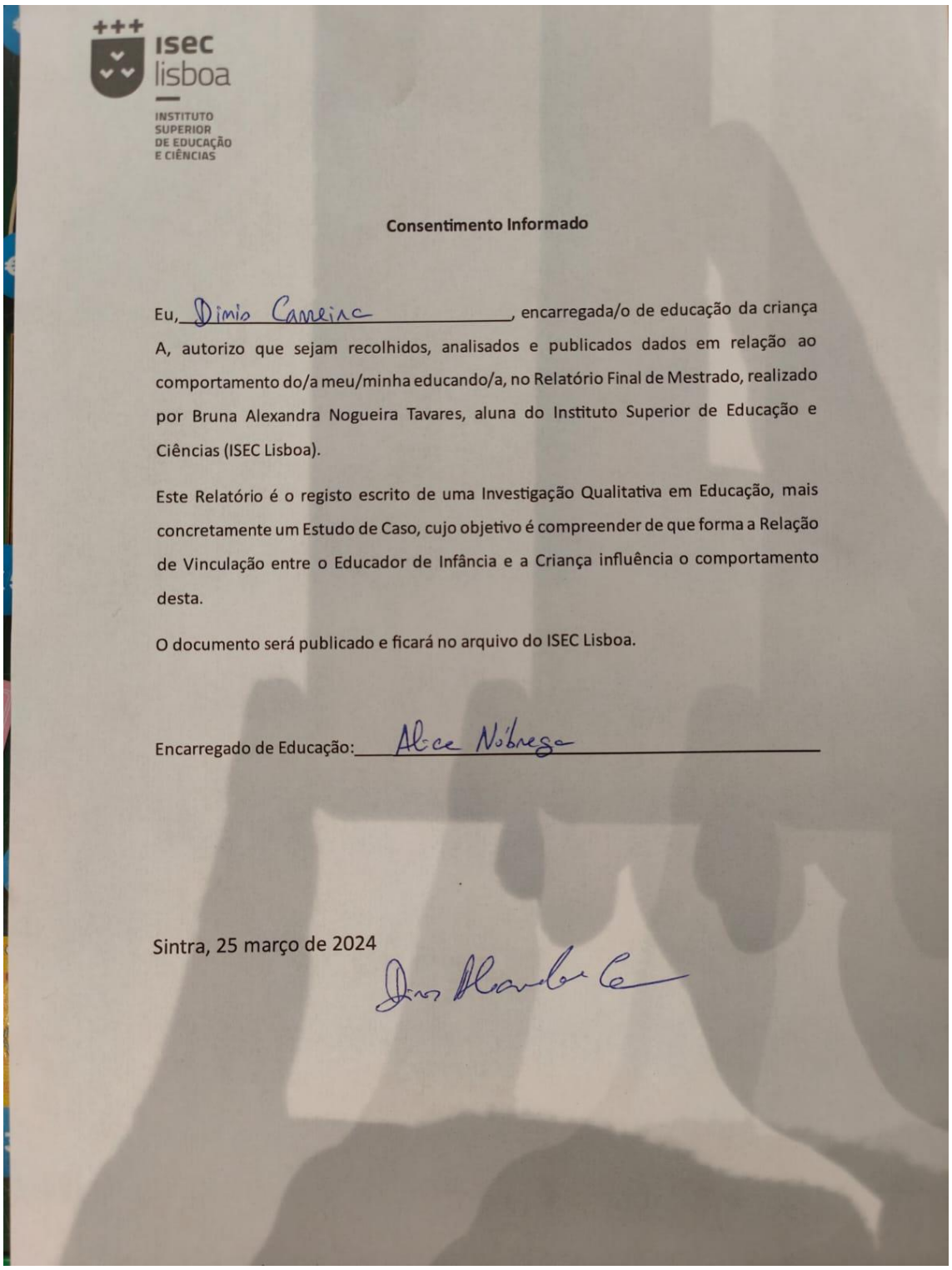
Este Relatório é o registo escrito de uma Investigação Qualitativa em Educação, mais concretamente um Estudo de Caso, cujo objetivo é compreender de que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança influência o comportamento desta.

O documento será publicado e ficará no arquivo do ISEC Lisboa.

Encarregado de Educação: Guiviviane Sousa

Sintra, 25 de março de 2024

**Anexo 54 - Consentimento Informado (Mãe da A)**



isec lisboa
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

**Consentimento Informado**

Eu, Dinis Carneiro, encarregada/o de educação da criança A, autorizo que sejam recolhidos, analisados e publicados dados em relação ao comportamento do/a meu/minha educando/a, no Relatório Final de Mestrado, realizado por Bruna Alexandra Nogueira Tavares, aluna do Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa).

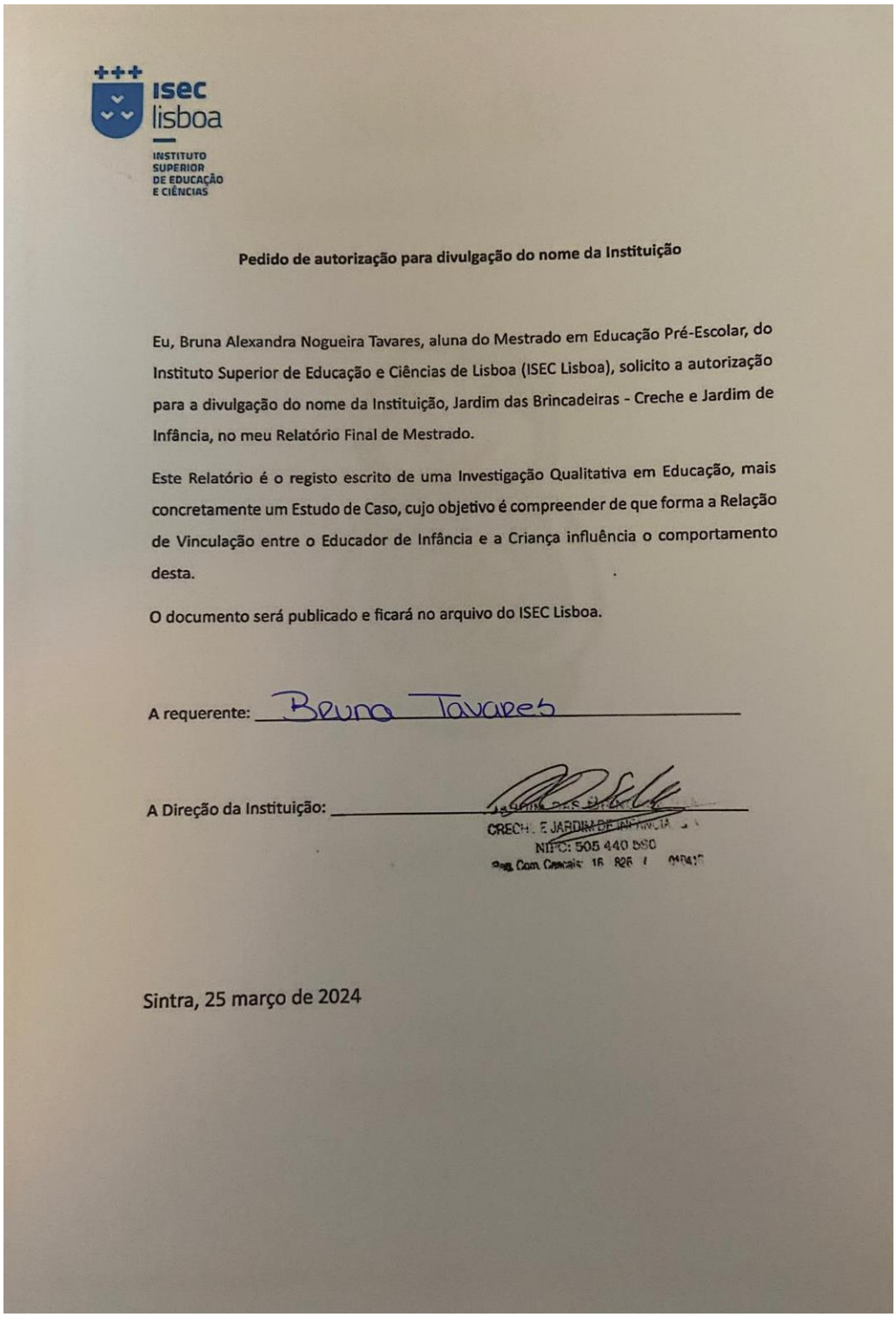
Este Relatório é o registo escrito de uma Investigação Qualitativa em Educação, mais concretamente um Estudo de Caso, cujo objetivo é compreender de que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança influência o comportamento desta.

O documento será publicado e ficará no arquivo do ISEC Lisboa.

Encarregado de Educação: Alice Nóbrega

Sintra, 25 março de 2024

**Anexo 55 - Consentimento Informado (Pai da A)**



isec lisboa
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

**Pedido de autorização para divulgação do nome da Instituição**

Eu, Bruna Alexandra Nogueira Tavares, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar, do Instituto Superior de Educação e Ciências de Lisboa (ISEC Lisboa), solicito a autorização para a divulgação do nome da Instituição, Jardim das Brincadeiras - Creche e Jardim de Infância, no meu Relatório Final de Mestrado.

Este Relatório é o registo escrito de uma Investigação Qualitativa em Educação, mais concretamente um Estudo de Caso, cujo objetivo é compreender de que forma a Relação de Vinculação entre o Educador de Infância e a Criança influência o comportamento desta.

O documento será publicado e ficará no arquivo do ISEC Lisboa.

A requerente: Bruna Tavares

A Direção da Instituição: _____

CRECHE E JARDIM DE INFÂNCIA
NIPC: 505 440 590

Sintra, 25 março de 2024

**Autorização para divulgação do nome da instituição**